

HG 52542

ECHOS DA REVOLUÇÃO

O 14 DE MAIO

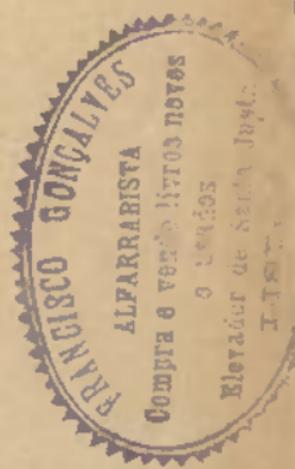
E A

CONSOLIDAÇÃO DA REPUBLICA PORTUGUEZA

PREFACIADO pelo eminente escriptor e jornalista,
devotado republicano e patriota

DR. MAGALHÃES LIMA

EDITOR E PROPRIETARIO



19, LARGO DO INTENDENTE, 19
1915

REGISTADOS TODOS OS DIREITOS
DE PROPRIEDADE

D'esta edição tiraram-se 500
exemplares em papel couché.

Composto e impresso no _____
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
_____ Largo da Abegoaria, 27
_____ LISBOA _____

PRÓLOGO

O 14 DE MAIO

O SEU SIGNIFICADO POLITICO E MORAL.
O ESPIRITO REPUBLICANO.

O 14 de Maio revestiu, a meu vêr, dois aspectos: o aspecto politico e o aspecto moral.

Politicamente, foi uma prova provada de que o poder legislativo existe indefetivelmente em Portugal e que não ha força, por mais poderosa, capaz de o abatar, assim como não ha força, por mais poderosa, capaz de esmagar a vontade popular, que se manifestou heroicamente numa Revolução purificadora, em nome da Ordem e em nome da Lei, para que a ordem se mantenha, contra todos os sediciosos do poder e para que a lei seja respeitada e dignificada, contra o arbitrio, contra a iniquidade e contra a violencia, que atingiu a par e passo a soberania nacional, a autonomia local e a propria independencia do poder legislativo.

Moralmente, ela foi, na hora grave que atravessavamos, de altas responsabilidades para todos, em que o sacrificio e o dever se impunham, em nome da salvação publica, uma manifestação

etoquente da necessidade instante de impôr silencio ás paixões e aos conflitos partidarios, de fazer calar os nossos agravos e resentimentos pessoas, de esquecer erros passados e de fazer vida nova, vida nobre e fecunda para o amôr, para a bondade, para a concordia, para a tolerancia e para a betteza morat.

Por isso se me afigura que todas as palavras são ociosas e inuteis, perante a grandeza do ato, que importa a nossa imensa piedade e a nossa admiração comovida para com os que caíram na estacada, defendendo a tiberdade ultrajada, a necessidade de cuidar dos sobreviventes, auxiliando-os quer moral, quer materialmente, e a satisfação incomparavel de saudar e de actinar, num frémito sagrado, a armada, o exercito e o povo, com o enternecimento de todo o bom portugnês, que deseja vêr a sua patria livre, forte, respeitada e independente.

Nesta hora, não pode pois, haver outra preo-



Dr. Magalhães Lima

cupação que não seja a da defesa da República, honrando-a, engrandecendo-a, glorificando-a e valorisando-a, pelo nosso esforço, pelo nosso trabalho, pelo nosso desinteresse, pelo nosso patriotismo e pela nossa união.

Pois quê??... Hade Portugal ser a unica excepção aos paizes da Europa? Assim como em França não ha senão francêses, ardendo no patriotismo de Joana d'Arc; assim como em Inglaterra, não ha senão inglêzes, servindo a boa causa; assim como na Belgica, não ha senão belgas e quem diz belgas diz herôes; assim como na Italia revive a tradição mazzinista e garibaldina da Italia irredenta; assim como na Servia não ha senão servios que nos recordam os bravos combatentes das Termopylas; assim tambem em Portugal, não ha, não pôde nem deve haver senão portugnêses, não ha, não pôde nem deve haver senão republicanos, irmanados muna mesma familia, ligados, unidos, vinculados e

fundidos num mesmo pensamento, num mesmo sentimento e numa mesma vontade, e congregados numa mesma aspiração libertadora e patriótica.

Eu pertenci a uma geração que possuía o respeito e o culto dos principios; dos imortaes principios, de que muitos desdenhavam, mas que constituíam o timbre do nosso character. Incorrigivel e impenitente, quero mantêr intacta a unidade da minha vida. A minha bandeira não mudou; a minha creença é sempre a mesma e sente-se bem ao lado da immortalidade dos mestres queridos.

Nós, os velhos republicanos, nunca pensámos em vêr a Republica proclamada em Portugal. Eramos republicanos, simplesmente pelo amôr dos principios, sem olhar a interesses ou conveniencias de qualquer natureza. Por elles lutámos com ardôr, com fê, com entusiasmo e com abnegação e por elles lutaremos até morrer.

Por isso apelo para todos os meus antigos irmãos de armas, para todos os bravos paladinos que encontrei na refrega ao meu lado, a fim de os exortar ao cumprimento do dever.

Os ultimos acontecimentos provaram que o povo é o mesmo de 5 de Outubro e que a raça é a mesma dos tempos heroicos do passado. E um paiz que possui taes condições é um paiz que vive e viverá para a historia n'uma immortalidade perene.

Podeis matar-me, triturar-me, reduzir-me a cinza, dizia um filosofo stoico para o seu feroz inquisidor. Mas não lograreis nunca possuir o meu espirito.

O mesmo poderemos nós dizer aos que violaram a Constituição, calcaram as leis e abusaram do poder. A ditadura nefasta ameaçava levar-nos ao despotismo mais afrontoso, pelo desrespeito da Constituição, por uma perseguição acintosa e systematica, pela concessão de uma

amnístia insensàta e odiosa que representava uma transigencia repugnante e covarde com os inimigos da Republica. Mas não logrou matar o espirito republicano. E é esse espirito, luminoso e vivo, inimigo de todas as tiranias e incompativel com todos os abusos, que me cabe glorificar. E foi esse espirito redentor que saiu triunfante da Révolução, o que tanto monta dizer que a Republica é inabalavel e está hoje mais firme e consolidada do que nunca.

*Viva a armada, viva o exercito, viva o povo!
Viva a Republica!*

Magalhães Lima

Lisboa, Junho de 1915.

PRELIMINARES

A todas as revoluções succede um periodo mais ou menos cahotico, durando anos ou menses, conforme a grandeza e a importancia da convulsão social que a imprime.

Na revolução de 5 de Outubro, ao baquear dos 80 anos de constitucionalismo e dum trono, por si proprio desmoralizado, na crapula e na fraude, revivia toda a esperança duma reforma completa da vida portuguesa.

Ao cahir das instituições deviam cahir os seus processos.

Assim pensaram pelo menos todos os ardentes e apaixonados do ideal novo, conquistado com bocas de fogo e metralha de bombas.

Esperavam, uns tremulos, outros cheios da alegria pela civilizadora marcha do progresso, que, passadas as horas de luta, outras viriam, não menos belas, nem de menos inimigos acerrimos: as da guerra às convenções, às formas e processos velhos.

Mesmo mais do que isso. A revolução triunfante, o paiz, e principalmente os apaniguados do velho regime com a consciencia pouco tranquila, esperavam que se seguisse a hora da perseguição, do saneamento, a revolução da demagogia contra o passado.

Mas, num quadro unico da historia de todas as nações, a Republica, vencedôra e magnanima, esquecia numa benevolencia cega e pacificadôra todos os erros e crimes passados, e, fechando os olhos, abrindo os braços a todos, como irmãos de raça e de patria, clamava só por *Paz, Trabalho e Amôr*.

Ante o mundo, apontando, embevecido e admirado o movimento excecional e grandiozo dum povo que sabe perdoar quando vence, e confraternizam o inimigo de hontem para que o trabalho redima a Patria, os velhos serventuarios do regime deposto crearam alento.

Onde havia magnanimidade, surgiu-lhes tibieza, onde estava generosidade julgaram receio. E então, aqueles que no momento do perigo desapareceram todos, ante o saldar que temiam, começaram indignamente a penetrar e erguer a discordia na grande familia republicana.

E a Europa, o mundo todo, que atonito ficara ante a revolução grandioza, mais atonito em breve continua, quando, nesse regime embrionario, vê, em três, quatro mêses apenas de existencia, surgirem ás escancaras, orgãos defensôres, paladinos da cauza abatida.

O mundo pasma ao ver, num curto espaço de tempo medeado, conspirações dentro e fôra do paiz, com o auxilio e apoio mais ou menos perfido duma nação estrangeira.

E foi assim, desde esses primeiros momentos de magnanimidade, julgada fraqueza, que surgiu para Portugal a era de discordia e sangue que o vem estrangulando.

De ano para ano, conspirações, revoltas prontamente sufocadas, manifestações e incursões, mixto de tragico e cómico, entravaram a marcha da Republica que deseja trabalhar, e, lançam no sobresalto e na incerteza toda a vida nacional.

Mas a ação mais pernicioza, é porém aquela onde a insidia lavrou. Levando ao maximo a desunião dos velhos republicanos, desagregando essa força unica e poderosa que derrubara o velho trono, ateando paixões, insuflando rancôres, de leve, de rastros, na sombra, envenenando as intenções mais nobres, a obra dos monarchicos foi sempre alastrando até aos ultimos tempos em que, attingiu os limites da ouzadia.

Os factos politicos levados por uma emaranhada rede de complicações sucedaneas, vieram ajudar a revolta de todas as consciencias, contra esse manejo surdo e por vezes arrogante dos serventuarios da monarchia.

Desse conjunto de situações, levadas ao maximo de anti-democratismo, nasceu o movimento que a historia apontará como: *O 14 de Maio*.

Para o compreender melhor, é seguir de algo atraz a marcha politica da joyen Republica, atentando sempre, na ação dissolvente dos monarchicos e da sua influencia sobre os inconscientes e sobre os moderados.

Quando o gabinete Bernardino Machado caiu em meados de Dezembro de 1914, deixára sem solução uma das questões mais graves da politica da Republica, porque

dizia respeito á sua vida externa. A intervenção armada de Portugal no grande conflito internacional, ditada pela consciencia dos patriotas comprehendedores da aliança ingleza, ditada por pedidos da propria nação amiga, conforme o proprio ministro da guerra do gabinete, sr. General Pereira d'Eça o declarou, foram a mola vital dum *gachis* parlamentar que se desdobrou para toda a politica, abrangendo o Exercito e desvirtuando-lhe a essencia.

Logo que se iniciou o movimento a favôr do envio dumã divisão completa a honrar o nome portugês nas legiões aliadas; duas grandes correntes se iniciaram, a que não foram alheios os proprio chefes de partido.

Uma, com os democráticos á frente, exigindo em nome dos compromissos nacionaes o cumprimento dum dever de aliança; outra, com Brito Camacho guiando os pensamentos e atos, contra qualquer bravata desnecessaria, desde que a Inglaterra não tivesse *reclamado*, pedido, a cooperação de Portugal no conllito.

Não era por certo uma corrente de covardia como os adversarios a apodaram, visto que esta facção aplaudia o envio de contingentes, elevados até, ás nossas colonias onde eram necessarios. Era a opinião moderada dos que não concordavam no facto do destino das nossas colonias se debater na Europa. Houve discussão ampla, e as negociações encaminhavam-se para a solução do conllito com o regresso da nossa missão militar á Gran-Bretanha, a qual garantia como sér o desejo daquella nação que nós cooperassemos com o que podessemos.

Parecia inevitavel a nossa entrada na guerra, a todo o

instante aguardando-se o decreto de mobilização quando, passando o tempo e arrefecendo-se as paixões, tudo passou pouco a pouco sem nada de decisivo.

A politica, uma mola oculta, poderosa, pairava sobre os destinos de Portugal.

No parlamento, ante a interpelação d'um deputado democratico sobre a mobilização, o gabinete Bernardino Machado cahia sem nada ficar resolvido d'esse problema vital para o paiz.

Muito ao largo, sumariamente, continuamos a narrar os factos longinquamente originarios dos ultimos acontecimentos.

Depois d'uma crise governamental como tantas que a nova instituição tem atravessado, um governo absolutamente partidario antepôz-se a quaesquer ideas de um ministerio nacional, como as circunstancias de ocasião exigiam.

Esse ministerio apoiado pelos democraticos, sem elementos quasi de imposição, teve desde o inicio um desagrado absoluto da grande massa do paiz, e a opposição clara de unionistas e evolucionistas.

Este ministerio presidido por Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, que passou á historia com o apodo dos «Miséraveis, de Vitor Hugo» suscitou de novo as paixões partidarias, quer com respeito á decantada ação de Portugal no conflito europeu, quanto — e aqui é que estava o grande germen dissolvente — á execução das elições d'onde iriam sahir o futuro parlamento e a presidencia da Republica.

O conflicto e o completo desentendimento entre unionistas e a maioria parlamentar, levou-os primeiro a re-

nunciarem os seus mandatos, não sem que primeiramente tivessem por todas as fôrmas, as mais subtis, tentado opôr-se ao desejo absoluto dos democraticos, senhores com maioria absoluta, do parlamento.

O excesso de paixões, de rancor surdo que pairava no final de Janeiro, em Lisbôa, entre esses dois partidos era tão grande, que no ar andava apenas a palavra *revolução*, na atmosfera o pezo das horas tragicas d'um partido.

A Luta, jornal republicano de sempre, órgão dos unionistas, foi mandado suspender, os portões lacrados e guarda republicana colocada á porta.

Lisboa vivia sob a ameaça subita duma explosão de odios e facciosismos.

Até que um novo conflito surgiu com o Governo e lhe veiu dar o ultimo golpe.

A transferencia, acintáza ou não — não nos compete discutir esse facto aqui, além de que pouco interesse tem para as consequencias — d'um oficial da guarnição da Figueira da Foz, misturada com varias outras perseguições no exercito, levaram alguns officiaes dos regimentos de Lisboa, entre os quaes sinceros republicanos, a manifestarem-se ao lado do referido official, contra os regulamentos militares.

Novas transferencias desses, immediatamente o governo ordenava, quando n'uma estreita solidariedade, os officiaes quazi todos da guarnição de Lisboa entregam as suas espadas ao governo.

Na manhã de 24 de Janeiro um grande numero de officiaes de cavalaria entregava as suas espadas pondo-se

ao lado dos primeiros insubordinados. Durante esse dia quasi a totalidade do exercito se punha ao lado dos seus camaradas, n'um movimento que passara á historia sob o epíteto de *movimento das espadas*. Ante este conflicto entre o exercito e o governo, temendo alterações de ordem, pela madrugada de 25, o presidente do ministerio e o ministro do interior foram ao Sr. Presidente da Republica pedir poderes para atos de força, desejando de S. Ex.^a a assinatura do decreto suspendendo as garantias.

Não se chegou a este extremo.

O Sr. Manuel de Arriaga escreveu ao general Pimenta de Castro, seu prezado amigo, para se encarrregar de solucionar as questões politicas, e tomar conta da presidencia do governo.

Assim se fez nessa mesma madrugada e o general Castro tomou provisoriamente conta de todas as pastas até organização ulterior do gabinete.

E' aqui que se inicia um novo periodo de rebelião. Os democraticos lançados abrupta e desastrosamente do poder não poderam nunca tolerar essa derradeira afronta.

Entretanto o governo dava-lhe occasião para ir em lentamente animando a situação. Ao golpe de estado das espadas, pacifico, sem sangue, seguir-se-hia uma era de conciliação na familia portugueza, espressa na propria carta da presidencia ao general Castro.

Durante, com efeito, um mez, a politica do governo foi conciliadora, aparentando o sr. Pimenta de Castro a maxima indiferença aos gritos de incitamentos dos varios agrupamentos politicos.

Os proprios monarchicos gozavam de mais uma to-

lerancia, começada pela dissolução das cultuaes e liberdade maxima do seu culto que se exteriorizou imensamente na Semana Santa.

A 24 de fevereiro o primeiro decreto ditatorial abria o conflicto entre o governo e o partido democratico, o qual na pessoa do Dr. Afonso Costa oferecera ao governo a sua cooperação afim de, por intermedio do parlamento se introduzirem na lei eleitoral as modificações julgadas convenientes, e evitar assim os efeitos perniciosos duma ditadura em plena Republica.

A 4 de Março novo episodio surge a suscitar a animosidade do Partido Democratico contra o governo. O governo, para evitar a reunião do Congresso que os democraticos no uzo constitucional queriam que reunisse naquele dia, embora se tivessem logo comprometido a que não funcionaria por falta de numero, resolveu guardar o Parlamento por força militar, impedindo o ingresso dos seus membros.

Os democraticos foram reunir em S. João do Tojal no palacio da Mitra, e collocaram fóra da lei o governo.

Entretanto, já ás claras os monarchicos campeavam em todos os campos, regozijando-se com a tolerancia de Pimenta de Castro e a perseguição ao partido que mais os guerreava.

Dia a dia, os jornaes, as publicações afetas à monarchia surgiam a atacar a Republica que num ato de fraqueza os acolhia. *O Dia, A Nação, O Talassa, O Jornal da Noite, A ação nacional, Ideia Nacional, A quinzena da Portugal, Os Ridiculos*, etc., quotidianamente incitavam novas perseguições, tripudiavam como em regime conquistado.



ESPINDALLA

O ministério presidido por Pimenta de Castro, no dia da manifestação dos oficiais do exercito, em 11-4-915

Foi então que aquella ideia da revolução nascida tres dias depois da formação do gabinete Castro, e que encontrára apenas meia dúzia de individualidades do partido democratico acolhendo-a, tomou incremento e germinou em todos.

O que ao principio num golpe de audacia podia não passar de um ato de loucura, surgia apoz a reunião da Mitra como uma justa defeza de principios.

Os democraticos eram o partido expiatorio de todos os odios dos monarchicos à Republica. Vexados, escoraçados, ancearam o momento de rendença.

Na propaganda muda, no aliciamento pouco era preciso fazer. O governo, com varios atos ditatoriaes ia descontentando muitos que entileiraram ao lado dos democraticos.

A dissolução arbitraria e anti-constitucional das camaras municipaes, commissões administrativas do partido afonista, foi ainda mais um elo dessa cadeia de perseguições *doublè* de tolerancias para com os monarchicos que fazia dar, do general Pimenta de Castro, a ilusão dum *vendido*.

O ultimo factor da Revolução foi a anistia aos chefes conspiradores, não abrangidos pela anistia dada pōr Bernardino Machado.

Lavrou um sentimento de revolta no bom povo portugès, ao saber que os famigerados chefes dos movimentos perturbadores da Republica, os cabecilhas de todas as incursões, de Chaves, etc., que tanto, tanto dinheiro e desasocego trouxeram para o paiz, iam dar entrada, perdoados, anistiados, na terra a que tanto mal fizeram!

A ajuntar ao descóntentamento, daqueles que não per-

doavam ao governo ter mandado felicitar o representante alemão pelo aniversario do Kaizer, quando em Africa tropas dos dois paizes se combatiam, vinha este absolvemento das mais odeadas e nefandas personalidades da velha monarchia.

O rubro da indignação chegou, quando Paiva Couceiro, o guerrilheiro das incursões, o aventureiro da Galiza, em plenas ruas da Lisboa republicana, de pistola na mão, afrontava as iras populares.

Os monarchicos tinham-se como em plena monarchia. A toda a hora reclamavam medidas contra bons republicanos, e, parecia na realidade que, quer na policia, onde os seus elementos acutilavam barbaramente quem desse um viva a Republica, quer no Governo, onde uma politica de perseguições atuava, existia uma força oculta, poderosa, a guiar a vida da nação. E essa força não podia ser senão hostile à propria Republica, pois os decretos, nomeações, transferencias, repugnariam a qualquer espirito, por menos republicano que fosse.

Os monarchicos tinham um centro em plena cidade, planeavam um outro em Alcantara, e ramificavam-se, alastrando pelas provincias.

Dia a dia o seu incremento era maior, excitando o povo à conjura que se urdia.

Ante o ultimo decreto, ameaçando de prisão as juntas de parochia rebeldes, a explosão deu-se.

Era o inevitavel.

O comité revolucionario, começou organisando a valer o movimento, só depois do congresso da Mitra. Alvaro de Castro, com uma serenidade e uma energia

admiráveis, encarregou-se da parte militar; Antonio Maria da Silva, com a experiência da organização da Carbonaria para a revolução de 5 de outubro, não teve um momento de repouso na aliciação dos elementos civis; Freitas Ribeiro, com uma audácia que chegava por vezes aos extremos do perigo, lançou nos marinheiros o fermento da revolta.

Leote do Rego tinha sido convidado a assumir o comando das forças de todos os navios. Praticou verdadeiros prodígios; nos quinze dias que antecederam o movimento para a disciplina dos elementos revolucionários que iam ficar sob a sua direcção suprema. Tinha as relações cortadas com Freitas Ribeiro, por causa de incidentes de natureza politica, mas essa dificuldade resolveu-se em duas palavras. Depois de combinações previas, Freitas Ribeiro procurou-o um dia, em sua casa. Eram desnecessarias quaesquer explicações, limitando-se Leote do Rego a dizer:

— Bem! Vamos a isto!

E os trabalhos proseguiram então com febre, n'uma verdadeira vertigem de lucta. As conferencias no escritorio do sr. Alyaro de Castro, á rua do Ouro, eram constantes. Em casa de Leote do Rego todas as noites se reuniam marinheiros, cabos e sargentos da armada, a receber instrucções.

Como acima ficou dito, competiu ao sr. Antonio Maria da Silva a aliciação dos elementós civis, cargo de que já havia sido incumbido pela Carbonaria, quando do movimento revolucionario que fez implantar a Republica.

Entrevistado por um redator do *Seculo* o illustre director dos correios telegrafos assim narra as suas impressões.

— Desde que se iniciou o periodo da ditadura — começou o sr. Antonio Maria da Silva — o Partido Republicano Português manifestou publica e claramente a sua revolta contra essa situação deprimente para a Republica e para um povo que quer ser livre. Contra ella fizemos uma larga propaganda, sempre dentro da legalidade, por meio da imprensa e do comicio e, por ultimo, resistindo e desobedecendo ás ordens ditatoriaes, que é ainda um meio legal, porquanto a própria Constituição consigna a legitimidade da resistencia aos atropelos da lei fundamental do paiz.

A revolta do Partido Republicano Português crescia e intensificava-se à medida que se tornava mais evidente, clara, precisa e insofismavel a perseguição acintosa e sistematica do governo ao Partido Republicano Português.

A esse legitimo protesto respondia o sr. Pimenta de Castro com novos decretos ditatoriaes, impondo medidas de violencia, saltando por cima de todas as leis do paiz. No seu congresso, o Partido Republicano Português affirmou bem claramente que estava na disposição de se servir de todos os meios para estabelecer a normalidade constitucional.

Desde então a idéa da revolução, como unico meio de pôr termo a essa ditadura que enodava o nome português e comprometia a Republica, começava a tomar corpo no espirito de todos os democraticos, e, a breve trecho todo o partido estava integrado nesse problema cuja solução unica todos concordavam estar na revolu-

ção. Ora, como um movimento desta ordem não pôde ser determinado numa assembléa geral, constituiu-se uma junta revolucionaria composta de representantes do exercito, da marinha, do elemento civil e do Directorio na pessoa do sr. dr. Alvaro de Castro. Essa junta tinha absoluta independencia dentro do partido.

Não houve - propriamente organização civil como houve em 3 de outubro. Elementos civis e militares estavam em comunicação com a Junta e em contacto com os outros elementos militares e civis.

Aqueles que mais privaram com a Junta transmitiam aos outros, as nossas indicações, orientando-o e distribuindo-lhes papeis. Assim se reuniram os elementos militares e civis, dispostos a entrar no movimento revolucionario que foi, pode-se dizer, obra de todo o Partido Republicano Português, a que se juntaram velhos republicanos, sem filiação partidaria.

Devo-lhe dizer que o praso primitivamente marcado para a revolução teve de ser apressado, pela attitude cada vez mais aggressiva do governo Pimenta de Castro para com o partido e pela sua transigencia, cada vez mais acentuada com os monarchicos.

Não foi a aproximação do ato eleitoral que precipitou o nosso movimento, não; porquanto nós estavamos convencidos de que o governo não queria fazer as eleições na data que annunciava e, demais, a nossa forte organização partidaria e a dedicação dos nossos correligionarios garantiam-nos uma larga representação no futuro parlamento — O sabermos, que o governo preparava a suspensão de garantias e o não querermos, por mais

tempo, suportar uma ditadura que humilhava o paiz e os republicanos, é que determinaram que fizessemos mais rapidamente o ato libertador que provou à sociedade, por uma forma pratica e insofismavel, o espirito republicano do paiz. Antes de efetivarmos o ato revolucionario fizemos sentir a todos os outros partidos que desejavamos a constituição de um governo nacional sem character partidario. E, com efeito, para a formação do novo governo a Junta não consultou nenhum dos partidos, não havendo no ministerio um só elemento que esteja filiado no Partido Republicano, o que quer dizer que os democraticos não fizeram um movimento revolucionario para darem o governo ao seu partido, mas para o entregarem a republicanos que, pelo seu passado, merecem a confiança de todos os republicanos.

Os revolucionarios não foram animados por interesses partidarios, mas pelo interesse nacional, pelo amor à Patria e à Republica, derrubando um governo que envelhecia os sentimentos de dignidade do povo portuguez, desafrentando assim a consciencia republicana.

Historiados num relance extremamente rapido o que foram as causas proximas e longinquas do movimento, resta ver em detalhe como se bateram novamente pela Republica ofendida no seu briõ e na sua essencia democratica e constitucional, o exercito, a marinha e os elementos civis.

Coordenando todas essas informações ou detalhes da reportagem diaria julgamos contribuir para a historia do movimento, senão com uma obra de valor e vulto, pelo menos com algo de interessante e verdadeiro.

O INICIO DO MOVIMENTO

A ação dos barcos de guerra

Ao governo, a tardes horas do dia 13, começou chegando os rumores de que qualquer coisa de anormal, por parte dos descontentes com os ultimos atos da ditadura, se refletiam nessa noite ou madrugada do dia seguinte.

Logo ao começo da noite foram tomadas as mais rigorosas medidas, quer dentro dos quarteis da cidade, quer nas sedes dos esquadrões e companhias da guarda republicana, ou ainda por parte da policia, que foi chamada toda para as esquadras, ficando comandante, officiaes, governador civil e demais autoridades toda a noite no edificio do governo civil. O governador civil que tomára posse no proprio dia, em substituição do sr. Casiano Neves, era o coronel Cunha Ferraz, mais um militar a juntar aos que formavam a grande maioria do

governo. Pouco depois da meia noite saiu do quartel, em Alcantara, todo o esquadrão da guarda republicana, seguindo a todo o galope para os lados da rua Maria Pia.

Muitos grupos de individuos começaram circulando pela cidade, encaminhando-se muitos para a parte baixa da cidade.

A's 3 horas e meia, depois de se ter visto que de bordo dos navios de guerra surtos no Tejo faziam incidir sobre varios pontos da cidade os fôcos dos seus holofotes, sentiram-se tres tiros de peça, que ecoaram de modo a sobresaltar e a despertar os moradores. Um quarto de hora depois outros tres tiros de peça foram disparados tambem de bordo, vendo-se os navios iluminados completamente e sentindo-se bem que no Tejo alguma coisa de grave ocorria.

Começam saindo forças de infantaria do quartel do Carmo, uma de cavalaria vae a galope a caminho do Terreiro do Paço. Outra de infantaria dirige-se ao governo civil e vae postar-se em frente do edificio; outra ainda faz outro tanto em frente dos portões da Camara Municipal.

Não se vê um unico policia na rua.

No Rocio apenas se notam varios pequenos grupos de populares e junto do Café Martinho duas patrulhas de cavalaria da guarda. Circulam inumeros automoveis a toda a velocidade. Na rua do Comercio, por detraz do ministerio do interior e em frente do Banco de Portugal, estaciona outra força de cavalaria. Sentem-se tiros de Pistolas e revolvers dos lados do Terreiro do Trigo.

Pelas 4,30, no Jardim do Tabaco, foi lançada ao ar uma girandola de foguetes. Um grupo de civis avançou em seguida em direção ao Museu de Artilharia. A força da guarda republicana que ali faz serviço, auxiliada pela policia da esquadra dos Caminhos de Ferro opoz-se, porém, ao avanço dos civis, fazendo sobre eles algumas descargas. Estabeleceu-se então tiroteio de parte a parte, tendo os policias apagado a iluminação publica do local, entrincheirando-se por detraz do gradeamento do entreposto da Exploração do Porto de Lisboa.

O que se passára a bordo do «Vasco da Gama» e dos navios de guerra que, como se sabe, foi onde se iniciou o movimento, disse o senhor Leote do Rego em uma entrevista com um reporter da «Capital».

Na grande noite, sahiu de casa e foi pernoitar na Êstrela, em local combinado com os revolucionarios. A casa esteve sempre vigiada por elementos de confiança, dispostos a vender cara a vida para salvar o Chefe, se porventura fosse ameaçado por algum perigo. Perto das 3 da madrugada dirigiu-se para o Caes do Sodré, á paisana, sempre vigiado pelos seus amigos. As ruas estavam patrulhadas pela guarda republicana a cavalo, e alguns elementos civis ao serviço de Pimenta de Castro espionavam aqui e além. A certa altura supôz que ia ser reconhecido, a abaixou-se, explicando aos seus companheiros que acabava de receber um entorce num pé, e, mercê deste subterfugio, pode ocultar o rosto na sombra.

D'ahi a pouco embarcava no escaler que havia conduzil-o a bordo do «Vasco da Gama», proximo do qual, já quasi prestes a subir, levantou o grito da revolta:

—Viva a Republica! Viva a Constituição!

Lá em cima, a marinhagem acotovelava-se á entrada. Ouviu-se uma voz severa. Em seguida um tiro. Leote do Rego subiu e deparou-se-lhe, á entrada, o cadaver de Assis Camilo, com uma pistola em cada mão, estendido num lago de sangue.

Imediatamente os marinheiros arrombaram a porta do paiol e apoderaram-se de todo o material de guerra ali existente, enquanto outra parte da guarnição fazia desembarcar rapidamente os feridos e um official, preso porque não quiz acompanhar o movimento.

Deu-se mais tarde a adesão dos outros navios de guerra, tendo acompanhado o movimento todos os officiaes e praças do «Adamastor» e «Almirante Reis», com exceção do comandante, sr. Nunes da Silva, que ficou ferido, e de um tenente; e de todas as guarnições do «S. Gabriel», fragata «D. Fernando», «Espadarte», torpedeiros, vapores «Berrio» e «Lidador» e da Escola de Torpedos, isto logo a seguir aos tres tiros do sinal e de algumas determinações do comandante, sr. Leote do Rego.

A bordo do «Almirante Reis»

Os marinheiros perscrutavam impacientemente a treva, á espera do sinal, dispostos a sacrificarem-se até ao ultimo pela salvação do regimen. Tinham soado já tres horas da manhã. De repente, chegou-lhes aos ouvidos um ruido confuso de vozes humanas: era a tripulação do «Vasco da Gama» que iniciava a revolta saudando



Carregando uma peça de prôa de 76^{mm} do «VASCO DA GAMA», quando estava a bordo a junta revolucionária, às 14 horas do dia 15 de Maio

a Republica. Logo a sereia do «Almirante Reis» atroou os ares com repetidos silvos, significando a sua adesão ao movimento, e tres tiros de salva confirmaram a energica decisão dos bravos marinheiros. Os vivas à Republica sucederam-se durante alguns minutos.

Foi nessa altura que o comandante Nunes da Silva e alguns officiaes pretendiam sufocar a revolta. Era tarde. Nada laria recuar os revoltosos. Algumas praças, que se encontravam armadas na tolda, dispararam varios tiros de Mannlicher para as bandas da ré. Houve uma certa fuzilaria, de que resultou logo ser atingido o comandante e um marinheiro. Este ultimo era estimadissimo a bordo. A sua morte produziu tremenda excitação: já não se falava senão em vingar a sua perda, fusilando os officiaes que se tinham colocado ao lado do comandante. E teriam logo sido mortos, se dois ou tres camaradas seus, sinceros republicanos, não tivessem empregado a sua influencia pessoal sobre os marinheiros para conseguir um armisticio, durante o qual se propôz á officialidade que aderisse ao movimento ou abandonasse o navio.

Ao romper do dia, toda a divisão saudou a bandeira nacional com uma salva de 21 tiros, tendo, no «Vasco da Gama», o comandante em chefe da divisão, nosso amigo sr. Leote do Rego, feito uma alocução patriótica ás praças, demonstrando-lhes quanto a ditadura tinha sido perniciosa para a Republica, os crimes e violencias de toda a sorte que cometeu, congratulando-se por vêr que a adesão da quasi totalidade dos officiaes e marinheiros era a maior prova de respeito pelas instituições,

e declarando-lhes terminantemente, ao mesmo tempo, que o movimento não tinha o character partidario, mas exclusivamente nacional.

Depois, começou então o fogo. Os primeiros treze tiros foram de bordo do «Vasco da Gama» para os ministerios da guerra, interior e justiça, com uma Armstrong a 1.000 metros. Eram 5 horas da manhã. Perto do «Vasco da Gama» estava o «Adamastor». A acção deste barco de guerra no movimento narra-a o tenente Adolfo Trindade ao mesmo reporter da «Capital»:

Pouco depois das tres da madrugada ouvimos distintamente os vivas e um tiro...

—Vivas a...

—Os únicos vivas que ouvimos foram á Republica e á Patria. Por meio de sinais, o «Adamastor» afirmou logo a sua solidariedade com a guarnição do «Vasco da Gama», declarando-nos prontos a defender o regimen. Falando com a guarnição,—era eu quem estava de serviço — inteirei-me da [unanimidade do espirito patriotico que nos animava e mandei corresponder á salva de tres tiros de peça que dispararam no «Vasco da Gama».

«As nossas praças sempre na melhor boa ordem e disciplina, toram-se armando e dispondo para, sob o comando dos seus officiaes, defender a Republica em perigo. Pouco depois veiu a bordo um oficial do «Vasco da Gama», já então sob o comando do capitão de fragata Leote do Rego. Comunicamos-lhe que o navio se encontrava com toda a guarnição, desde o comandante até ao ultimo grunete, disposto a pugnar pelo resurgí-



Conduzindo um policia ferido para a Misericordia

mento nacional, e eu proprio fui d'ahi a pouco confirmar o facto a bordo do navio chefe.

Quando voltei, mandei tocar a formar, e toda a guarnição do «Adamastor» formou á ré: o estado maior, estado menor e praças, sempre na melhor ordem. O comandante, em palavras singelas mas repassadas de sinceridade, fez uma curta allocução dizendo que todos estavamos dispostos a defender o regimen até á ultima extremidade, e terminou por levantar um viva á Republica. Foi calorosamente correspondido por todos os officiaes e guarnição, dentre a qual se ergueram então vivas á Republica, á Constituição, ao comandante e aos officiaes do «Adamastor».

«Depois disso, guarneceram-se as peças e cada qual se dirigiu ao seu posto de combate. Rompia a manhã. O navio suspendeu e seguiu nas aguas do chefe...»

Entretanto o tempo passava e a ação iniciava-se mais violenta e mais positiva. Vendo-se que havia combate para os lados do Museu de Artilharia e que a massa popular, correndo, pedia o auxilio dos navios, o «Vasco da Gama» foi seguindo devagar ao longo da margem, até se postar por detraz do edificio do Museu, de onde se presenciava um violento combate entre as forças ali entrincheiradas e os revolucionarios civis e militares. Enviaram-se ao Museu duas granadas, uma dirigida ao relogio, que ficou partido, outra á corôa da face sul, as quaes bastaram para pôr em debandada os occupantes.

«Nas aguas do «Vasco da Gama» seguiam o «Adamastor» e o «Almirante Reis». Depois de algumas evoluções, seguimos para a barra, afim de receber a ade-

são do «S. Gabriel», que estava fundeado a oeste da torre de Belem. Quando os quatro cruzadores regressaram aprisionaram dois officiaes, que se dirigiam num escaler aos fortes do sul. Nessa altura distinguiram-se evoluções de cavalaria para além da Ajuda.

Leote do Rego, o intrepido official resolveu então dar liberdade provisoria a um dos officiaes, encarregando-o de ir ao encontro do comandante dessas forças, para o convidar a abster-se de resistir ao movimento. Como, a proposito, se falasse no capitão Martins de Lima, incumbiu o mensageiro de lhe testemunhar a admiração pelo seu desassombro e decidida influencia de que gosa no exercito e de lhe dizer da sua parte que, a bem de todos e para evitar efusão de sangue, lhe pedia que empregasse a sua influencia no sentido de não proseguir a luta. O mensageiro partiu. Era um tenente de artilharia que nunca mais voltou.

Pela 10 horas, os navios iniciaram o fogo contra a artilharia que estava postada no alto de Santa Catarina.

«Momentos antes tinham começado a chover sobre os navios as primeiras granadas das Canets montadas no Alto de Santa Catarina. Os primeiros tiros desacreditaram as peças e os artilheiros, mas reabilitaram-se depois.

«Varias granadas de 37 bateram no impavido «Almirante Reis»; uma arrazou parte da estação de telegrafia sem fios do «Adamastor» e alguns estilhaços tocaram no navio chefe. Rompeu-se então fogo vivo sobre a bateria de terra. Os primeiros tiros partem de uma bela (Armstrong) de 10 centímetros do *destroyer* «Douro»,

onde, diga-se de passagem, só havia marinheiros, porque os officiaes houveram por bem não comparecer, nem pró nem contra...

«Entre nuvens de fumarada amarela vêem-se pessoas que caem e outras que fogem, e as granadas, ricocheteando, atingem os predios e as arvores. Trôam depois, mas sem nervosismo, as 12 e 15 do «Vasco da Gama» e «Almirante Reis». Uma granada bate na borda do passeio e a bateria desaparece como por encanto.

Tambem de perto da tapada da Ajuda, junto de uns moinhos, a artilharia fiel ao governo fez fogo contra os navios. Estes desceram o rio até pouco para lá do quartel de marinheiros, respondendo primeiro o «S. Gabriel» e depois o «Almirante Reis», obrigando a artilharia inimiga a calar-se.

Numa das evoluções do «Vasco da Gama», e de bordo deste navio foi vista passar pela Junqueira uma porção de cavalaria, que foi posta em debandada com algumas granadas. E estas evoluções dos navios fizeram-se durante todo o dia, mantendo-se, contudo, sempre em comunicação com o Arsenal e quartel de marinheiros por meio da telegrafia sem fios e sinaes de bandeiras.

«A bordo do «Almirante Reis» ha alguns homens feridos e um morto, sem cabeça. Os navios sobem lentamente o rio. Faz-se um momento de treguas, que se aproveita para a distribuição do rancho.

E' então que o comandante das forças navaes expede um *radiograma* ao ex-presidente do governo, Pimenta de Castro, que terminava duma fôrma categorica.

«Se, dentro de algumas horas, o sr. Pimenta de Castro se não demitir, libertando o paiz dessa opressão tremenda com que os dois mezes do seu governo o tem esmagado, os navios da divisão recommearão os cumprimentos que acabam de endereçar aos gabinetes dos seus mais nefastos cooperadores».

«Um outro *radio* foi expedido aos corpos da guarnição, mas parece não ter chegado ao seu destino. Esse chamava o exercito á concreta visão da obra dos ditadores, das perseguições e violencias de toda a sorte, que foram o seu unico deleite em dois mezes de despotismo; recordava-lhes tambem que, para desafrontar o sangue de muitos camaradas derramado em Naulila, o chefe do governo enviára ao Kaiser um cartão de cumprimentos pelo seu aniversario.

Em virtude das communicações constantemente mantidas com o Arsenal, soube-se a bordo que se preparava o ataque áquele estabelecimento fabril, e que a situação era critica para os revolucionarios que ali se encontravam, conquanto estes tivessem mantido em respeito as forças atacantes, respondendo ao seu fogo das janelas e dos telhados do Arsenal e da Escola Naval.

«Os navios passam a rastejar pelas margens até á praça do Comercio, muito lentamente, a fim dos artilheiros firmarem bem as suas pontarias. Depois enviam as suas granadas á esquina do ministerio do interior, a fim de que estas, recocheteando, vão varejar os atacantes do Arsenal. Assim succede, e a bateria de artilharia não tarda a pôr-se em debandada.

«O inimigo desiste do seu intento. Renasce a con-

liança dentro do Arsenal, cujo portão ficara escalavrado. Os navios recomeçam as suas evoluções, navegando ora ao longo de montante, até ao Beato, ora para juzanté, até Belem, a animar com a sua presença a fé nunca esmorecida dos combatentes.

O fogo de bordo do «Vasco da Gama» foi feito com peças de 15 centímetros. O pessoal mereceu do comandante os maiores elogios, principalmente o 1.º cabo 1:701, Manuel Martins Ferreira, chefe de peça, e os artilheiros 1:885, Bernardino Martins; 7:807, David José Teixeira, e 2:790, Alfredo Antonio Rodrigues, pela precisão dos seus tiros.

«As distancias de terra foram tão curtas que, por vezes, as balas de carabina do inimigo vinham achatarse no costado dos navios.

«Ao fim da tarde, para os lados de Belem, trôa a artilharia. De Alcantara para baixo avistam-se extensas linhas de infantaria, em ação de fogo. Combate-se rijamente no quartel de marinheiros e a artilharia postada na serra não cessa de bombardear.

«Os navios, porém, à medida que desfilam vão alvejando os moinhos. O «Almirante Reis» recebe alguns projeteis de uma fortaleza do norte. Sabe-se depois que o fogo é da bateria Lage, pois todos os outros fortes e os torpedos fixos de Paço d'Arcos estão ao lado dos revolucionarios.

«Depois, toda a artilharia se calou e a ação dos navios de guerra estava terminada.

Não podemos deixar de mencionar as peripecias que se passaram com o «Almirante Reis» quando este barco,

impossibilitado de navegar, nas primeiras quatro horas, num arranco prodigioso de tenacidade e amor pela patria, dos bravos marinheiros portuguezes, consegue ir enfileirar-se com o resto da esquadra.

E' sobre ele que incidem as primeiras granadas, pois é o unico barco imovel no Tejo no começo das hostilidades.

Em poucos minutos, retificada a pontaria, começam a explodir a bordo, envolvendo o cruzador numa nuvem de fumo que faz lembrar um grande incendio. O rebocador «Cabo da Roca», que se dispunha a rebocar o navio, declara-se impotente para o fazer, porque a agua corre com muita força. No-entanto ninguem perde a cabeça. O pessoal, com a serenidade e metodo de um simples exercicio, acode a fechar os compartimentos estanques, abatem-se as portas de combate e os pára-balas e para a guela esbrazeada das fomalhas atira-se mais carvão. Lá em baixo a temperatura é horrivel: o termometro marca 58 graus centigrados. Mas de subito, esses homens semi-nus, alagados em suor, quasi esgotados de energias, suspiram profundamente de alivio. Tinham conseguido pôr as maquinas a trabalhar. A alegria a bordo atingiu o delirio.

Começou a mover-se o «Almirante Reis», arrastando a boia, tal o esforço exercido sobre a amarração. O alvo fixo transformára-se em alvo imovel, e do Alto de Santa Catarina já os tiros lhe não caíam no costado. Fôra um verdadeiro milagre o que aqueles homens tinham conseguido. Técnicos do Arsenal estiveram a bordo depois de victoriosa a revolução, para vêr como se realisára esse



Um rombo produzido por uma granada de 75^{mm} lançada de Santa Catharina para o «ALMIRANTE REIS».

impossível, pois havia quem supuzesse que o navio fôra rebocado d'ali com um largo cabo de reboque.

Entretanto, os artilheiros cumpriam tambem nobremente o seu dever. Içavam as munições, espoletavam-n'as, carregavam e alceavam as peças e a breve trecho duas granadas de 15 centímetros caíram sobre a posição de Santa Catharina, provocando immediatamente um incendio. O «Douro», que acudira ao vêr a situação critica do «Almirante Reis», disparou tambem alguns tiros excelentes, que deram tempo ao cruzador para se colocar em boa posição de combate. E' preciso não esquecer que as peças só dispunham de meia guarnição. Eram os mesmos artilheiros que serviam alternadamente as peças de bombordo e as de estibordo; as munições tinham de ser trazidas com o auxilio dos civis, vindos de madrugada, e até do estado menor.

Calára-se a bateria de Santa Catharina.

O «Almirante Reis» seguiu então atraz dos outros navios, cumprindo as ordens do «Vasco da Gama», bombardeando umas vezes com ele, outras vezes por sua indicação e tendo disparado ao todo cerca de 50 tiros de peça. Ao cair da noite, foi ocultar-se atraz do pontal de Cacilhas, fôra da ação do Campo Entrincheirado, com todas as luzes rigorosamente apagadas e um serviço triplicado de vigilancia a bordo. Quasi estavam exgotadas as provisões de agua e carvão; o dia fôra extenuante, mas não se podia repousar, e durante horas estiveram todos ocupados em guarnecer os paiões e os tanques.

Como a bordo dos outros navios, a ordem e a disciplina foram sempre perfeitas. Nem uma incorreção, nem

uma desobediência, mas uma precisão absoluta de todo o organismo militar!

No entanto não ha duvida que foi o mais danificado do lado de bombordo, a meia altura do casco, entre a chaminé posterior e o mastro da ré, lá estão patentes os seus gloriosos ferimentos. Foi atingido por sete granadas de 75^{mm}, disparadas do Alto de Santa Catharina, na manhã da revolta. Uma d'elas bateu no mastro grande que furou, danificando a verga. Quatro abriram-lhe buracos no costado; uma furou o ventilador e perdeu-se no mar; a ultima atingiu a cosinha dos officiaes, estilhaçando tudo.

Uma das granadas que da bateria postada no alto de Santa Catharina atingiu o «Almirante Reis», depois de ter avariado o mastro da ré, decepou cérce a cabeça do conhecido socialista Antonio Augusto Lisboa, indo ainda ferir um fogueiro, um artilheiro e um guarda fiscal.

E' curioso tambem que quando este barco passou junto dos navios alemães detidos no Tejo, os guardas fiscaes que nelles estavam de serviço pediam que os levassem, para irem combater ao lado dos seus camaradas.

O «Adamastor» teve um ventilador furado, na cabine do telegrafista foi o tétó estilhaçado, e uma embarcação de bombordo ficou com o fundo despedaçado. Um official deste barco narra a ação do velho cruzador:

—Fizemos então uns tiros com as peças de 10 centímetros e meio e a artilharia de terra calou-se immediatamente. Em seguida, soubemos que o inimigo estava

entrincheirado no Alto de Santo Amaro, para onde também fizemos alguns tiros eficazes. A ermida de Santo Amaro foi atingida, e o tiroteio deixou de se ouvir.

«Seguimos d'ali para os lados de Belem, pois sabemos também que junto do Moinho da Estrangeira se postára uma bateria inimiga. Havia, com efeito, ali grupos suspeitos. Quatro granadas de 10 centímetros e meio fizeram desaparecer esses grupos. Mas em Santo Amaro a fuzilaria recomeçava energica. Voltámos, rio acima, e vimos então perfeitamente que nas grades e igreja de Santo Amaro gente armada fusilava os nossos. Fizemos então um bombardeio intenso: em menos de um minuto disparámos quatro tiros com as peças de 65 milímetros e cinco com as de 10 centímetros e meio. O alvo foi atingido, e levantou-se uma nuvem de fumo e terra que envolveu o local. Pouco depois, as nossas forças ocupavam a posição.

«Com peças de 37 milímetros bombardeámos ainda o Aterro, proximo da Junqueira, batendo o flanco esquerdo do inimigo que atacava os nossos naquele ponto. Bombardeámos igualmente algumas terras sobranceiras ao palacio Burnay, tendo sempre em vista não produzir estragos no palacio, apesar de todas as informações nos levarem a crer que gente armada disparava das janelas sobre as nossas forças. E' que tínhamos, como lhe disse, o firme proposito de fazer o menor prejuizo possível de vidas e material, e nunca esquecemos que a cidade era habitada por compatriotas nossos...

Neste barco apenas uma praça ficou ferida num hombro.

O assalto ao quartel dos marinheiros

Foi depois dos primeiros sinaes feitos dos navios de guerra que os civis, aos gritos de viva a Republica e abaixo a ditadura, se dirigiram ao quartel de marinheiros, com o fim de o assaltar. O terceiro esquadrão da guarda republicana, que tem o seu quartel na frente, saiu, e, segundo as informações, deu uma descarga sobre os civis, que lhe responderam com tiros, rebentando tambem alguns petardos.

O tiroteio durou ainda algum tempo, e bastante vivo, até a praça ficar evacuada de populares, que, sentindo-se impotentes, começaram correndo pela rua do Livramento e por todas as travessas.

O esquadrão retirou e no quartel de marinheiros, onde as praças, na sua maioria, se encontravam ao lado dos revolucionarios, sublevaram-se, sendo detidos os officiaes que não quizeram aderir ao movimento.

Por informações ali colhidas mais tarde, sabe-se que ficaram feridos os officiaes Vilar e Silveira Ramos.

O quartel caiu nas mãos dos revoltosos, que abriram a porta aos civis com quem começaram confraternizando, soltando vivas á Republica.

Foram armados, e, juntamente com os marujos, appareceram depois ás janelas, sendo tambem para ali conduzidas as enxergas, atraz das quaes se defendiam.

Comandando essas forças estavam os srs. capitão-tenente Freitas Ribeiro e o medico de marinha José Seoueira. Tambem o sr. major Sá Cardoso, desde as pri-

meiras horas, ali se encontrou, recebendo e transmittindo ordens.

Uma força de marinha, comandada apenas por sargento, saiu do quartel e, num entusiasmo doido, dirigiu-se para o largo de Alcantara. A essa hora, nas ruas, encontrava-se já grande numero de populares que os revoltosos saudavam, indo estes formar em linhas de atiradores nas cancelas da linha ferrea, tanto do lado da terra como do lado do mar.

Lá dentro, no quartel, reinava grande animação entre civis e marujos, estando tambem ali o sr. Mariano Martins, dando as suas ordens.

Em certa altura tem-se conhecimento de que parte da guarda fiscal havia aderido ao movimento. Pouco depois chega o tenente sr. Bastos, da mesma guarda, preso por algumas praças, indo conferenciar com o sr. Sá Cardoso, que o convidou a aderir ao movimento, tanto mais, que não tinha character politico, tratando-se apenas de restabelecer a Constituição do país e fazer cessar a ditadura.

O official não querendo resolver, saiu para fóra do quartel, acompanhado pelos mesmos guardas.

De diferentes pontos vinham chegando comunicações do estado em que se encontravam as forças, havendo nesse momento toda a fé que na sua maioria a guarnição de Lisboa estava com elles.

Era preciso arranjar-se mantimentos, e assim alguns marujos saíram armados, indo ao mercado buscar carne e pão.

Aí pelas 8 horas chegou a companhia da guarda lis-

cal do posto da Rocha do Conde de Obidos, sendo recebido com estrondosas manifestações de regosijo.

Junto ao palacio das Necessidades esteve formada toda a manhã a 6.^a companhia da guarda republicana, estendendo-se ao longo do jardim. Rodeando o palacio e o quartel general estava infantaria 2.

Não foi, porém, sem um grande conjunto de peripecias, de desanimos e obras de grande valentia, que o grupo de civis encarregado do assalto ao quartel de marinheiros ali poudo penetrar.

Um dos revolucionarios, o jornalista Eduardo de Carvalho, narra desta forma interessante, esse grande primeiro exito da revolução:

Os grupo civis, que deviam assaltar o quartel de marinheiros, receberam ordem de se reunir no jardim de Santos e na Rocha de Conde Obidos, ás 2 da madrugada. A' medida que os revolucionarios chegavam aos pontos indicados, tomavam a direção da rua do tenente Valadim, uns pela Pampulha, outros pela rua 24 de Julho. Na rua do tenente Valadim, havia umas vedetas, que os condusiam, atravessando a linha ferrea, para o pé da doca de Alcantara. Ali acamparam todos, ao abrigo de um monte de pedras, á espera do sinal. Constantemente iam chegando novos individuos, que silenciosamente tomavam lugar ao pé dos primeiros. A's tres da madrugada, hora a que os navios deviam dar as salvas combinadas, estavam ali para cima de cem revolucionarios, anciosos por entrar em ação.

Via-se na esplanada, passeando sem desconfiança, a



Carregando uma peça de 15^{cm} no «ALMIRANTE-REIS» para bombardear
Santa Catharina

sentinela do quartel. Para o lado do Tejo, era completa a escuridão.

Ao mesmo tempo que o grosso dos revolucionarios esperava junto da doca, encontravam-se junto do portão da parada, ao lado da praça de Armas, os srs. Freitas Ribeiro, Mariano Martins, Andrade Sequeira, Jorge de Carvalho, João e Alfredo Grilo, Mateus Barros, Barata Delisle, João Carlos Marques, Manoel Joaquim de Oliveira e um correligionario nosso do Centro Almirante Reis, cujo nome não recordamos.

A's tres horas, não soou o combinado sinal. O sr. Freitas Ribeiro, consultando o relógio, supoz o movimento fracassado e resolveu retirar-se. Alguns dos presentes, como o sr. Jorge de Carvalho e Oliveira, insistiram em que se esperasse mais alguns momentos ainda. Poucos momentos depois, começaram a gemer as sireias dos navios e os holofotes a funcionar.

— Não ha nada! — exclamou o sr. Freitas Ribeiro. — Isto é o sinal de que falhou a coisa.

Os circunstantes, desanimados, dispunham-se a retirar, quando se ouviram tres tiros de canhão, a que, depois de breve espaço, se seguiram outros. Os revolucionarios correram immediatamente ao portão, que o sr. Jorge de Carvalho abriu, munido de uma chave que, para o efeito, lhe entregára o sr. Freitas Ribeiro. A sentinela, ao conhecer os visitantes, não ofereceu resistencia.

Uma vez na caserna da ala esquerda do edificio, estes acordaram os marinheiros com vivas á «Republica!» e viva a «Constituição!» Num apice, os marinheiros, entusiasmados, estavam vestidos e confraternisavam entusias-

ticamente com os assaltantes. O oficial de inspeção, atraído pelo ruído, apareceu de pistola em punho, disparando contra os civis. Estabeleceu-se, a propósito, certa confusão de que resultou um tiroteio curto, felizmente sem outras consequências que o ferimento de um marinheiro numa côxa.

Não sendo ouvido o sinal á hora fixada, o sr. Alberto Correia, que dirigia o grupo acampado na doca, resolveu-se a ir ao quartel ver o que havia, recomendando que ninguém arredasse pé, fosse em que caso fosse, sem ele regressar. A's 3 e 25, quando soaram os tiros de canhão, ainda o sr. Alberto Correia não tinha voltado. Alguns, mais impacientes, queriam avançar para o quartel sem elle. No meio da inquietação geral, chegou o sr. Alberto Correia e os revolucionarios que o esperavam levantaram vivas á Patria, á Republica e á Constituição. Em resposta a estas aclamações, rebentaram descargas de fuzilaria. Surpreendidos, os assaltantes recuaram, mas creando novo animo, repetiram a manifestações. O sr. Firmino Alves aproximou-se, com outros, da porta principal do quartel, pedindo á sentinela que lh'a abrisse.

— O' camarada somos amigos! «Viva a Republica!»

A sentinela respondeu que lhes não podia abrir a porta, porque não tinha a chave. As descargas de fuzilaria não cessavam. Era o corpo da guarda republicana, aquartelado em frente dos marinheiros, que atacava, na sombra e pela retaguarda, os desprevenidos assaltantes. Por três vezes estes, tendo recuado, se aproximaram da porta principal do quartel de marinheiros, dentro do qual havia tiroteio tambem — aquele a que atrás nos referimos,

provocado pelo oficial de inspeção. O portão da parada, que devia estar aberto, fôra, por equívoco, cerrado pelo ultimo dos companheiros do sr. Freitas Ribeiro. Vendo que eram baldados todos os esforços, os assaltantes retiraram-se.

Um deles caiu ferido pela guarda republicana, que só deixou de atirar muito tempo depois de a praça evacuada. O sr. Alberto Correia ainda lhe enviou duas bombas, ao acaso, sem efeito.

Como não poderam entrar pela frente do edificio, os revolucionarios resolveram assalta-l'o por outro lado. Com efeito, penetrando pela estreita abertura de um tapume de madeira, conseguiram subir pela muralha em obras e juntar-se aos primeiros assaltantes, cuja presença, aliás, desconheciam.

Marinheiros e civis espalharam-se então pela parada afivelando os cinturões e experimentando as carabinas. Abriu-se o paiol, cujas munições em pouco tempo foram distribuidas. Os officiais do quartel, corresponderam aos amaveis convites que os revolucionarios lhes fizeram e foram para um gabinete do 2.º andar.

Ainda de noite, organizaram as forças, marinheiros para um lado, civis para outro. Barricaram-se com as macas de dormir as janélas do edificio, a cada uma das quais foram postos dois homens, na espetativa de que os vizinhos da guarda republicana repetissem os cumprimentos da receção. Ao romper do dia, os srs. major Sá Cardoso e Freitas Ribeiro, que appareceram fardados logo dentro do quartel—o que não succedeu a nenhum outro official—tinham assegurado perfeitamente a defeza,

podendo dizer-se que este baluarte da Republica era uma fortaleza inexpugnavel.

Dahi a pouco oferecia um aspeto imponente, cheio de animação e entusiasmo.

Na parada os marinheiros, sob a direção immediata de alguns officiaes inferiores, preparavam-se para sair. Os elementos civis, ás ordens de um cabo de marinha, formados á rétraguada, aprendiam rapidamente os movimentos elementares da instrução militar.

Constantemente vão chegando novos elementos e dentro em pouco, a vasta esplanada, iluminada por um sol esplendido, regorgitava de gente, que se movimentava numa febril animação, desejosa de combater.

Por indicação de Mariano Martins foram guarnecidas as janelas do edificio. A cada uma se collocaram dois individuos, de carabina pronta a fazer fogo, protegidos por um parapeito de macas enroladas.

Sá Cardoso, o grande revolucionario, envia então um bilhete ao tenente Matias para que aderisse aos revoltosos. O official revolucionario de 5 d'outubro não estava, comtudo, no quartel e o bilhete ficou sem resposta.

Começa pouco depois a entrada de todas as forças que confraternizam. D'entre as primeiras conta-se infantaria 2.

O caso passou-se d'esta fórma:

A's primeiras horas da madrugada, os soldados de infantaria 2 levantaram-se e correram a armar-se. O arriamento, porém, estava guardado; e os soldados só con-

seguiram armar-se quando chegou ordem para o regimento marchar para as Necessidades, onde está o quartel general. Ali, sabendo-se da attitude dos marinheiros, alguns soldados foram para o quartel destes, enquanto o commandante dava ordem ao regimento para voltar para o seu quartel. A certa altura do caminho, porém, os soldados dirigem-se para o quartel dos marinheiros, levando á frente o commandante, assim como o 3.º batalhão do mesmo regimento, aquartelado na Cova da Moura, que se dirigia tambem para o quartel dos marinheiros, contrariando a intenção do major.

Os defensores do quartel receberam com as lagrimas nos olhos os seus valentes camaradas, que espontaneamente, contra vontade dos seus officiaes e mesmo sem que as aclamações populares neles influissem, vieram juntar-se á marinha, ovacionando, com indescritivel calor, a Republica e a Constituição. Naquele momento, se a alguém restassem duvidas sobre o resultado final, teriam desaparecido; a adesão de infantaria 2 era a certeza iniludivel da vitoria.

Algumas granadas causaram insignificantes estragos no quartel de marinheiros. A praça d'armas estava cheia de civis armados, soldados e marinheiros, que se estendem em vedetas ao longo das ruas próximas, n'uma grande area. No quartel entram constantemente officiaes feitos prisioneiros, e muitos soldados e populares se vêem pôr ao lado dos revoltosos. Na parada viam-se algumas peças e um carro de munições tomados a artilharia 1.

Duas Companhias de infantaria 5, que estavam de

guarda ao quartel general, entram na parada do quartel de marinheiros, para se juntarem aos revoltosos.

Nesta altura, o entusiasmo é fremente, ouvindo-se aclamações vibrantísimas.

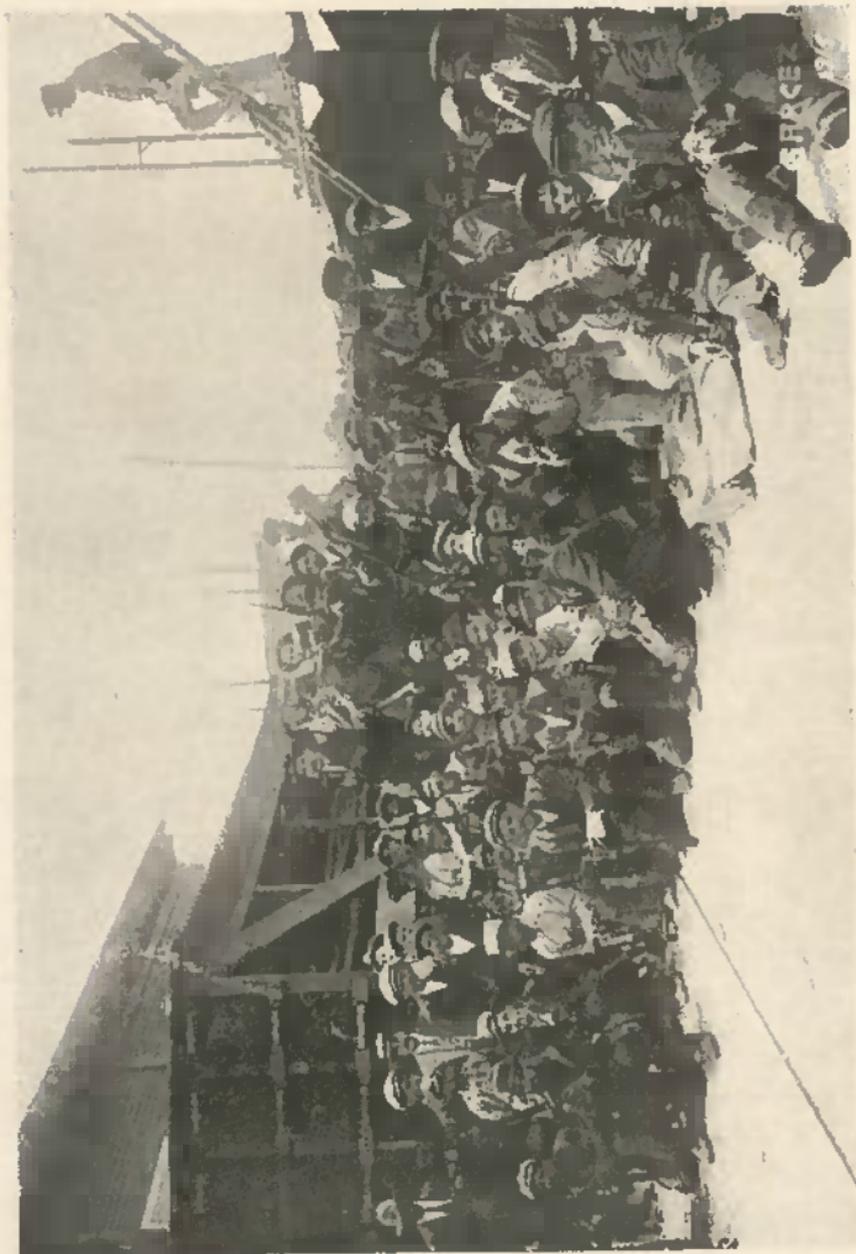
A guarda fiscal dos postos de Alcantara faz causa comum com os revoltosos. Junto á linha ferrea, entre Alcantara-Terra e Alcantara-Mar, uma columna foi tomar posição, protegida por vagons de caminho de ferro. Per-to do Calvario está infantaria 1 e na rectaguarda, estendida pela Junqueira, cavalaria 4. Estes dois regimentos, que por varias vezes atacaram o quartel de marinheiros, foram por fim repellidos, recuando até Santo Amaro.

O ataque mais vigoroso que este baluarte da revolução sofreu foi o que do Alto da Pimenteira lhe fez artilheria 1, ao abrigo de alguns moinhos.

Algumas granadas alvejaram o quartel dos marinheiros em Alcantara. Fechado, barricadas as janelas com colchões, ele abrigava muitos marinheiros, alguns soldados de infantaria 2 e elementos civis.

Uma das granadas bate na frontaria do edificio. Outra destroe o cunhal do quartel do 4.º esquadrão de cavalaria da guarda republicana.

Ou fosse pelo reduzido numero de peças de que dispunham, ou porque pretendessem, unicamente, desmoralisar a defeza do quartel, os artilheiros não enviavam as descargas a seguir, antes, entre cada serie delas, mediava um consideravel espaço. Se, com efeito, eles desejavam lançar a desmoralização no acampamento revolucionario, não o conseguiram, porque ninguem, excepto o mal estar produzido pelo ruido ensurdecador e sêco



Fot. 4 -- O 24 de Maio

Um grupo de revolucionarios defendendo o Arsenal

das granadas a estalar, deu grande importancia ao bombardeio. A vida no interior do quartel seguia como antes, salvo, como é de comprehender, um pouco mais de precaução em subir a pontos desprotegidos.

Junto á linha ferrea, entre Alcantara-Terra e Alcantara-Mar, foi postar-se uma coluna em pé de guerra, defendida por barricadas formadas por varios vagons do caminho de ferro.

A Rocha do Conde de Obidos estava apinhada de povo. Junto á muralha, para lá da doca, estava o «S. Gabriel». A sua volta caiam granadas. Outras caiam na doca, abrindo sulcos profundos no chão sêco.

Para lá do Calvario dispunha-se infantaria 1 e, na retaguarda deste regimento, cavalaria 4, que se estendia pela Junqueira. Estes dois regimentos eram fieis ao governo, fazendo repetidos ataques ao quartel de marinheiros.

Até ao momento definitivo da consolidação do Governo Nacional nunca os revolucionarios abandonaram este baluarte do movimento.

Prontos para a defeza da causa porque tão energicamente se batiam, ali se encontravam sempre civis e valorosos marinheiros em armas e vigilantes.

O ataque ao Arsenal

A's 5 horas, no Caes de Sodré, enquanto de dentro do Arsenal se ouvem gritos de «Viva a Republica», um grupo de 50 civis corresponde a esses vivas com grande

calor. Sentem-se novamente tiros de pistola isolados, cujo ruído vem de varios pontos da cidade.

Do que foi essa gloriosa façanha da tomada do Arsenal da Marinha, narrou-a o sargento Sá, do deposito de materiais de guerra do mesmo estabelecimento e um dos que pertenceu ao numero dos revolucionarios deste movimento.

—Avisado da hora do movimento—começou o sargento Sá—e como n'essa noite não estivesse de serviço, combinei com o primeiro enfermeiro lêmidio Augusto Coelho Flores, a fórma de me occultar no Arsenal, ficando resolvido que o melhor local seria o quarto do enfermeiro.

«Estava tudo preparado, com a guarda ao referido Arsenal, guardas da Policia, marinheiros do troço do mar, etc.

«A' 1 hora entrei no Arsenal, com o meu camarada, segundo contra-mestre Benigno Ferreira do Amaral, e fômo-nos occultar, como já disse, no quarto do enfermeiro.

«Pelas 2 horas, sendo informados de que os oliciais andavam passando revista ás portas, tivemos momentos de receio, pois o guarda Azevedo já tinha aberto as do lado do Aterro e da l'escola Naval, cujas chaves tinha recebido do maquinista Viegas, para a entrada dos oliciais afetos ao movimento.

«A's 3,15 foram ouvidos os sinais de sereia, seguidos de 3 tiros de peça; neste momento saímos do quarto do enfermeiro aos vivas á Republica, sendo seguidos pelo sr. dr. Marques e enfermeiro Flôres.

«A guarda, composta das praças seguintes: cabo, 944; praças, 3:344, 1:825, 2:368, 2:550; reforço: cabo, 949; praças, 2:589, 3:250, 2:810, 2:959, 2:637, 2:584, 2:578, 2:733, 2:656, 4:038, 3:735, 2:416, 2:726, 3:327, 1:863, 1:323 e 1:813, armaram-se imediatamente, secundando o movimento, indo parte da guarda, com alguns civis, para o deposito de material de guerra, a fim de se armarem. As chaves do referido deposito foram-me entregues pelo official de serviço, sr. Lino de Sousa, sem resistencia. Apareceu neste momento o major general da armada, com alguns officiais, tentando obstar ao movimento, mas avisado por mim de que a sua vida corria perigo se continuasse no Arsenal, retirou-se não tornando a aparecer.

«Desde este momento ficámos de posse do Arsenal, o que era importante. Faltavam, porém, munições, pois as que havia eram só as da guarda.

«Resolveu-se que o segundo contramestre Amaral fosse a bordo do cruzador «Vasco da Gama» e contratorpedeiro «Douro», donde trouxe alguns cartuchos, que foram distribuidos por marinheiros e civis, que já tinham vindo associar-se ao movimento.

«Nesta ocasião comuniquei ao comandante, sr. Leote do Rego, que não havia official a comandar as forças do Arsenal, sendo-me ordenado pelo mesmo senhor que as comandasse eu, o que fiz até à hora que se apresentou o capitão de fragata sr. Salazar Moscoso, que assumiu o comando, o que foi comunicado ao comandante em chefe da divisão naval.

Os primeiros civis que entraram no Arsenal foram

os seguintes: Manuel Ferreira Laroca, Manuel Rodrigues e mais dois, cujos nomes ignoro.

«Em seguida veio aderir um pelotão da guarda nacional republicana, comandado pelo primeiro sargento José Martins, que prestou revelantes serviços, pois que, quando o bombardeamento do Arsenal estava no auge, se portou com coragem, incitando os soldados e não arredando o pé. Junto com estes soldados estavam alguns da guarda fiscal, cujos nomes ignoro.

«O segundo sargento Adelino Barbosa Valente, apresentou-se com uma força do «Almirante Reis», indo tomar posições no Aterro, sendo reforçado este ponto mais tarde pelo ex-segundo sargento José do Pinho e alguns civis.

«Dos civis que prestaram bons serviços no Arsenal, lembra-me o nome dos seguintes: Joaquim Esteves, Renato Frazão, José Joaquim Pina, ex-primeiro artilheiro numero 1:727, João José da Conceição Ferreira, que, apesar de avançado na idade, esteve sempre no Arsenal.

«Os telegrafistas numeros 746 e 1:803 são dignos de todo o elogio, pois nunca abandonaram o seu posto. Prestou bons serviços o cabo de ronda ao Tejo, primeiro marinheiro numero 1:255.

«Dos oficiais inferiores que depois se apresentaram ha a notar os seguintes: mestre de manobra Eduardo, que acompanhou sempre o movimento; segundo sargento Antonio Alves Feliciano, sargento de reforço; segundo sargento Borges, ferido na mão direita por um estilhaço de uma granada; primeiro condutor Joaquim Maria de

Oliveira, segundo condutor Andrade, primeiro condutor José Francisco Ferreira Vinagre Rato, primeiro condutor Eduardo Augusto Senarego, primeiro mestre Francisco Antonio, que foi incançavel no material de guerra a distribuir equipamentos e armamentos a civis e a militares; primeiro sargento José Manuel Pires, que andou no serviço de transporte de munições; segundo contramestre torpedeiro José Maria Tomaz, que pertencia ao torpedeiro numero 2, e que prestou bons serviços; primeiro condutor de maquinas Simões, Antonio Batista Pereira, primeiro sargento de engenharia e todo o pessoal do vapor «Lince», que muito nos auxiliaram.»

Foi ali o quartel general dos revoltosos. Convertido em baluarte, barricadas as portas de possivel acesso, tudo se apronta para receber o inimigo que não se faz esperar.

Entretanto, os primeiros grupos de populares e marinheiros, que se dirigiam para bordo dos navios de guerra, foram embarcar ao Posto Maritimo de Desinfeção, utilizando-se para esse fim d'um vapor da Alfandega que ali se encontrava e d'uma embarcação do serviço das visitas de saude. A seguir, outros grupos embarcaram no cais que fica proximo ao mesmo posto no vapor «Cabo da Roca», e outro vapor, ambos da Exploração do Porto de Lisboa.

Tanto aquelle posto como as dependencias da Exploração do porto, vapores da Alfandega e Arsenal e outros estabelecimentos do Estado içaram logo de manhã a bandeira nacional.

Com os grupos de marinheiros e civis que seguiram

para bordo foram muitos guardas fiscaes dos postos do Aterro. Outros seguiram a juntar-se aos populares e militares que em outros pontos combatiam pela queda do governo.

Proximo das 5 horas o regimento de infantaria 5 recebia ordem de sair do quartel e distribuir forças para guarda do Arsenal e do Museu de Artilharia. Uns minutos depois chegava, porém, um cabo da guarda republicana, acompanhado de um Soldado, transmitindo a ordem de que fossem reforçadas as guardas do quartel e se exercesse rigoroso serviço de vigilancia.

A's 5,30 saía uma força do comando de um tenente que foi postar-se em frente da casa do chefe do governo.

D'ahi a pouco já perto do Arsenal se encontram as vedetas de infantaria 16, estendendo-se o regimento pela rua do Arsenal, Pelourinho, Terreiro do Paço, S. Julião e Alfandega. Pouco depois surge a companhia de alunos da Escola de Guerra que ia para a carreira de tiro executar os exercicios anuais de tiro ao alvo e o regimento de infantaria 5.

E' neste ponto que é curioso registrar para a historia, a documentação do oficial superior Capitão Correia dos Santos, em serviço n'este regimento e que demonstra quanto sem metodo nem coesão, mas antes com muita inepcia e desvigor, foi pelo governo traçado um ataque ás forças rebeldes.

N'essa attitude sem indicações nem plano, que o governo forçou a tomar as forças fieis, perdeu a ditadura todo o prestigio militar e todo o valor moral.

Disse o referido oficial:

«Depois das forças terem saído dos quartéis ás 4 horas, foram tomar as posições devidas para ser atacado o Arsenal, bombardeados os navios de guerra. Instalou-se o quartel general no quartel do Carmo, com o tenente-coronel Macedo, capitão Arrobas Machado e outros officiaes do quartel general. A parte da guarnição de Lisboa que não estava envolvida no movimento, mas que desconfiava que o partido democratico preparava um golpe de Estado para assumir o poder, seguiu para as ruas da Baixa, sem que até á hora de entrar em combate tivesse recebido uma unica ordem escrita, uma unica instrução, ácerca do plano de operações que teria de ser adoptado para dominar o movimento revolucionario.

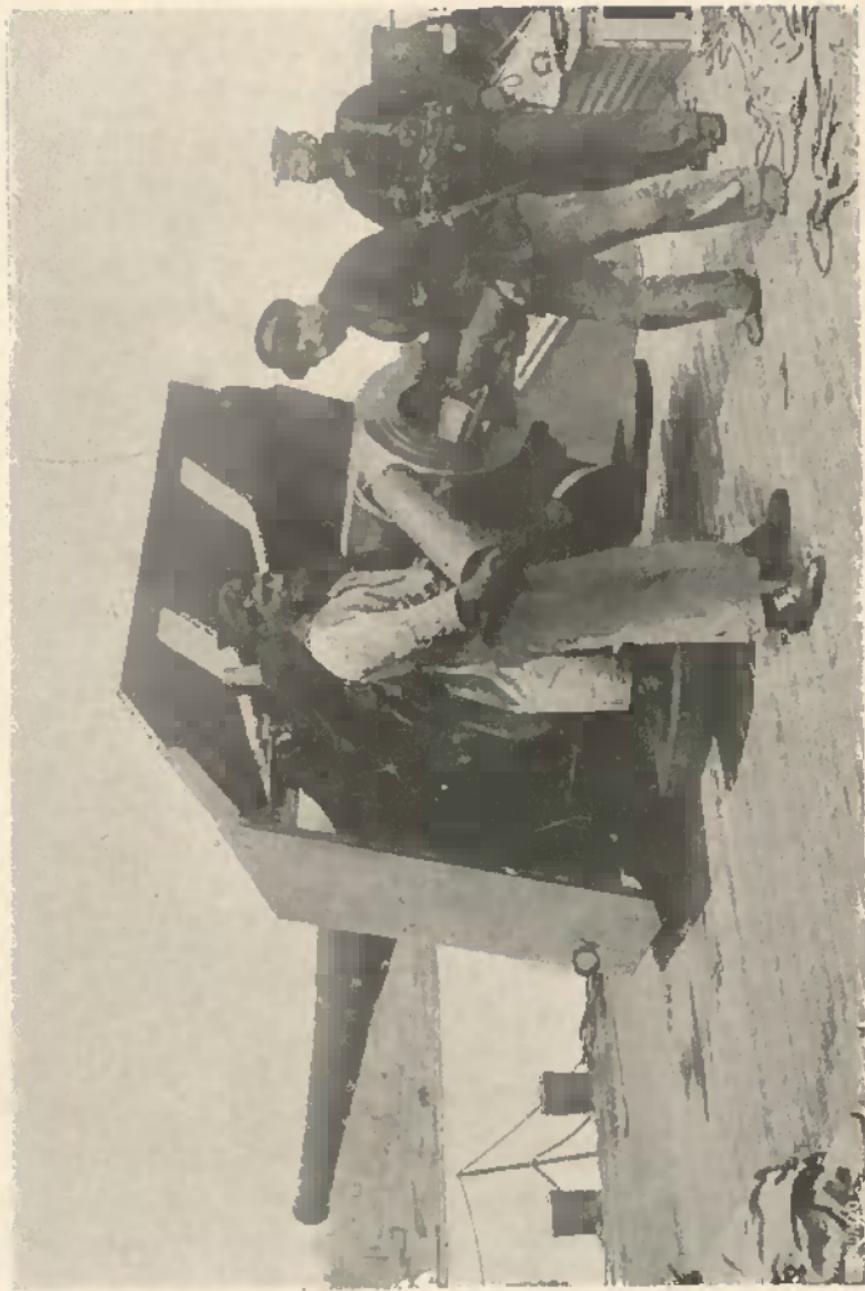
«Nestas condições, os regimentos saíram dos quartéis com itinerarios escolhidos ao acásio e sem saberem para onde iam, nem para o que iam.

«Infantaria 5, a cujo regimento eu pertencia desde aquelle dia, para o tirocinio do posto de major, adoptou as disposições de segurança de marcha, de fôrma a evitar qualquer surpresa nos cruzamentos das ruas e defender-se dos ataques das bombas, que pudessem ser-lhe arremessadas das janelas ou dos telhados. Devo dizer que pela noticia dos jornais da noite e pelos *placards* já se sabia que o partido unionista tinha retirado o seu apoio ao governo, o que ainda mais vinha agravar a situação em que se encontrava a força publica, por ver que assim teria maior numero de obstaculos a superar.

«Quando infantaria 5 chegou á rua dos Retrozeiros, já ali se encontrava a companhia de alunos da Escola de Guerra, infantaria 16 e uma secção de metralhadoras. Por informações que iam obtendo pelo caminho, sabiamos muito vagamente o que se passava no Tejo e que o Arsenal estava ocupado por tropas adversas ao governo, por grande numero de populares armados, que os portões estavam fechados e que haviam metralhadoras e uma peça *Hotchkiss*, apontada para a passagem obrigada das tropas que tinham a percorrer.

«Infantaria 16 e 5 abrigaram-se como puderam na rua do Comercio, ficando junto á Camara Municipal a secção de metralhadoras, que tinha o campo de tiro obstruido pelo Pelourinho. As tropas continuaram até aquella hora a desconhecer quais eram as intenções do governo e qual era o plano de ataque ou de defeza. Perante esta hesitação, os grupos civis iam ocupando as janelas dos ministerios das finanças e dos correios e tomavam todas as medidas de defeza de fôrma a arremessarem bombas de cima das janelas do Arsenal e a produzirem uma grande chacina sobre as tropas que teriam, para entrar no Arsenal abrir uma brecha que a artilharia pudesse produzir nas paredes do edificio, ou nos seus portões de ferro.

Tendo eu notado que esta situação se agravava e sem que me tivesse nunca passado pela idéa que o governo quizesse repetir o incompreensivel plano adotado na madrugada de 4 de outubro, que fatalmente havia de conduzir a um triste resultado, resolvi procurar alguém que me indicasse o local onde deveria



Carregando uma peça de 15 cm no "Vasco da Gama"

concentrar as tropas para se realizar qualquer plano de operações. Fui mandado pelo comandante do meu regimento receber instruções, sendo-me ordenado terminantemente que atacássemos o Arsenal. Não recebemos uma única ordem de combate por escrito, que orientasse sobre a situação do inimigo, fins e quaisquer outras disposições das mais elementares, adotadas n'um combate. Pouco depois de ter transmitido estas instruções ao meu comandante e quando infantaria já adotava disposições para o combate, abrindo trincheiras nas calçadas e dando ordem à secção de metralhadoras para romper fogo, o clarim do Arsenal dava o sinal de cessar fogo, saindo do portão do Arsenal o 1.º tenente Nunes Ribeiro e o capitão-tenente Salazar Moscoso, indicando que desejavam parlamentar; isto por volta das 5 horas. O comandante do meu regimento e o de infantaria 16 convidaram-me a ir conferenciar com os parlamentarios da marinha, que me apresentaram a proposta de, a fim de ser evitado um derramamento de sangue, entre individuos filhos da mesma Patria e possuidores de um ideal republicano, se propôr ao governo que acordasse no pedido de demissão coletiva do ministerio, para ser substituido por um outro de character nacional, estranho à politica partidaria. Apresentada a questão aos officiais, fui com o tenente Nunes Ribeiro falar ao comandante da divisão para apresentar a questão ao presidente do Ministerio.

«O general respondeu terminantemente, com a maior energia, que não tinha que parlamentar com pessoa nenhuma e que só recebia ordens do general Pimenta de Castro e repetia as mesmas instruções.

Retiramo-nos e cada um seguiu para os seus campos. Continuavam, entretanto, os trabalhos de fortificação, começavam a zumbir as primeiras balas diante de nós, e notava-se a ação enervante das tropas, que não viam o inimigo para fazer-lhes fogo, não tinham para onde se retirar e, a pé firme, viam o risco de ser fuzilados das janelas ou de cima dos telhados. Avaliando a situação grave, por não sabermos como abrir brecha no Arsenal nem nos portões de ferro dos ministerios, resolvi novamente pedir ao chefe do estado maior que me concedesse duas peças a fim de se poder tentar a rutura de uma brecha para o assalto. Esperámos cerca de duas horas, até que a artilharia chegasse, vindo acompanhada de cavalaria, comandada pelo capitão Martins de Lima, que já trázia ferida na cabeça a sua montada. Instalada uma peça e um carro de munições, rompeu-se o fogo contra a porta do Arsenal, ao que responderam com maior energia todos os grupos civis que se encontravam nas janelas do Arsenal e dos correios, mas como estávamos encostados nas paredes, as balas não nos atingiam. Apenas os soldados e cavalos que atravessavam a rua do Ouro eram feridos pelos tiros tenos das janelas do ministerio do fomento. Os navios aproximam-se do cais, evolucionam e fazem alguns tiros de peça, enfiando a rua do Ouro e atingindo os arcos do ministerio da justiça, onde tínhamos o nosso serviço de patrulhas e vedetas. Alguns recochetes dos estilhaços das granadas foram cair junto de nós, sem que nos ferissem. As metralhadoras desapareceram da rua do Comercio, os serventes e condutores de artilharia também

se deixaram de avistar a pouco e pouco, até que ficámos reduzidos a uma unica peça e um carro de munições, que, cerca da 1 hora, foram guarnecidos por um unico servente e um sargento. A peça apoiava-se no cimento armado da rua, pelo que os recuos se operavam durante uma longa extensão, sendo preciso o servente realizar sósinho a difficil operação de colocar a peça em posição. Dirigia este trabalho um capitão de artilharia 1. Esta situação foi-se mantendo até que do lado do Arsenal da Marinha foi feito toque de cessar fogo e se procurava parlamentar.

«Dirigiram-se os mesmos parlamentarios a conferenciar com o comandante da divisão que rejeitou novamente a proposta para se solicitar o pedido de demissão do ministerio.

«Ordenava que se cumprißem as ordens e garantia que o Arsenal estava sendo atacado pelo lado de Santa Catharina. Recomeçou-se a luta, até que, cerca das 16 horas, os officiaes de infantaria 5 reuniram com os de artilharia, resolvendo estabelecer novamente negociações com o governo. Tocou-se a cessar fogo e fui eu nomeado para ir parlamentar com a marinha que, d'esta vez nomeou o 1.º tenente Palma Lami, para me acompanhar. Mais uma vez nos dirigimos a pé ao quartel do Carmo, então já em grande risco sob os tiros da policia e da guarda republicana e conseguimos então falar com o general Pimenta de Castro, que estava reunido em conselho de ministros, no gabinete do general Encarnação Ribeiro. Aceitã a proposta do pedido de demissão para lhe suceder um ministerio nacional, assinaram-se

as bases de um armistício, até que os delegados do exercito e da armada se entendessem com o sr. presidente da Republica sobre a nomeação do novo governo. A bordo do couraçado *Vasco da Gama* foi depois redigida e aprovada a resposta ao armistício, que foi aceite pelos officiaes de todos os navios de guerra, pelos revolucionarios civis do Arsenal, pelo comandante Freitas Ribeiro que estava no quartel dos marinheiros e por quasi todos os officiaes da guarnição, que se encontravam em combate, excepto os do regimento de infantaria 2 que estavam ao lado dos revoltosos».

Este documento historico constituido pelas declarações d'um official que de perto lidou com as principaes figuras do movimento, tem um valôr excepcional pelas occupações e provas que encerra.

Na manhã, d'este celebre e nunca esquecido dia 14, para animar e levantar o espirito popular, ao mesmo tempo que explicava sua attitude e decizões, a junta revolucionaria distribuia profusamente uma Proclamação n'este teor :

AO PAIZ

Pela honra da patria! Pela defeza da Republica!

Está na agonia o periodo vergonhoso da ditadura. Essa pagina de ignominia e de tristeza vai ser arrancada da historia da Republica. O povo, o exercito e a armada, na consciencia de que cumprem o mais patrio-

tico dos deveres, repelem esse escarneo com as armas na mão.

Depois do sangue portuguez ser derramado em Nau-lila, n'um ataque traiçoeiro da soldadesca alemã, a ditadura não teve pejo de saudar o representante do kaiser pelo seu anniversario.

Sem coragem de vingar a afronta que o inimigo fez á gloriosa bandeira da nossa Patria, a ditadura considera simples internados o tenente Aragão e os seus companheiros d'armas, que tão alto ergueram o nome de Portugal.

Anuncia-se o regresso da expedição de Moçambique, que sempre recebeu da ditadura ordens de manter uma rigorosa neutralidade.

Enquanto os republicanos são perseguidos e vexados, os dirigentes das conspiratas monarchicas, aqueles que se armaram em territorio estrangeiro para combater o seu paiz, passeiam provocantemente pelas ruas de Lisboa.

Os dois partidos republicanos, que apoiaram a ditadura, chegaram a reclamar a demissão de autoridades reconhecidamente monarchicas—e não o conseguiram.

Que significa isto? Que a ditadura estava comprometendo a Republica e enlameando a honra nacional.

Vamos restituir a Republica aos republicanos, completando n'esta hora de triumpho a alta missão patriótica dos revolucionarios de 5 de Outubro.

Queremos um governo nacional, mas por isso mesmo republicano. Não arvoramos a bandeira de nenhum partido, pois queremos que todos os republicanos se juntem

para a dignificação da Patria, para a salvação da Republica.

Não aconselhamos violencias nem represalias. A nossa energia não excluirá a generosidade pelos vencidos. Só ao Governo Nacional caberá o direito de pôr em pratica medidas de defeza. Que todos confiem no seu rigor, na sua honra e no seu patriotismo.

Pela Patria! Pela Republica!

A junta revolucionaria.

*

No entanto o Arsenal continuava um baluarte inexpugnável.

Quem passava era armado e ia enfileirar-se ao lado dos bravos defensores. A' entrada da rua do Alecrim muitos populares aclamavam a Republica. Em baixo, junto dos dois portões do Arsenal que olham para a praça Duque da Terceira: muitos revolucionarios civis tomam as suas posições. Por cima dos muros, dentro das guaritas blindadas, estavam verdadeiros montões de marinhaes e populares. Uma força de infantaria da guarda republicana com dois sargentos aproximou-se a parlamentar com os que estavam dentro e aderiu ao movimento, fazendo causa comum com os revolucionarios. Os de cima aclamam-nos e eles soltam vivas á Republica e á Constituição.

Era pouco mais ou menos a hora em que os parla-

mentarios se entendiam com a junta revolucionaria para chegarem a um acordo digno.

A resposta ao armisticio que o capitão Correia dos Santos refere nas suas palavras, transcritas á pouco, era do seguinte teor :

«A maioria dos officiaes do exercito, tendo adquirido a convicção de que o movimento iniciado na armada abrangia todos os navios sob o comando do capitão de fragata sr. Leote do Rego, não tendo uma sombra de character partidario, mas como unico intuito o restituir o paiz ao respeito pela Constituição e autentica fê republicana, e reconhecendo tambem que lhe pertence a responsabilidade do bombardeamento de alguns edificios da cidade como resposta e necessidade de defeza contra o bombardeamento feito pela artilharia, propozeram a suspensão immediata das hostilidades, reconhecendo que a salvação da Republica importa a demissão rapida do atual gabinete e a sua substituição por um governo provisorio nacional, composto só de autenticos republicanos, sem distincção de partidos e de incontestavel valor moral.

Os officiaes de terra e mar concordaram em reconhecer como boas todas as negociações que os seus delegados capitão do Estado Maior, João Antonio Correia dos Santos e 1.º tenente da armada João Augusto de Oliveira Muzanti houverem por conveniente levar a efeito no mais curto espaço de tempo. Fica tambem entendido que toda a obra dictatorial: decretos, transferencias, demissões, prisões e nomeações de civis e militares, desaparecerá por completo.

Fica entendido tambem que, salvo circunstancias ex-

cepçionaes de ordem publica, as eleições serão feitas no prazo marcado para 6 de Junho..

Os officiaes de terra e mar manifestaram o seu desejo, de que entre os escolhidos, sem quebra dos principios constitucionaes, figurem os nomes de Magalhães Lima, Paulo Falcão, Duarte Leite, Fernandes Costa e outros.

(aa) *Jaime Leote do Rego*, capitão de fragata; *João Antonio Correia dos Santos*, capitão do Estado Maior.

ADITAMENTO

Os delegados do exercito e da marinha, ao assina-lem este documento, saudam todos os seus camaradas republicanos e repudiam todas as afinidades politicas com aquelles que clara ou dissimuladamente são desafectos ao regimen.

João Antonio Correia dos Santos
CAPITÃO

João Augusto d'Oliveira Muzanti
1.º TENENTE

Resta ver o que depois das horas mais criticas, já serenadas, se passou no Arsenal de Marinha.

Com as imediações sempre cautelosamente vigiadas, os bravos defensores mantiveram-se in'um aparato bello e interessante.

Os redactores de alguns jornaes que lá poderam en-



Uma barricada em frente á porta principal do Arsenal

GARCEZ

BRASLIA

trar no dia 15 narram assim o aspecto d'este outro baluarte dos revoltosos.

O largo do Municipio está coalhado d'eles, vigiando cuidadosamente todas as embocaduras. E' que o Arsenal é agora o quartel general da Revolução. No atrio da entrada ha o mesmo maruihar de homens armados, no meio de inumeros marinheiros, sargentos, officiaes da Armada, soldados e guardas republicanos fieis ao movimento. Aproxima-se uma deputação de infantaria 5. E' constituida por um tenente, dois sargentos e um musico. Vêm armados e incumbidos de, em nome de todo o regimento, se entregarem, dispostos a aliar-se aos revolucionarios.

Um sargento da guarda republicana condu-los até á ponte e fal-os embarcar para bordo do navio, onde está reunida a junta revolucionaria. Dentro do edificio reina a mesma atmosfera de patriotismo e de grandeza. Os civis armados são aos milhares, juntamente com os marinheiros e os alunos das Sociedades Militares Preparatorias.

Todas as oficinas estão transformadas em casernas. Ha barricadas em varios pontos estrategicos; outros de capital importancia estão defendidos. Em determinado sitio ergueu-se um espaldão. N'este e n'outro estão peças de marinha assestadas. Todo o interior do edificio é um reduto inexpugnavel, uma praça forte, uma verdadeira fortaleza de guerra.

As patrulhas e as vedetas circulam por toda a parte. Nos muros estão postados imensos combatentes. Pelos telhados, nas pontes, sobre os diques, ha muitissimos revolucionarios e marinheiros. Varias dependencias estão

transformadas em deposito de prisioneiros, na sua maioria policiaes, guardas republicanos e civicos que foram apanhados em defeza do governo caído. Para bordo estão seguindo varios officiaes e sargentos que foram detidos. Dividem-nos pelos navios de guerra, depois de os entregarem aos respectivos comandantes. Os nomes d'estes; Freitas Ribeiro e Leote do Rego, andam de boca em boca, cognominando-os de heroes, de valentes e de destemidos.

Varios combatentes, estremecidamente, enviam ás familias, por pessoas conhecidas, noticias suas. O chefe Oliveira, da esquadra da Boa Vista, que ultimamente tanto se celebrisára pelo seu ataque aos republicanos, aparece no meio d'uma escolta, ferido. Vem preso e chora, pedindo que o não matem. Pensado no posto medico do estabelecimento, segue logo para bordo.

No meio dos defensores do Arsenal destacam-se 133 individuos que, na madrugada do dia anterior tinham sido presos pela policia e por varios individuos dos que participaram no 27 de Abril. Foram libertos depois do ultimo ataque ao governo civil e da rendição da policia, que os havia encerrado nos mais imundos calabouços. Queixam-se de haverem sido maltratados, agredidos e vexados pelos taes individuos que acima nos referimos, os quaes, com o sr. Machado dos Santos, pareciam estar de posse do governo civil. O ex-sargento Carvalho foi insultado e alguns marinheiros foram esbofeteados e feridos, aparecendo no Arsenal com os rostos empastados de sangue. Negaram-lhes de comer e quando pediam agua atiravam-lh'a à cara. Deficilmente conseguiram sair d'ali, porque o ataque dos revolucionarios foi violentissimo.

Em certa altura surge outra escolta. Vem dentro d'esta o ex-tenente Valente, que foi aulico de Paiva Couceiro e ultimamente tem escrito livros de propaganda monarchica. Chora de medo e, aflitissimo, pede que lhe poupem a vida. Ninguem lhe toca e o prisioneiro segue tambem para bordo de um navio de guerra. Depois apparece-nos o guarda civico 799, vestido á paisana, cercado por alguns dos libertos a que acima nos referimos. Proclamaram-no o seu salvador, o seu maior amigo, porque ele, valentemente, com uma audacia espantosa, sem receio nem temores dos camaradas e officiaes, soube habilmente abrir-lhe as portas dos calabouços, avisal-os da chegada dos revolucionarios e dar-lhes escapada no mais aceso da luta.

Mais além, vêm-se os dois sargentos da guarda republicana que de manhã foram fazer causa comum com os revolucionarios do Arsenal com todo um pelotão de soldados completo. São o 1.º sargento José Martins, que foi da armada e promovido por distincção por occasião de 5 de Outubro e o 2.º sargento Avelino da Costa e Silva. Per'encem, assim como as praças, á companhia dos Paulistas, de cujo quartel saíram já dispostos a enfileirarem ao lado dos defensores da Constituição. No Caes do Sodré arrastaram consigo uma força de cavalaria da mesma guarda.

Entretanto, continuam a chegar mais forças, que vêm aderir ao movimento. São grupos de guardas fiscaes de todos os pontos dos arredores e da outra margem do Tejo; guardas republicanos do Barreiro, Almada Seixal e Cezimbra, marinheiros do Vale de Zebro, sol-

dados de Beirolas, do campo entrincheirado e todos os regimentos e guarnições. Alguns vêem extenuados da fadiga. Fornecem-lhes bolachas, «sandwiches», e cerveja, que alguns populares ali vão levar, visto que só do primeiro alimento ali ha provisão. O 1.º sargento condutor de maquinas, Joaquim de Oliveira, contou este seguinte episodio: Estava ao lado do seu colega Borges quando uma granada de artilharia 1 foi rebentar junto deles; o nosso interlocutor saiu ileso, mas o seu companheiro teve a desgraça de ficar com uma mão esfacelada, com os dedos pendurados. Serenamente, com um sangue frio extraordinario, o ferido voltou-se para o colega e disse laconicamente: «São os ossos do officio!

Agora apparece um marinheiro vindo de bordo com uma missão secreta. A um redatôr diz: «Estão todos bem. Não ha novidade. Mas diga lá no jornal que está tudo pronto para a «dança» e se eles quizerem brincar será bom que fiquem sabendo que ainda não mexemos nas de grosso calibre. «Ameixas», por enquanto, só atiramos das de 12 e de 15.»

Na nossa frente foram expedidas ordens para serem libertos os sargentos e praças republicanas que estavam presos na Trafaria. Vai um rebocador esperal-os ali, visto que entre os revoltosos se encontram os que estavam em identicas condições nos quartéis e no Castelo de S. Jorge. Soam as 15 horas. Pelo portão principal entra correndo um boletineiro dos correios. Vem noticiar que os soldados da guarda republicana que estavam no Carmo, acabavam de se entregar aos revolucionarios.

Efetivamente, pouco antes, um grupo de revolucio-

narios tinha saído do Arsenal, comandado pelo cabo reformado de marítimos, José Peres e pelo chegador Antonio Ferreira, dirigindo-se ao quartel do Carmo, trazendo dali a 4.^a companhia da Estrela.

Esta força, acompanhada de muito povo, que durante o percurso soltava vivas á Republica, veio armada com os corneteiros á frente, tocando a marcha de continencia, comandada pelos seguintes officiaes: capitão Gomes da Silva, e tenentes Joaquim Guilherme Guerreiro, Barreto e Cabrita.

Os soldados depuzeram as armas nas mãos dos revolucionarios e entraram pelo portão do Cais do Sodré, no meio das maiores aclamações á Republica. Pouco depois ouvia-se outro terno de corneteiros. Era o regimento de infantaria 5 que fazia outro tanto, vindo egualmente acompanhado por muito povo e varios civis armados. Durante o trajeto, desde o seu quartel, na Graça, até á praça Duque da Terceira, os soldados foram sempre muito vitorizados, correspondendo eles ás saudações com o maior entusiasmo e alegria.

Uma vez no Arsenal todos confraternisaram, indo os novos adeptos tomar posições e dispõem-se para a defesa d'aquelle reduto. Mais tarde a companhia da guarda republicana da Estrela dividiu-se em duas forças, seguindo uma parte para o seu quartel e a outra para o Limoeiro, a fim de renderem a guarda d'aquella cadeia. A primeira saiu acompanhada por muitos marinheiros e grande quantidade de povo, com os officiaes á retaguarda, levantando vibrantes vivas á Republica. A' sua passagem por deante do quartel dos Paulistas, os soldados

ali aquartelados saudaram-nos tambem, levantando o seu comandante, o capitão Bernardo Ferreira, velho e dedicado republicano, muitos vivas á Republica e á Patria. Nas janelas, as senhoras saudaram os soldados, acenando com os lenços e erguendo vivas á marinha e ao exercito. Até á Estrela foi um verdadeiro triunfo. Os soldados ficaram guardando o seu quartel.

Por estas pequenas passagens da epopeia do Arsenal da Marinha se pode avaliar da grandeza do movimento e do incremento que tomou em toda a cidade.

A ação da artilharia

Os revolucionarios que, de acôrdo com os elementos militares de artilharia 1, tencionavam assaltar o quartel, não puderam cooperar com as forças d'aquelle glorioso regimento do 5 de Outubro, em virtude de, pela uma hora da madrugada, fortes patrulhas de cavallaria 4 cercarem o quartel.

Que se passava no entanto?

Ninguem melhor do que o 1.º sargento Martins, d'aquelle regimento e um dos dirigentes, nos podia fornecer indicações sobre as primeiras horas da revolução:

—Eu era apenas o logar tenente do movimento dentro do regimento de artilharia 1—diz-nos. Havia quem o dirigisse superiormente dentro do quartel e a maioria dos sargentos estava comnosco.

«No dia 13 fomos prevenidos de que o movimento rebentaria na madrugada de 13, pelas 3 horas. Achámos o movimento um pouco extemporaneo, porque não esta-

vamos ainda devidamente preparados, mas sujeitámo-nos por nos terem declarado que a marinha não estava disposta a esperar mais tempo. Também soubémos que o governo estava sabedor do movimento e isto deu causa a inquietações e sobresaltos, como é natural.

«Reunimo-nos, e entre nós combinámos deixar organizar as baterias com o pessoal da confiança da officialidade e que ha quinze dias estava nomeado. No quartel apenas existiam duas baterias, ou sejam oito peças. Aguardámos a chegada dos grupos civis, da guarda republicana e de infantaria que estavam ao nosso lado, e com estas forças trataríamos de impedir a saída das baterias, tomando-as e empregando-as em nosso favor.

«Mas pela 1 hora entraram-nos pela porta dentro dois esquadrões de cavalaria 2, e, confesso-lhe, tivémós um pouco de desanimo. O nosso desejo era evitar na medida do possível a saída das baterias, mas, sósinhos e em virtude do numero dos cavaleiros não o conseguiríamos e eramos sufocados.

«Uma rapida conferencia entre os afeiçoados ao movimento e concertámos deixar seguir as baterias, ficando no quartel todos os que estavam comprometidos no acto revolucionario.

«Assim se fez. As duas baterias saíram, uma para a Estrangeira de Cima e outra para Santa Catharina, ficando nós no quartel com umas cem praças armadas de carabina.

«Devo dizer-lhe que eu nunca aliciei soldados; as combinações eram feitas apenas entre os sargentos, mas as praças conhecem bem aqueles que são seus amigos.

«Não abandonei a porta do quartel e, à medida que os acontecimentos se iam desenrolando, o desejo dos meus homens de saírem, a fazerem causa comum com a marinha, mais e mais se manifestava e eu era quasi impotente para os conter. Isto mesmo declarei ao comandante, a quem me dirigi, contando-lhe o que se passava e acrescentando que eles queriam que eu saísse com eles e que estava resolvido a fazer-lhes a vontade.

«Ainda nos lembrámos de irmos à serra tomarmos as peças, mas isso era arriscado, por causa da cavalaria, bastando uma carga para nos aniquilar. Entretanto, muitas praças se evadiram e, em face d'este facto, de novo me dirigi ao comandante, dizendo-lhe que me via forçado a sair com os meus homens. O comandante mandou então um enviado às baterias, dizendo-lhes o que se passava e que retirassem para o quartel, o que efetivamente fizeram.

«A primeira a chegar foi a que tinha ido para a Estrangeira de Cima, que imediatamente aderiu ao movimento, tomando eu logo conta do quartel e fortificando-o, tendo colocado peças no Mirante, à porta das armas e outra à porta do paiol. Depois, chegou a outra bateria que também aderiu e à chegada d'uma força de marinha houve entusiasticas aclamações e vivas à Republica, sendo por essa ocasião levantado ao colo o tenente Rodrigues, que foi alvo de uma estrondosa ovação. Também no quartel esteve uma força de 200 praças da guarda fiscal comandadas por um capitão que nos veio auxiliar.



Um grupo de metralhadoras no Caes do Sodré

«Pena foi que esse auxilio não tivesse chegado a tempo de impedirmos a saída das baterias...»

Com efeito assim foi. O governo da ditadura deu ordem para saírem duas baterias, dirigindo-se uma para o Alto de Santa Catharina e outra para o forte de Monsanto, e que levassem os soldados em que mais confiassem. De maneira que ficaram no quartel os officiaes, sargentos, cabos e soldados que estavam decididos a defender a Constituição e a Republica. Para facilitar o levantamento dos elementos civis, de bordo foram atiradas algumas granadas para as proximidades do quartel de artilharia. Foi um sinal animador. Officiaes sargentos e soldados entusiasmados aguardavam o momento de se poderem afirmar prontos a defender a Constituição e a Republica. Pelas 16 horas uma força de marinheiros, soldados de infantaria e cavalaria e muitos populares armados subiam, entre estrepitosas aclamações, a rua de Monte Olivete e seguiam pela rua da Escola Politécnica. Em frente da Imprensa Nacional pararam e convidaram o pessoal da Imprensa a arvorar a bandeira nacional, o que se fez entre vivas á Republica e morras á ditadura. A força seguiu, acompanhada de muito povo que sinceramente aclamava a Republica. Das janelas os valentes defensores da Patria eram vitorizados delirantemente e em muitas delas içavam-se bandeiras nacionais. A força é informada pelos populares da situação em artilharia 1, e, entre aclamações, os revolucionarios dirigiram-se áquele quartel, onde foram recebidos delirantemente. Momentos antes tinham já recolhido ao quartel as baterias que tinham sido desalojadas do Alto de Santa Catarina, mas não

tinha recolhido ainda a bateria que se encontrava na Serra do Monsanto. Compareceu n'esse momento no quartel o sr. Dr. Rodrigo Rodrigues, que foi recebido com vivas manifestações. Esteve falando com os officiaes e sargentos, que vivamente affirmaram a sua lealdade á Republica e á Constituição.

N'um breve discurso animou os valorosos combatentes d'aquelle regimento, que acolheram com extrema alegria as indicações fornecidas pelo illustre director da Penitenciaria, de que o triumpho dos revolucionarios era brilhante e decisivo, estando portanto salva a Republica e a Patria. O comandante então mandou um parlamentar ás forças que estavam na Serra de Monsanto, comunicando-lhe que o regimento estava ao lado da Republica e da Constituição; aguardava-se, por isso, que recolhessem em breve ao quartel. Entretanto uma força sob o comando do valoroso tenente José Rodrigues saia do quartel, seguida da força de marinheiros e populares, dirigindo-se á Penitenciaria, onde a força ali de guarda se manifestou fiel á Republica. D'ali seguiu para a Rotunda, ao passo que a força de marinheiros entrava novamente dentro do quartel. O comandante da força mostrou a conveniencia de que saísse uma ou duas peças, a fim de se juntarem ás forças que se dispunham atacar o quartel do Carmo. Ordens dimanadas do sr. major Sá Cardoso, que se encontrava no quartel dos marinheiros, impunham que as duas peças se dirigissem a Alcantara. Assim succedeu.

Pelas 17 horas e meia saíram do quartel duas peças sob o comando do sargento Araujo, descendo a rua S.

Pilipe Nery, entre delirantes aclamações populares. Momentos antes um grupo de revolucionarios saía do quartel para avisar as forças comandadas pelo tenente Rodrigues das resoluções tomadas a respeito da saída da artilharia. O illustre official, que lizera diversas evoluções com as numerosas forças do seu comando, postara-se por fim em frente da Imprensa Nacional no momento em que Luis Derouet tomou posse da direcção da Imprensa Nacional. E' então avisado pelo senhor Dagobertho Guedes e outros revolucionarios e dirige-se ao encontro das forças do comando do sargento Araujo. Na Praça do Brasil, nessa altura apinhada já de uma enorme multidão, o tenente Rodrigues troca algumas palavras com o sargento Araujo assentando-se que as peças de artilharia seguiriam por Alcantara, acompanhada da força de marinheiros, seguindo as forças do tenente Rodrigues para o quartel a preparar a defesa, e a conjurar todas as forças do regimento para de accordo com a Junta Revolucionaria cooperar no movimento necessario. As manifestações na Praça do Brasil atingiram o delirio, erguendo-se vivas calorosos à Republica, ao Exercito e à Marinha. No regimento de artilharia I contavam os republicanos com valiosos elementos para a defesa da Constituição e só pelas circunstancias indicadas é que o glorioso regimento, que em 5 de Outubro valorosamente se bateu pela Republica, não veio de madrugada para a rua do lado dos defensores da Democracia e da Constituição.

Falta-nos acompanhar as baterias que hostilizaram as forças revolucionarias e que, como dissemos, uma se di-

rigiu ao Alto de Santa Catharina, outra para a Estrangeira de Cima.

Cerca das 7 horas começaram chegando ao largo do Calhariz, subindo a Calçada do Combro, as forças de artilharia 1, á frente das quais se via o capitão sr. Martins de Lima. Essas forças tomaram a rua Marechal Saldanha e respetivas embocaduras, só permitindo a passagem a quem ali morava e para casa se dirigia. As carroças com as peças avançaram, indo tomar posições junto ao gradeamento do jardim e em frente da residência do sr. Alfredo da Silva, diretor da Companhia União Fabril, enquanto o gado ficava na rua Belver.

Até essa hora apenas haviam sido disparados, de bordo dos navios de guerra, tiros de pólvora seca, alguns que eram simples sinais convencionados e outros representavam avisos ao governo.

Entretanto, muito povo se juntava nas ruas proximas e os inquilinos dos predios pejavam todas as janelas, lá começar o bombardeamento. Muitas das pessoas que residem nos predios mais proximos do jardim e nas imediações, deixaram as suas casas, transportando os seus haveres, levando crianças pela mão e ao colo. Os estabelecimentos não abrem, ou têm apenas a meia porta descerrada. A anciedade é enorme.

Cerca das 9,30 artilharia 1, do Alto de Santa Catharina, rompeu fogo contra os navios de guerra—o «Almirante Reis», o «S. Gabriel», o «Adamastor», o «Douro», o «Republica», que se achavam fundeados em frente ao Arsenal da Marinha. O canhoneio é violento e com

igual violencia respondem os navios. E' o momento agudo da revolta.

Foi o «Almirante Reis» o navio que mais granadas despejou. Aproximava-se mais da terra quando fazia fogo. Nos predios circunvisinhos caíram muitos projéteis

As pontarias das peças de artilharia I eram pouco certeiras, contudo, algumas granadas atingiram o «Almirante Reis» uma delas no costado e outra no tombadilho. Só depois de atingido é que o cruzador se desviou um pouco mais para cima, ficando fóra do alvo de artilharia I.

Depois do duelo, dois predios ficaram em chamas.

As granadas vindas dos navios de guerra contra artilharia I determinaram uma serie de incendios, causando diversas vitimas e serios destroços. Uma delas derribou uma cimalha do liceu Passos Manuel e outra caiu não muito longe dos escritorios do «Seculo». Na rua do Arco, a Jesus, entrou uma granada entre duas janelas do predio do sr. Henrique Midosi, causando prejuizos. A familia que habitava este predio, com uma senhora gravemente enferma com uma pneumonia, sahio de ali espavorida num trem.

Na travessa de Santa Catharina, junto á porta n.º 5 do predio que torneja para o pateo de Lencastre, uma granada derruiu uma grande parte da cantaria da porta, penetrando na parede. Reside ali o capitão Fernando de Vasconcelos, que se salvou com sua esposá e filhos, bem como duas criadas. Tambem uma granada penetrou no frontão do antigo palacio Colares que fórma o fundo do Alto de Santa Catharina, olhando para o Tejó.

Estavam em chamas o predio da esquerda, o n.º 5 e que pertence ao conde de Bobone, cujo jardim deita para o Alto, onde residem as familias do capitalista brasileiro sr. Antonio Ferreira Ramos, e do sr. Alfredo da Silva, diretor da Companhia União Fabril.

O incendio propagou-se igualmente num predio de tres andares, pintado de vermelho, com o n.º 72, pertencente á condessa de Santa Luzia, situado no rua Marechal Saldanha, á esquina das escadinhas da travessa da Portugueza.

Ainda no pateo de Lencastre as granadas penetraram no predio da esquerda, do sr. Pinto Barreiros que, residindo no andar inferior, se encontra no estrangeiro. No segundo andar reside madame Barlein, que tambem está ausente, salvando-se duas criadas e um criado que ali estavam. O predio que faz angulo com este e fórma o fundo do pateo, residencia do sr. dr. Augusto de Vasconcelos, nosso ministro em Hespanha, que se encontra em Madrid com a familia, tambem foi atingido, salvando-se as criadas Carlota, Maria, Estefania e o criado Domingos.

Sofreu tambem muitos estragos a casa do Alto de Santa Catharina, 1, residencia do sr. Joaquim Levy, de sua esposa, a professora de canto, Angela Penco, e de 10 pessoas de familia, entre as quaes seus filhos José, Raquel, Fortunata, Iida e Eliza, as duas ultimas ainda de menor idade.

No pateo do Cruzeiro, no topo da Calçada da Tapada, foi montada uma peça de artilharia, que bombardeou os navios e o quartel de marinheiros.

Quando essa peça para ali foi, os moradores sahiram do local, por indicação das autoridades militares.

Uma bateria do grupo a cavalo, apoiada por cavalaria 2, estabeleceu-se no Alto da Ajuda, fazendo fogo contra o «Adamastor».

A's 18,30, depois dum armistício, recommçaram a sua ação. Da serra de Monsanto foram postar-se, regularmente espaçadas, peças de artilharia.

Eram doze horas e meia, aproximadamente, quando rompeu o fogo.

O cruzador «S. Gabriel» respondeu-lhe com violencia, mas pouco mais de um quarto de hora depois o cruzador «Almirante Reis» vinha substitui-lo na linha de tiro por a sua artilharia ser de maior alcance.

A sua permanencia ali foi curta, tendo disparado apenas dois tiros e voltando rio acima.

Depois os dois navios voltaram ao mesmo ponto, acompanhados pelo «Adamastor», dando alguns tiros, a que a bateria respondeu, não tendo, porém, alcançado os barcos.

Uma das granadas da artilharia foi atingir uma casa da rua Particular, à rua Maria Pia, demolindo-a.

Como já vimos também, ao tratar do Arsenal, uma peça de artilharia esteve defronte d'aquêlê estabelecimento bombardeando-lhe a entrada para n'ele abrir brecha para o ataque.

De dentro do Arsenal as metralhadoras despejaram alguns tiros, pondo em debandada a artilharia pelas ruas da Prata, Madalena e Comercio, ficando muitos soldados e officiaes feridos.

Dissipado o primeiro momento de panico e verificado o engano, conseguiram os officiaes reunir os seus soldados e, tomando posição em frente do Arsenal, começaram a atacar os revoltosos com metralhadoras e vivo tiroteio. Responderam-lhes aqueles com tres canhões e tres metralhadoras que dispuzeram no telhado do edificio, dispostos a não se renderem, dizendo-se que tendo vindo de bordo dois officiaes de marinha, com bandeira branca, parlamentar com os do exercito, não tinham chegado a um acôrdo, voltando para bordo e continuando o combate.

Os navios continuavam a assestar as suas peças sobre o Terreiro do Paço, metendo inumeras granadas nos ministerios da guerra, da justiça e das finanças, onde os estragos foram de importancia. Na Camara Municipal estavam peças de artilharia e o edificio ocupado pelas tropas.

Quando a bateria de artilharia 1 viera postar-se em frente do Arsenal, na disposição de o atacar, infantaria 16, que tambem atacava aquele edificio, tomando a artilharia pelo inimigo, rompeu fogo contra ela, outro tanto fazendo os revoltosos que a dispersaram a fogo de tres metralhadoras e 3 canhões colocados no telhado do edificio. Verificado o engano, as forças de infantaria 16 e de artilharia 1 voltaram ao ataque, já agora em perfeito entendimento, sendo recebidos por vivo canhoneio e fusilaria do Arsenal.

Foi esta a ação de artilharia 1, que um *truc* governamental impediu de se colocar nos primeiros momentos ao lado dos revoltosos.



Uma galera com revolucionarios

Os ataques ao Museu de Artilharia e Governo Civil—Cazos das ruas

No Arsenal do Exército repete-se o mesmo assalto do Arsenal de Marinha. O povo entra ali e apodera-se do armamento, recebendo com viva fuzilaria os soldados do posto do Museu de Artilharia, que inutilmente tentaram desaloja-lo.

As peripecias desta ação são bem dignas de se arquivar ao lado de tantas outras de heroicidade e valor.

O povo defrontou-se quase uma hora com a força organizada, que o ataca às cegas e à queinta-roupa, e vence-a, após uma luta de corpo a corpo.

É um assalto não menos heroico que o da Bastilha, pelos «sans-culottes»

A's 4 horas de sexta-feira, menos de uma hora, portanto, após os primeiros tiros dados de bordo, cavalaria e infantaria da guarda republicana e policia da esquadra proxima, surgem em evoluções á roda do edificio do Museu, para o guardarem de possiveis investidas. A's 4 e 30 minutos varios populares, bem poucos ainda, mas suficientemente armados, aparecem tambem, uns do lado sul, outros do lado norte. Dentro do edificio ha armazenada grande quantidade de armamento e munições; os civis necessitam de taes elementos de combate; custe o que custar, a sua posse é indispensavel.

Ao passo que o tempo deslisa, a populaça revolucio-

naria cresce, sub-dividindo-se cautelosamente. As forças de ronda desconfiam dos populares e procuram afastal-os, fazendo correrias, apontando espingardas, vociferando, respondendo os revoltosos umas vezes com tiros isolados, outras com vivas à Republica.

Pouco depois das 5 horas, como tivesse engrossado extraordinariamente a turba, o comandante das forças da guarda republicana manda tocar a unir e as patrulhas vão formar junto à casa da guarda, encobertas pelas arvores. Os civis compreendem que o embate vai ter começo e que é necessario lutar. Procuram os melhores postos, entrincheiram-se como podem. A corneta resôa novamente; é sinal para avançar, não demorando minutos o de fogo e a primeira descarga.

Os revoltosos, indifferentes às balas, que lhes passam rez-vez, algumas já derrubando este e aquele companheiro, disparam sucessivamente sobre quem os ataca, ao mesmo tempo que, bravamente, se vão reunindo e aproximando, na mira de um ataque em massa, pois só um golpe de doida coragem lhes pôde dar o triunfo.

Uma força da guarda fiscal, entrincheirada por traz do lactario, ao fundo dos armazens da alfandega, espreita o momento de intervir, sem prejuizo para a defeza do local do combate, contra quaesquer elementos oppos-tos que venham de Santa Clara ou da Baixa, e com todas as probabilidades de impedir o fuzilamento dos revoltosos.

Estes continuam fazendo frente ao inimigo, cujas descargas atroam e se succedem ininterruptamente. Os cavalos, a cada passo que avançam, sacodem na sela os

cavalciros, feridos, apedrejados ou confusos do estridor. Por terra vêem-se já soldados e policiaes. D'estes, muitos são de começo desarmados e postos fóra de combate.

A's 6 horas; o duelo toma proporções terriveis. O numero dos revoltosos, aumentando sempre, encobre agora o do inimigo, cuja força, tatica e disciplina, são inconfundivelmente superiores. Sem embargo, ele é cercado e cada vez lhe está mais proximo o elemento civil, no qual ha já bastantes baixas, que, porém, não desanimam, mas estimulam mais.

De parte a parte se despejam balas sem descanso, e, a cada uma d'elas, o respectivo atirador ou exclama odio ou grita: «Viva a Republica!»

Ouvem-se então os primeiros tiros da guarda fiscal, e eles de tal modo encorajam ainda os revoltosos, que estes se atiram em cheio, toçando quasi as bocas das armas. Corpo a corpo se degladiam paizanos e militares, sendo a furia d'aqueles de tal ordem que, a pouco e pouco, dos ultimos o grande numero tenta escapar-se, muitos caem banhados em sangue, desertando inteiramente a policia.

A guarda fiscal, em linha cerrada e carga acelerada, abeira-se do local de combate, facto que acaba de desvairar a guarda republicana e a põe em fuga completa e desordenada.

Emfim, senhores do Muzeu, os revoltosos procuram entrar dentro d'ele, para o que experimentam os portões, inutilmente, resolvendo arrombar a porta que fica sob a varanda do lado sul e é encimada pelo relógio, que uma

granada vinda do Tejo estilhaçara, para desmoralisar as primeiras patrulhas de vigilia.

Arrombada a porta a machado, os revoltosos entraram no edificio, onde se encontravam apenas o sargento Faria e o servente Almeida, ambos do Arsenal do Exercito, a quem intimaram a entrega das chaves dos depositos de munições e armamento.

Em seguida, para aqueles se dirigiram, apossando-se de armas, vindo-as distribuir aos outros revoltosos que d'elas necessitavam. Só depois do movimento triunfar, o Muzeu foi guarnecido por uma força militar.

E' uma pagina heroica, que o sargento Faria, um guarda fiscal e um civil, que tomaram parte no combate nos permitem reconstituir.

O que aqui fica constitue com o que se passou no Arsenal de Marinha, no corpo de marinheiros e a bordo dos navios a parte mais gloriosa do movimento constitucional.

O que é preciso é notar bem que junto do exercito e da armada havia um outro nucleo de heroes, que se bateram com o denodo e desespero de toda a alma portugueza: A guarda fiscal.

A sua acção dispersa aqui, além, por toda a parte, foi brilhante.

N'uma entrevista o sargento Folgado, do posto da alfandega, narra o que junto dele se passou, da seguinte forma:

—Na noite de 13 para 14 — conta o sargento citado — o destacamento foi assaltado por um numeroso grupo de civis. Estavam n'essa occasião no posto quinze

homens, entre os de serviço e os de folga, mas cinco minutos depois havia já allí cincoenta guardas, numero mais do que sufficiente para repelir os assaltantes. No entanto, não oferecemos resistencia, antes os recebemos com alvoroço e dirigimo-nos á arrecadação, entregámos-lhes as armas e as munições: umas 126 espingardas, uns 15 revolvers e uns trez cunhetes.

As praças quizeram logo abandonar o posto para acompanhar os civis, mas eu disse-lhes que precisava que pelo menos uns trinta ficassem comigo de guarda ao edificio, e que os restantes podiam ir para onde quizessem. Com efeito, no posto fiquei eu e trinta homens. Armámos então trincheiras, com os carros de transporte de volumes, no portão que dá para o Terreiro do Paço e nas duas portas que deitam para o Caes da Arcia. Estavamos absolutamente em condições de defender o edificio, qualquer que fosse o numero e a qualidade dos atacantes.

As outras praças foram com os civis atacar o Museu de Artilharia, onde se muniram de armas e munições.

A' medida que se iam apresentando ao serviço, as outras praças que compõem este posto, que é constituído por um official subalterno, dois sargentos e 124 praças manifestaram-me o desejo de ir combater pela revolução, ao que eu prontamente anui. Assim, uns foram para o Arsenal da Marinha e outros foram para bordo de alguns navios, onde se conservaram.

O comandante da companhia, tenente Francisco de Paula Silva Ramos, veio por varias vezes informar-se do

que sucedia, retirando-se satisfeito ao certificar-se de que a guarda do edificio da Alfandega não estava abandonada. Desde o mais elevado até ao mais inferior d'esta companhia portou-se com valentia e patriotismo, e desde o dia 13 não se deitaram mais.

Nas noites de 14 e 15, um cabo e seis soldados da nossa companhia andaram auxiliando o policiamento da cidade, desarmando alguns elementos que andavam ebrios e intimando a fechar as casas de bebidas.

Durante os dias 14 e 15 o recinto da Alfandega foi invadido, por varias vezes, por pessoas que pretendiam aqui refugiar-se. N'essas occasiões muito nos auxiliou o aspirante da Alfandega, sr. Castro, apaziguando os mais exaltados e convencendo-os, por bons modos, a retirarem-se, pois a sua presença ali era perigosa e prejudicava a ação de defeza da guarda em caso de um ataque.

—As armas que o posto emprestou aos elementos civis foram já restituídas?—inquirino um redator do Seculo.

—Alguns rapazes já as vieram entregar e os outros não tardarão a fazer o mesmo, visto que hoje já está tudo normalisado e os elementos civis que aqui vieram, devo dizer que eram todos rapazes decididos e comprehendedores dos seus deveres de bons republicanos e patriotas.

—Mais uma pergunta só—disse o mesmo senhor—Havia anteriormente alguns entendimentos entre o posto e os revolucionarios?

—Sim senhor. A gente já estava mais ou menos entendida.»

x

Simultaneamente por toda a cidade se iam desenvolvendo outros ataques. Um dos ultimos redulos das forças fieis ao governo Pimenta de Castro, foi o governo civil.

Houve tres ataques das forças revolucionarias ao governo civil, que, cêrca das 18 horas, ainda se conservava fiel ao governo.

Os guardas andavam como doidos por se dizer que os revoltosos tinham resolvido assaltar aquele edificio.

Fôra, era o edificio guardado por uma força de infantaria da guarda republicana, sob o comando do tenente sr. Nunes, que formava em frente à porta principal. Nas embocaduras das ruas proximas viam-se cordões de civicos comandados pelo capitão sr. Esmeraldo. Pelas 9 horas um grupo de marinheiros e civicos, appareceu para atacar a policia, dando-se tiroteio que durou alguns momentos. Os revoltosos abandonaram o campo, não sem deixarem caidos por terra, feridos com tiros, o guarda 1461, o corticeiro João Rocha, e mais populares. A breve trecho appareciam novos reforços de infantaria e cavalaria da guarda republicana que foram postar-se nas embocaduras das ruas Anchieta, Ivens e Largo do Directorio, aguardando os acontecimentos. Como em varios pontos da cidade se livessem dado assaltos ás esquadras, foi ordenado superiormente que todos os guardas se concentrassem no governo civil para onde, de facto, se dirigiram debaixo de fôrma, comparecendo ali, em poucos momentos, 1500 guardas que depois se espalha-

ram pelos corredores e pátio do edificio. Toda essa gente estava possuída de verdadeiro pavor, que mais augmentou quando começou correndo que as forças revoltosas de novo tentavam o assalto.

De facto, cerca das 15 horas, outro novo assalto se esboçou quando, Chiado abaixo, marchava o regimento de infantaria 16, que momentos antes adherira aos revoltosos. Muitos populares que acompanhavam as praças ao chegarem em frente á rua Anchieta voltaram-se para o governo civil, levantando vivas e morras.

As forças de infantaria da Guarda Republicana calaram baionetas e marcharam sobre os manifestantes, dando uma descarga cerrada, á qual responderam os civis, com alguns tiros. De varias janelas do Chiado tambem foram disparados tiros sobre as forças, o que deu motivo a que os guardas civicos passassem buscas em varias casas, incluindo a escada e o telhado do predio onde antigamente esteve instalado *O Dia*.

Houve combates corpo a corpo muito violentos, atiraram-se bombas, e o tiroteio espalhou-se pelas ruas proximas, não podendo fazer-se *A Capital*, cujos escriptorios ficam situados na Praça de Carnões, esquina da rua do Norte.

Pelas 17 horas voltou a dizer-se que o edificio seria de novo assaltado, pelo que muitos guardas que estavam sem cargas se dirigiram aos officiaes do corpo pedindo-lhe munições para se poderem defender.

As janelas do edificio foram todas tomadas por policias, que de revólver em punho aguardavam os revoltosos. Estes fizeram o ataque por varios pontos a sa-



Uma barricada em frente à porta do Arsenal, do lado do Corpo Santo,
na ocasião de dispararem contra as forças fiéis ao governo

ber: Largo da Bibliotéca, rua Serpa Pinto e Praça do Camões, atirando sobre as vedetas que no Chiado e ruas proximas vigiavam o edificio. O tiroteio foi por vezes renhidissimo, demorando cêrca de duas horas e meia. Ficaram feridos inumeros populares, bem como o civico 1362, com um tiro numa perna.

Pouco depois ou seja pelas 18 horas e meia, do quartel do Carmo, saíram duas praças de cavalaria da Guarda Republicana, empunhando uma bandeira branca e dirigindo-se ao governo civil onde participaram que fôra combinado a suspensão do uso das armas, de parte a parte, em virtude do governo ter pedido a demissão e até que o Chefe do Estado resolvesse a situação. Logo souo o sinal de cessar fogo e o povo que repentinamente surdiu, sem se saber d'onde, aclamou os dois soldados, vindo depois para a frente do governo civil levantar vivas à Republica e à Patria.

Em breves minutos os manifestantes confraternisavam com a propria policia que saíra a abraçar alguns marinhheiros que passavam, os quaes para mostrarem a sua não hostilidade levantavam as armas sobre as cabeças. Alguns civicos collocaram depois duas bandeiras brancas nas varandas do governo civil, que foram recebidas pelo povo com vivas e palmas.

Logo que constou ao sr. comandante da policia que o governo eslava demissionario, foi ordenada a soltura dos individuos que se achavam presos e que eram em numero de 73. Entre eles figuravam o sr. José Valentin, Fernando Peixinho e um seu irmão, a quem varios amigos fizeram uma manifestação de simpatia.

A' noite nada mais se passou no governo civil, a não ser o ter sido dada ordem aos civicos para recolherem ás suas casas, depois de se vestirem á paisana. Muitos guardas com receio, não abandonaram, porém, o edificio.

Por toda a cidade, então, sabendo-se da vitoria final dos revolucionarios, houve diversas manifestações de alegria, içando-se bandeiras nacionaes em muitas janelas e correndo muitas pessoas a saber informações em varios pontos.

Na Caixa Geral de Depositos, ás 16,15 um grupo de cerca de cem civis e marinheiros, armados, dirigiu-se ao posto da guarda republicana, intimando as praças da guarda a entregar-se. A principio a guarda opoz resistencia, entrincheirando-se no posto com as portas semi-cerradas. O numero dos revoltosos aumentou e a guarda então rendeu-se, ficando substituida por marinheiros. Os civis escoltaram a guarda republicana e seguiram para o Aterro, indo pelo Alto de Santa Catarina.

Durante todo o dia, além das grandes refregas, assaltos e pequenos incidentes lavraram em varios outros pontos da cidade.

Logo pela manhã, ás 10 horas, grandes detonações atordoaram o Rocio e imediações.

Esses tiros partem d'uma casa na rua 1.º de Dezembro; n'um predio onde estão instaladas duas casas de jogo, refugiaram-se numerosos individuos, a maioria dos quaes já estivera envolvida no movimento de 27 de Abril. O povo passou em frente do predio e aclamou a Republica. Um dos refugiados chegou á janela e disparou uma pistola sobre a multidão. O povo protestou e gritou

mais alto: «Viva a Republica! Abaixo os traidores!...» Voltaram de cima a despejar tiros, muitos tiros. Os alvejados, longê de fugir, estando desarmados, atiram pedras, às quaes os primeiros respondem com balas. Fez-se um silencio. A população continúa a aclamar a Republica, quando, formidavelmente, alarmando tudo, rebentou no meio da rua uma bomba de dinamite. A fumaceira dissipou-se e vê-se então o solo coalhado de feridos.

Homens animosos, n'um apice, debaixo das balas dos seus agressores, conseguem pegar nas vítimas em charola e vão a correr levá-las ao hospital.

No meio da confusão enorme o tiroteio continúa de cima sobre a multidão, não tardando a rebentar outra bomba, com eguaes terriveis efeitos. Mas ninguem arreda pé, apesar dos feridos, que apresentam pavoroso aspêto, figurando entre eles uma criança. Do quartel do Carmo desce uma força de infantaria da guarda republicana a ocupar as embocaduras das ruas. A multidão aclama-a, e, a seu pedido, vão os soldados passar rigorosa revista à casa suspeita.

O Governo Civil, que como já vimos, aguentara 3 ataques no dia 14, recebeu na manhã de 15 o delinivo.

De manhã, o Governo Civil, que desde o dia anterior tinha arvorada a bandeira branca, continuava cheio de guardas da policia de segurança, de investigação, preventiva e administração, estando apenas no edificio, além dos referidos guardas, o tenente Ochôa e os telefonistas Silva e Nascimento.

A's 9 horas um grupo de civis, marinheiros e alguns soldados da guarda republicana, sem nenhum militar de

patente superior a cabo, atacaram o Governo Civil pelo lado do largo do Directorio, fazendo fogo para dentro do edificio de onde ninguem resistiu. Entrando ali, os atacantes soltaram immediatamente todos os presos por delictos comuns que estavam nos calabouços: Entretanto eram conduzidos debaixo de prisão para o quartel dos marinheiros, os policiaes, cabos e chefes que se encontravam no Governo Civil, sendo o ultimo a sair o chefe Barbosa, acompanhado pelo marinheiro 2548 e outros revolucionarios. Ao voltar da rua Garrett, um civil armado, visou-o pelas costas, matando-o com um tiro que lhe atravessou o craneo. O chefe Barbosa, que caiu perto da porta da tabacaria Estrela Polar, foi removido para a porta da tabacaria Americana e para a Morgue, pouco depois.

Além d'estes, durante o dia os revolucionarios effectuaram varios outros assaltos. Um d'elles foi realisado contra a casa do sr. Ferreira de Mesquita, no Alto de Santa Catharina, onde esteve hospedado Paiva Couceiro. Ali os civis, depois de apedrejarem a casa, arrombaram as portas, destruindo tudo quanto encontraram lá dentro. Na casa não se encontrava ninguem, estando ainda a mesa posta.

Varias esquadras de policia foram tambem assaltadas, sendo o assalto mais importante o dirigido contra a esquadra das Picôas, onde entraram civis e marinheiros apreendendo o armamento e prendendo alguns guardas, que foram levados para bordo.

A pedido de varios officiaes, o sr. dr. Manuel d'Arriaga logo ao romper do dia dispoz-se a abandonar o

palacio de Belem, d'onde de facto saiu ás 5,30, com destino ao quartel da guarda republicana, no Carmo. Acompanhou o seu automovel um esquadrão de cavalaria.

O ministerio reuniu tambem no Carmo, assim como no quartel general, e d'ali procediam as ordens militares para repressão do movimento revolucionario.

Quando de tarde se constataram as defeções de algumas forças do governo e a disposição em que outras estavam de abandonar a luta, que afinal era determinada apenas por ilegalidades constitucionaes, entrou-se a considerar que a solução do conflito poderia achar-se facilmente pelo sacrificio do ministerio Pimenta de Castro.

Foi em resultado de varias «démarches» n'este sentido que o governo se resolveu a pedir a demissão, depois do que se tratou de estabelecer como que um armisticio, até que se constituia um governo nacional, com representação dos diversos partidos republicanos.

O sr. presidente da Republica saiu depois do quartel do Carmo com sua familia, em dois automoveis, escoltados por cavalaria, com destino ao palacio de Queluz, onde se instalou.

Com a queda do ministerio Pimenta de Castro, e abolição do regimen ditatorial, estava triumphante o movimento.

Mesmo antes do triunfo, na hora quazi ainda incerta da vitoria, os revolucionarios começaram a despossar os elementós de confiança ao antigo governo.

Assim, por exemplo, o que se passou na Imprensa Nacional,

Todo o dia esteve na Imprensa Nacional o sr. Antonio Machado Santos, diretor nomeado pela ditadura, esperando que o governo decidisse sobre o decreto suspendendo as garantias, que estava para sahir na folha official.

Vencedores os revolucionarios, apresentou-se ali, pouco antes das 20 horas, uma força de civis e marinhos, que se postou em frente do edificio, dando n'ele entrada o sr. Luiz Derouet, o diretor que a ditadura demittira, e outros. Houve discursos, grandes manifestações de regosijo e o sr. Machado dos Santos foi mandado sair pelo sr. Derouet, que ficou então esperando pelo decreto com a constituição do novo governo.

Em meio d'estas manifestações, as quaes aderiu entusiasticamente todo o pessoal d'aquelle estabelecimento do Estado, passaram na rua dois policias, que os revolucionarios prenderam, soltando-os quando os guardas mostraram que eram liliados n'um partido republicano e deram vivas á policia republicana.

A' noite não se repetiram os combates entre forças militares, todas confraternizando com os revoltosos, mas houve nutrido tiroteio em diversos pontos da cidade, constando que, no Terreiro do Paço, se haviam degladiado ferozmente dois grupos politicos adversos.

Na rua Luz Soriano foi assaltada a casa do marquez de Ficalho, que não foi encontrado, sendo, porém, presas quatro pessoas que ali se encontravam. Foram procurados outros conhecidos monarchicos, mas ninguem deu fê d'eles.

Tambem na rua da Escola Politécnica e D. Pedro V ouve muitos tiros, constando que para Bemfica tambem

houvera um pequeno combate com alguns soldados de cavalaria da guarda republicana, aos quaes os populares responderam com bombas. Os soldados foram vistos depois em S. Sebastião da Pedreira, feridos e maltratados.

As legações estiveram guardadas por grupos de civis, bem como diversos edificios.

Cerca das 20 horas, um grupo de populares armados, assaltou a casa do Centro Monarquico D. Carlos I, na rua dos Remolares, onde ficou tudo destruido. D'ali dirigiram-se para a rua Antonio Maria Cardoso, assaltando egualmente o Centro Monarquico existente n'aquella rua, partindo tambem os moveis. A certa altura do assalto ouviu-se um tiro de revolver, estabelecendo-se logo grande confusão, o que deu causa a um tiroteio intenso e desordenado, que, segundo parece, não feriu ninguem.

No dia 15: O Ataque á Escola de Guerra. Assaltos.

Foi muito interessante o aspeto da capital na madrugada seguinte aos acontecimentos. A cidade continuava agitada e febril, tendo-se succedido em varios pontos os acontecimentos e percorrendo os revolucionarios civis os diversos bairros, armados e equipados, naancia de defender a Republica. Durante a noite, vivo tiroteio se ouviu em varios sitios, mas não houve noticia de que se tivesse produzido qualquer successo digno de nota.

As casas de pasto e os cafés fecharam cedo, as

ruas ficaram desertas e só de quando em quando os grupos de revoltosos apareciam, entusiasmados ainda com a vitória que haviam alcançado. E a cidade, às primeiras horas da manhã, apareceu como se na véspera não tivesse existido o extraordinário movimento revolucionário que celebrizou na história portugueza o dia 14 de maio.

Pouco a pouco, porém, os revolucionários se foram reunindo, para, com os briosos e intemeratos marinheiros da armada, os heróis da jornada de 1910 proseguirem na obra de saneamento a que se haviam devotado. E começou-se, então, em busca d'aqueles individuos que, reconhecidos inimigos do regimen, ou seus irreconciliáveis perturbadores, urgente seria que sofressem o castigo do seu procedimento.

Já descrevêmos o assalto derradeiro ao governo civil relizado pelas 8 horas, de que resultou o assassinato do chefe Barbosa quando recolhia, sob prisão, para o quartel de marinheiros.

Os quartéis do 1.º esquadrão de cavalaria e da 1.ª companhia de infantaria da guarda republicana, instalada no Carmo, foram vigiados por grande numero de civis e marinheiros durante a noite

Dois officiaes vieram dali, conferenciar com os revolucionários e convencê-los de que tal não succedia, dispondo-se a ir com dois marinheiros ao quartel de Alcantara pedir uma força de marinheiros que tomasse conta do quartel, de onde saíam as praças. A's 11 heras, como este conflicto não tivesse tido ainda solução, os civis andavam avisando os moradores das casas pro-



A defeza da porta do Arsenal para a Travessa do Corpo Santo

ximas para as abandonarem, declarando que, se até ás 17 horas o quartel não fôsse tomado pelos revolucionarios e o general Pimenta de Castro não tivesse sido entregue, o quartel seria bombardeado pela artilharia, que iria tomar posições no parque Eduardo VII e na praça Marquês de Pombal. Estabeleceu-se então um certo panico, chegando-se na Misericordia a dar ordem para descerem as crianças que estavam no andar superior do edificio. Varias familias fugiram e muitos soldados da guarda republicana saíram pelo muzeu contiguo, onde despiam a farda e se vestiam á paisana, declarando que não queriam continuar a combater, se a tal fossem obrigados.

Pouco depois, porém, apareceram no largo das Duas Igrejas duas numerosas forças de marinhaes, uma vinda do Chiado e outra do Calhariz, que ali formaram, não tardando que se encaminhasse uma d'elas, composta de 400 praças, para o governo civil, indo a outra para o quartel do Carmo.

Desde manhã que começou correndo pela cidade que alguns membros do governo demissionario, com o seu presidente, general Pimenta de Castro, se encontravam no quartel do Carmo. De facto, assim era, porque ás 14 horas um redactor do *Seculo*, que conseguiu ali entrar, poudo averiguar a veracidade da noticia. A bandeira branca, sinal de que a adesão da guarda republicana se mantinha, via-se içada n'um mastro, ao lado do pavilhão da Republica.

Dissêmos que um redactor do *Seculo* conseguira dar entrada no quartel do Carmo pelas 14 horas do dia 15.

O seu relatório é bastante interessante e por isso vamos transcrevê-lo e arquivá-lo.

No momento em que escrevemos, 14 horas, ha ainda em volta do quartel do Carmo grupos de curiosos, comentando os ultimos incidentes e episodios da revolução. A bandeira branca içada n'um mastro, ao lado do pavilhão nacional, indica que a adesão se mantém e que lá dentro, no edificio do quartel, não ha já resistencia possivel.

Dirigimo-nos à sentinela, no intuito de falarmos com alguém que nos pudesse elucidar ácerca do papel da guarda republicana. Chega, n'esse momento, um pelotão de marinheiros, comandado por um official de infantaria, e logo, a seguir, uma força de civis armados e equipados, que, á voz de um sargento de marinha, faz alto, de frente para o edificio.

Subimos ao segundo andar. Encontrámo-nos com um grupo de officiaes da guarda, entre os quaes está o sr. Machado Santos, á paizana, sem chapéu, n'uma attitude de inquietação e anciedade.

Entabolámos conversa com um official de patente superior, que, a reiteradas instancias nos diz, por lim alguma coisa, porque a nossa intenção era sabermos qual o papel da guarda republicana naquelas ultimas vinte e quatro horas.

Esse illustre official, que não oculta a sua perturbação, diz-nos por fim :

—Compreende que não é possivel dizer-lhe o que se tem passado. Tudo isto está ainda muito confuso e baralhado. Depois do armisticio temos estado á espera de

ordens do sr. presidente da Republica; mas são estas horas (duas) e ainda não temos a menor indicação. O papel da guarda republicana é alheio a toda a politica, de modo que a nossa attitude, n'este momento, é de simples espectativa. Por outro lado, não se comprehende tambem como é que, tendo-nos nós declarado rendidos, qualquer força que sae aqui do quartel seja abafada e maltratada pelos elementos contrarios.

—Mas a guarda cumpriu o seu dever, por consequencia...

—Não ha duvida. Cumprimos o nosso dever e oxalá o paiz não tenha que perder por isso.

Mas o dialogo é, subitamente, interrompido com a chegada de um soldado da guarda, que vem junto de nós, informando o nosso interlocutor, dizendo:

—Estão lá em baixo uns marinheiros que vêm pedir a entrega de armamento.

Ao ouvir isto, o official exclama, n'um protesto de revolta, para alguns dos seus camaradas:

—Eu não entrego coisa nenhuma. O nosso comandante que faça o que entender. Eu lavo d'aí as minhas mãos,

Vem depois outro official explicar o facto. O que se pretende é que vá todo o armamento, assim como todos os officiaes que quizerem ir, apresentar-se ao Arsenal da Marinha.

Ha um grande momento de indecisão, aparecendo, por fim, um aspirante de marinha, que vai conferenciar com os officiaes que estão n'uma sala para onde se havia retirado o sr. Machado Santos.

— Enquanto redigimos, á pressa, estas notas, ouve-se lá fóra, em frente do edificio, grande borborinho de vozes. Atraídos por esse ruido, descemos as escadarias do quartel para inquirirmos o que se passava. O numero de civis armados era maior. Junto da porta das armas muito povo, aglomerado, dava vivas á marinha e ao exercito.

Subimos, de novo, as escadarias a avistarmos-nos com o official com quem, momentos antes, havíamos falado. Não se sabia ainda o que estava resolvido. Esse official, a quem perguntámos o nome do aspirante de marinha que comandava o pelotão de marinheiros, nada podia acrescentar ao que já nos referira.

— O sr. Machado Santos, perguntámos.

— Ainda aqui se encontra, assim como o governo demissionario. «Estamos á espera, como já lhe disse ha pouco, de ordens do sr. presidente da Republica.

— Mas os srs. officiaes não vão entregar-se?

— Não sabemos.

Vendo que era inutil obter mais esclarecimentos, descemos para a rua, onde, n'esse momento, havia mais gente a presenciar de volta da porta das armas do quartel.

Aproximámo-nos e vimos, então, sair uma companhia da guarda republicana ao toque de corneta. O povo, aglomerado ali, gritava entusiasmado, dando vivas ao exercito e á marinha.

A maioria dos circunstantes supunha que o sr. Machado Santos estava, a essa hora, na cervejaria Jansen, com alguns dos seus amigos, fazendo fogo para a rua.

Mas a noticia não tinha o menor fundamento, porquanto, estando ele no quartel do Carmo, o tiroteio da rua Antonio Maria Cardoso era feito por outros elementos, não se podendo saber, pelas noticias desencontradas, por quem era feito.

Depois de desimpedida a porta das armas do quartel, aproximámo-nos de um soldado e d'ele obtivemos a explicação dos toques de corneta que ouvimos momentos antes. Tinha saído uma companhia da guarda republicana completamente desarmada, na qual se incorporaram apenas os officiaes que d'ela faziam parte.

O pelotão de marinheiros e de civis, circundando essa companhia, descera com ela pela calçada do Carmo em direção ao Rocio para tomarem depois o caminho do Arsenal da Marinha.

Quanto aos restantes officiaes da guarda republicana que compõem o seu estado maior, esses ficaram ainda no quartel do Carmo, assim como o sr. Machado Santos.

A uma esquina, do largo, em frente do edificio, onde ha uma loja de barbeiro, refugiou-se um soldado da guarda republicana.

O povo entrou a gritar, querendo prendel-o. Junta-se muita gente, parlamenta-se e acodem varios soldados de infantaria e marinheiros. O dono do estabelecimento opõe-se a essa prisão, declarando aos circunstantes, n'uma especie de arenga, que o soldado era um bom republicano e que havia entrado para a guarda, depois da revolução de 5 de outubro.

O chinfrim abranda, os animos serenam e o soldado

deixou-se ficar lá dentro da loja, fumando tranquilamente um cigarro.

Os ataques á cervejaria Jansen repetiram-se durante toda a tarde e ao principio da noite, sem resultado, estalando, por vezes, em meio dos grupos de revolucionarios, bombas, que não se sabia de onde provinham. Chegou-se a dizer que eram atiradas do hotel Bragança e por gente afeta ao governo demitido.

Do Jansen, os revolucionarios derivaram para diversos pontos, indo assaltar os centros monarchicos da rua Antonio Maria Cardoso e da travessa dos Remolares, onde tudo destruíram, encontrando n'este ultimo quartos de cama completos e um jogo de paramentos para um sacerdote. O mesmo fizeram ás installações do *Dia* e á residencia do seu diretor, indo depois á Liga Naval, de onde trouxeram, entre outras coisas, um grande retrato do rei de posto. No centro da rua Antonio Maria Cardoso encontraram um cofre, que abriram, trazendo-o aos rebolões pelas escadas do largo do Directorio para o governo civil.

Pela manhã houvera tambem para Belem tiroteio quando, como dissemos, o presidente da Republica regressou ao palacio de Belem. Já dissémos que vinha escoltado o automovel por um esquadrão de cavalaria 4. Alguns officiaes desse esquadrão mostravam-se com uma attitude desagradavel para os revoltosos, do que resultou, á sua passagem na Junqueira e na Praça D. Fernando, trocarem-se tiros e ficarem feridas algumas praças de cavalaria e de marinha, e morto um cavallo. Pelas 10 horas estalou para os lados da Tapada da Ajuda novo e forte tiroteio com mais insistencia,

Um forte grupo de populares foi deante dos quartéis de cavalaria 2 e 4 insistir para que esses regimentos saíssem. E' certo que haviam declarado aderir, mas aos populares desagradou que se mantivessem concentrados nos seus quartéis. Os comandantes explicaram que nenhuma duvida tinham em deixar sair os soldados, desde que o quartel general lhes desse ordem n'esse sentido. Essa authorisação foi solicitada pelo sr. João Freitas Ribeiro.

Pelas 12.30, quatro marinheiros da armada foram ao predio n.º 155 da rua do Seculo, em nome do commandante do quartel dos marinheiros, buscar o 1.º sargento cadete de cavalaria 4, Manuel J. Ferreira dos Santos Junior que, segundo declarou, se achava doente e em tratamento. Para o conduzirem foi requisitado um trem da cocheira do sr. Joaquim Vicente Fernandes, da mesma rua.

Em varios pontos houve desde as 13 horas nutrido tiroteio, que se repetiu no Calhariz, rua da Emenda, Bica e imediações. No Alto de Santa Catharina, um grupo de civis fazia fogo para uma janela de onde diziam que tinham partido uns tiros, sendo ali desarmados um preto e dois outros populares que estavam muito ebrios e praticavam disturbios.

Do 5.º andar n.º 16 da rua do Loreto, tres civicos fizeram fogo sobre um grupo de civis, que corresponderam, subindo ali e prendendo dois d'elles, pois que o terceiro fugiu pelos telhados.

Pelas 17 horas tinha-se dissipado por completo todo o receio dos moradores das imediações do largo do

Carmo. Os marinheiros estavam senhores do quartel, a guarda republicana tinha-se entregue e seguido para o Arsenal da Marinha e não havia no edificio qualquer pessoa que determinasse pela sua presença ali qualquer intervenção estranha.

Em volta da cervejaria Jansen, na rua do Alecrim, é que continuava o tiroteio. Já se tinha ali procedido a varias buscas, sem resultado, prolongando-se o tiroteio pelas imediações e tendo sido arrojadas umas bombas na rua Antonio Maria Cardoso. Na praça Luiz de Camões era grande a quantidade de curiosos, tendo os civis feito barricadas no largo do Directorio.

N'este mesmo dia de tarde, a junta constitucional apresentou-se na cadeia do Limoeiro e, em nome do povo, ordenou ao director que fossem soltos os presos Maldonado Freitas, farmaceutico; Germano dos Santos, seu ajudante, implicados nos acontecimentos das Caldas da Rainha; Augusto dos Santos, o «Santos» Maluco, e José Garibaldi Alves Freire, implicados no atentado contra o tenente Soares. Os presos saíram pouco depois em liberdade.

Eram umas 18 horas quando a cidade começou a ser sobresaltada por um novo e vivo tiroteio para os lados da Escola da Guerra, ao mesmo tempo que corria a noticia de um sangrento combate se estar dando.

Era verosimil o caso, visto que aquelle estabelecimento ainda se não havia entregado.

Eis os factos:



Tenente Rego, comandante do "Almirante Reis"

Cêrca das 15 horas, um grupo de marinheiros e civis foi intimar a Escola a render-se. Como não fosse atendida a intimação, travou-se luta entre o grupo e alunos, resultando d'essa refrega ficarem feridos um marinheiro, quatro civis e uma criança.

Quando o ataque se fazia com maior violencia, foi içada na Escola uma bandeira branca. Esse ato significava uma rendição. Os atacantes, portanto, avançaram confiadamente para dentro do edificio.

De subito, quando já parte dos revolucionarios havia transposto o portão da Escola, rompeu do fundo da cêrca violenta fuzilaria, feita por alguns alunos que ali se achavam entrincheirados. Atonitos, tomados de pasmo, os revolucionarios puzeram-se quasi todos em debandada. Mas logo, duplamente encorajados pela indignação, voltaram à carga e, de joelhos ou deitados, ripostaram rijamente. Porém, esta situação não pode prolongar-se, em virtude da grande confusão que se produziu entre os assaltantes e curiosos, que fugiam espavoridos para todos os lados, retirando então os que ainda tentavam resistir.

Durante cêrca de uma hora nada mais houve na escola, a não ser o socorro aos feridos, que eram em grande numero e alguns d'elles de gravidade. Entretanto, os atacantes mandavam emissarios pedindo reforços. E, assim, cêrca das 19,30, um sargento de artilharia 1 surgiu, a todo o galope, entrando corajosamente na Escola e avisando os alunos de que, se immediatamente se não rendessem, peças de artilharia viriam bombardear o edificio.

Perante este aviso, os alunos resolveram entregar-se, sendo metidos no meio dos revolucionarios e conduzidos ao Arsenal. A noticia do que se tinha passado circulara, produzindo grande indignação. Assim, no trajeto pelas ruas de S. Lazaro, Palma, Nova do Amparo, Betesga e Ouro, a multidão apupava estridentemente os prisioneiros, tendo, por vezes, os marinheiros e praças do exercito certa dificuldade em os defender de aggressões. Na rua do Ouro, sobretudo, o povo queria a todo o transe linchal-os, crivando-os dos mais violentos epitetos.

Foram muitas os versões, que correram d'este facto tristissimo, que roubou a vida e inutilizou muitissima gente.

No entanto pretendia-se aclarar essa difficil situação arranjada pelos alumnos do primeiro estabelecimento militar.

Assim entrevistado por um redator do *Mundo*, um aluno explica o que se passou n'aquelas horas tragicas do dia 15, na Escola.

— Havia diferentes alunos da Escola de Guerra comprometidos no movimento, diz-nos o sr. Mario Pala. Formavam um grupo talvez de 20. Eu pessoalmente, tinha recebido ordens dos srs. Carrington e Pires de Carvalho, do Comité Revolucionario Academico, para sairmos da Escola pela madrugada, a fim de nos dirigirmos para infantaria 16. O meu colega José Pereira Gomes trouxe-me, porém, ordem do capitão dr. Alvaro de Castro, para que nos conservassemos na Escola até nova ordem. Nenhunas determinações chegaram até nós

depois do que havia sido transmitida pelo ilustre membro da Junta Revolucionaria. A' espera de indicações passámos toda a sexta feira e todo o sabado, até o momento do assalto. Como a nossa situação se tornava insustentavel, pois desejavamos contribuir tambem com o nosso esforço para o exito do movimento, tinham resolvido fugir da Escola, para nos juntarmos aos revolucionarios. Estavamos reunidos a combinar a melhor fórma de o fazer quando nos vieram dar aviso de que a Escola ia ser assaltada.

— E qual foi então a attitude dos estudantes revolucionarios?

— Dirigi-mo-nos todos á enfermaria, ainda com tentções de nos irmos juntar aos defensores da Republica, mas verificámos que já estavamos cercados e era uma imprudencia sair da Escola entre dois fogos. Resolvemos, n'esta conjuntura, ficar até ao fim, aguardando os acontecimentos. No momento em que soube que ia dar-se o assalto, marchei para uma das janelas da enfermaria e vi que um grupo de civis e marinheiros avançava na rua Gomes Freire, na direcção do Matadouro. Perto da Escola esse grupo dividiu-se em dois, um seguindo junto do muro de Rilhafoles, outro caminhando junto do muro do edificio escolar. A' frente d'este ultimo grupo ia um marinheiro e seguido de perto por um civil. Este marinheiro chegou ao meio do portão com a arma preparada e, pouco tempo depois de ahí estar, rompeu a fusilaria quasi simultaneamente de dentro e de fóra da Escola. Dirigi-me immediatamente para a parada, a ver se conseguia que se deixasse de disparar, e, neste meio

tempo, o corneteiro de dia á Escola tocou a cessar fogo. Içou-se uma bandeira branca, mas varios civis que estavam empoleirados nas arvores que circundam a Escola começaram em tiroteio para dentro. Naturalmente, os rapazes que estavam armados, julgando que o fogo lhes vinha da rua Gomes Freire, romperam novamente com a fusilaria contra as forças armadas que se encontravam nessa rua. Tocou outra vez a cessar fogo e de novo se deu a scena anterior, repetindo-se por mais tres ou quatro vezes.

— E ninguem impediu que essa situação findasse, esclarecendo o caso?

— Durante o tiroteio, o capitão comandante do corpo de alumnos, sr. Simões de Sousa, sincero republicano, procurou por todas as fôrmas que elle não continuasse, pedindo a diversos vultos republicanos, a quem pôde falar pelo telefone, que lhe enviassem uma força de marinheiros, a fim de terminar com a acção ofensiva dos civis. Eu fui para a janela do refeitório com uma bandeira branca. De fóra, do lado do quartel do Cabeço de Bola choveram imensas balas sobre o local em que essa bandeira estava içada. Por fim, sabendo que os revolucionarios tinham entrado na léscola, dirigi-me para junto delles, dando-lhes a senha revolucionaria. Fui então reconhecido como revoltoso, atendendo-me nas disposições que tomei para evitar as represalias contra os rapazes que estavam formados num dos lados da parada. Entraram novas forças revolucionarias no momento em que os rapazes iam para baixo, para junto do armeiro, a desarmar-se. Não ficou um unico armado. Apa-

receram nesta altura os srs. Norton de Matos e Mariano Martins, que resolveram, juntamente com o comandante do corpo, capitão Simões de Sousa, e comigo, que as armas fossem entregues, ficando os alumnos na Escola. Por isso, dirigi-me para o armeiro, com o capitão Sousa, tenente Vieira, aspirante de marinha, Lança, e os seus homens e o sargento Sá, com os revolucionarios encarregados da recolha das armas. Acompanharam-nos tambem alguns dos alumnos da Escola. Na occasião em que começava a entrega das armas rompeu viva fusilaria na parada da Escola. Os tiros não podiam, entretanto, partir dos alumnos, porque se encontravam todos desarmados. Dizia-se que os tiros eram de elementos do 27 de Abril, que entraram, juntamente com os civis armados, pela porta principal do edificio. Depois da entrega do armamento dirigi-me, com os aludidos officiais, para junto da sala do official do serviço, onde appareceram pouco após o aspirante de marinha Mota e o 2.º tenente da armada, Filemon de Almeida, a quem me apresentei como revolucionario, pedindo-lhe para me apresentar no Arsenal. Igual pedido fizeram os officiais do corpo, oferecendo-nos o sr. Filemon de Almeida o seu automovel. Ao subirmos para o carro fomos recebidos por viva fusilaria de civis, que se achavam em frente da Escola. Dispersámos todos e eu pedi a dois marinheiros para me acompanharem ao Arsenal, onde me apresentei e onde estive fazendo serviço até ser dispensado. E aqui tem, meu amigo, o que comigo se passou no falado assalto à Escola de Guerra...»

Por este depoimento é possível que alguma luz se

venha a fazer sobre o caso do ataque ao edificio militar, da R. Gomes Freire.

Na Camara Municipal

A posse da Camara Municipal, que havia sido dissolvida pelos tragicos homens da ditadura, foi um acto que revestiu a maior solemnidade, de uma grandeza historica. O edificio dos Paços do Concelho, damnificado, estava cheio de revolucionarios. Os vereadores e senadores, entrando pouco a pouco, trocam efusivos abraços, por entre vibrantes aclamações à Patria e à Republica. Uma grande multidão, com varios republicanos conhecidos, aproxima-se das janelas, levando à frente o presidente do municipio, sr. dr. Levy Marques da Costa, que gritou da varanda principal:

—Viva a Republica! Viva a Constituição:

A grande massa de povo, que em baixo se encontrava, correspondeu delirantemente a estes vivas com freneticas e ardentes aclamações. O secretario da camara, sr. Fonseca Dias, arvorou a bandeira municipal no mastro que se ergue na varanda principal, enquanto que no do alto do edificio tremulava já o pavilhão nacional. Um civil armado, o sr. Adelino Ribeiro, de junto do monumento, gritou:

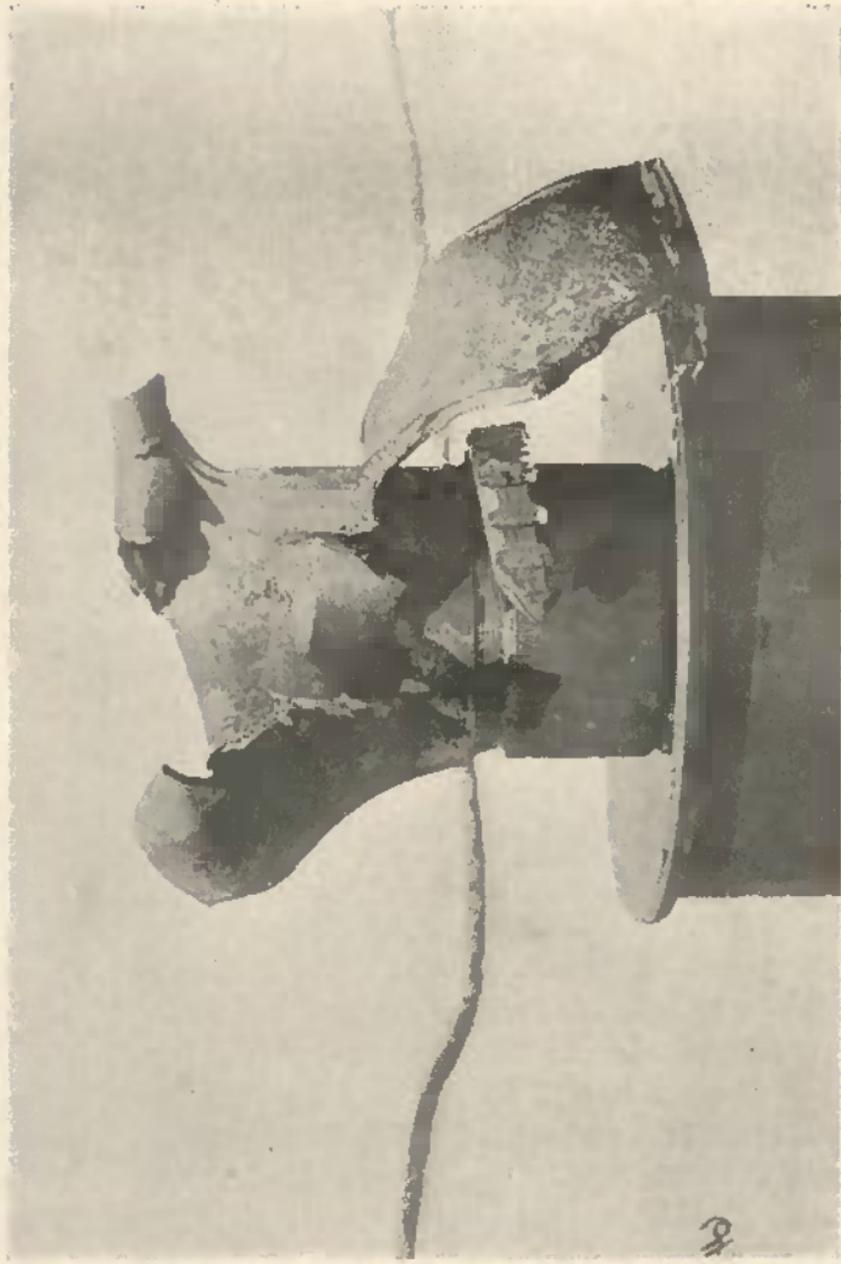
—Sr. presidente da Camara! Peço a v. ex.^a que mande colocar a bandeira nacional a meia haste, em sinal de sentimento pelos nossos companheiros mortos no campo do dever e da honra!...

Efectivamente, feita a vontade daquelle representante dos revolucionarios, a bandeira foi posta a meia haste. Depois, o sr. dr. Levy Marques da Costa assumia a presidencia, cercado por todos os membros da comissão executiva que não acataram a ditadura, sentados nos seus *fautouils*, rodeados pelos senadores e por muitos populares armados, a maioria dos quaes foi postar-se para além da teia, com as armas em descanso e de baionetas caladas.

O sr. dr. Levy Marques da Costa pronunciou depois o seguinte caloroso discurso:

Está aberta a sessão da comissão executiva, depois da violencia de que os seus membros foram victimas, sendo expulsos dos paços do concelho, onde tinham entrado pela vontade popular. O dever dos representantes do povo é estar ao lado da Republica contra todas as violencias. Agora mesmo se ouvem ainda os sons secos dos tiros, que o povo se vê obrigado a disparar para fazer valer os seus direitos e os seus votos. Fundou-se de novo a Republica. Ninguem já poderá arrancar-a da nossa alma e dos nossos corações. Este momento é solemniissimo para a historia da Patria. Do lado do povo estão os que amam a liberdade; os desordeiros são os que se collocaram com os seus desmandos e as suas cobardias à margem do Codigo Civil. Mas o dia do apuramento das responsabilidades ha de chegar e nesse ellas serão pedidas. Não se sacrificam, assim, inutilmente, tantas vidas. Todavía esse sangue que tem corrido nas ruas da cidade, por todo esse país, vem redimir-nos e fazer-

nos, enfileirar de facto, no concerto das nações livres e grandes. Vae dar já a nota dos sentimentos da camara com a publicação de um edital em que se respeite a lei e o direito, sem quebra de dignidade, nem assomos de cobardia. E' que se o 5 de outubro foi o movimento grandioso e nobre, premeditado e organizado, este vale mais pela espontaneidade com que a massa popular se apresentou para a luta, e soube morrer e vencer. Nunca mais liaverá ditaduras em Portugal. Elle, orador, liliado num partido politico, abandona-lo-ha na mesma hora em que elle se esquecesse de respeitar a Constituição. Nesta sala foi proclamada a Republica. Neila será agora consolidada. Nas vossas mãos, heroico povo de Lisboa, está bem a defeza do regime; vós sabeis manter bem alto as veihus e nobres tradições da cidade, que na sua historia tem as mais brilhantes e refulgentes paginas em prol da democracia. tẽ porque esta luta foi bem sagrada, rija e heroica, ella será fecunda, porque nenhum de nós deixará de cumprir o seu dever, porque dentro de cada um existe o fogo sagrado e irresistivel pela defeza das instituições que o povo cimentou com o seu sangue puro e ardente. Nós iremos até onde fôr necessario para exigir responsabilidades aos que se permitiram substituir-nos fóra da lei. Proponho, pois, que se publique um edital aconselhando a ordem e a maior grandeza moral pela sorte dos vencidos, e quatro votos, o primeiro de veemente desejo pela vitoria definitiva do direito; o segundo, pela Patria e pela Republica; o terceiro, de sentimento pelos que morreram combatendo, e o quarto de louvor ao povo de Lisboa, á marinha portuguesa, á guarda fiscal e aos



Úma granada de 75 ^m/_m lançada pela artilheria de Santa Catharina e que rebeitou a bordo do VASCO DA GAMA

elementos militares que se puzeram ao lado dos revolucionarios. Está encerrada a sessão.»

Não se pôde calcular o entusiasmo que estas patrióticas palavras despertaram. Vivas e palmas coroaram a bela alocução do sr. dr. Levy Marques da Costa. O povo entrou no recinto onde estavam os vereadores e saudou-os loucamente. Alguns foram levados em triunfo pelos revolucionarios.

Nos seus logares sentaram-se os seguintes vereadores:

Dr. Levy Marques da Costa, presidente; Germano da Fonseca Dias, João Esteves Ribeiro da Silva, Rodrigues Simões, Manuel Pereira Dias, João Antunes Baptista, Custodio José de Araujo e Sá, José Martins Ferreira, dr. Salazar de Souza, Santos Neto, dr. Alberto da Conceição Ferreira, Albino José Baptista, Aurelio Amaro Diniz, Martins Alves, José Maria Baptista, Manuel Joaquim dos Santos e Abilio Trovisqueira.

Assistiram ao acto solenne, além de outros republicanos, os srs. drs. Artur Leitão, João de Barros e Daniel Rodrigues, capitão Alvaro Pope, Ricardo Covões, José Ernesto Dias da Silva, Rogerio Soares Moita, D. Maria Julia dos Santos, da Associação de Propaganda Feminista, etc.

A Junta Revolucionaria, acompanhada de grande numero de marinheiros, deputados e revolucionarios civis, vinda de bordo do *Vasco da Gama*, desembarcou no arsenal da marinha ás 15 horas. Recebida com gran-

des aclamações pelos grupos armados que se encontravam no largo do Municipio e imediações, a junta saiu por um estreito rombo aberto no portão do Arsenal, visto que este, em consequencia do bombardeamento de que foi alvo, ficou engravado no montão de destroços da frontaria, escalavrada pelas granadas da artilharia. A junta ingressou immediatamente no edificio municipal, que quasi totalmente se encheu de revolucionarios civis e povo. Entre os recém-chegados e o presidente e vereadores da Camara Municipal trocaram-se efusivos abraços. Depois a junta recolheu a uma das salas da vereação, onde se conservou reunida até depois das 16 horas, tendo resolvido, logo de começo, que a proclamação da Republica se fizesse a essa hora. Para esse facto, grupos de revolucionarios foram nomeados em comissões para irem chamar os varios membros do novo governo. Entretanto, no edificio e no largo foram-se succedendo diversos episodios. A's 15 horas menos 20 minutos passou a caminho do Cais do Sodré uma força da guarda republicana, de espingardas voltadas de cano para o chão e precedida de uma numerosa força de civis e marinheiros armados, que enthusiasicamente aclamaram a Republica, em côro com os proprios guardas republicanos. A's 15 horas desfilou na mesma direcção, e com o mesmo aparato, grande parte do regimento de infantaria 5. Todos os soldados se manifestaram pela Republica, agitando os bonés, o que causou grande entusiasmo no povo que assistia à sua passagem. A's 15 horas e 30 minutos chegaram ao edificio da camara os srs. capitão-tenente Freitas Ribeiro e general Correia Barreto, acom-

panhados de outros officiaes. Os dois honrados republicanos foram recebidos triunfalmente.

A's 16 horas e 15 minutos, com a varanda da camara apinhada de gente e com uma enorme multidão no largo do Municipio, o major sr. Sá Cardoso, debruçou-se na varanda, á frente da Junta Revolucionaria, sendo extraordinariamente aclamado. Depois, o illustre militar, disse:

«A vós todos, que aqui vos achais recolhidos, e ao resto da população de Lisboa, que aqui não está, mas a quem deveis dar noticia dêste acto, afirmo que o exercito, a armada e o elemento civil acabam de proclamar, pela segunda vez, a Republica em Portugal. Mas é preciso que todos nós, os que aqui estão e os que se acham ausentes, encarem o futuro da nacionalidade portuguesa, neste grave momento, com muita ponderação. Portugal corre sério risco de perder a sua independencia, se a população não cumprir serenamente o seu dever e não entrar na mais estricta ordem. E' preciso que todos façam policia por conta propria: que os civis que estão armados corram a incorporar-se nas forças organisadas, e que ninguem ande, isoladamente pelas ruas, nem responda a tiros que porventura lhe sejam disparados. O contrario d'isto pode dar lugar a sangrentos e lamentaveis equivocos. O sr. presidente da Republica acaba de nomear o novo governo, cujos nomes vão ser lidos. Como alguns ainda estão ausentes, a junta constitucional assumirá provisoriamente, até á sua posse, todas as funções do poder executivo. Se nos quereis dar uma

prova da vossa confiança, fazei o que, com as lagrimas nos olhos e na voz vos peço: correi toda a cidade a proclamar a ordem e não consintais que se travem conflitos na rua. Do contrario Portugal perde-se.»

Calorosissimos aplausos provocaram estas ultimas palavras. Avançou depois o sr. Levy Marques da Costa. Com voz vibrante declara ter, neste momento historico, a honra de proclamar o governo constituido para realizar as aspirações de todo o pais. O povo de Lisboa fez um movimento revolucionario para o cumprimento da lei; mas tem de entrar agora na ordem, correspondendo ao apêlo da junta constitucional, disciplinando a sua acção. O governo é composto dos vultos mais eminentes da Patria. A sua escolha não foi uma obra de partido, é uma obra profundamente nacional. Em seguida, o sr. Levy Marques da Costa leu os nomes dos novos ministros, cada um dos quais foi acolhido por prolongadas e estridentissimas manifestações. Neste momento, precedida da respectiva banda, que executou o himno nacional, entrou no largo o regimento de infantaria 2, acompanhado de uma numerosa força de marinheiros. Num instante, o largo do municipio encheu-se de povo. O entusiasmo atingiu o auge do delirio, e então, o sr. Levy Marques da Costa, pela segunda vez, leu a proclamação e os nomes dos ministros, saudando calorosamente as forças de terra e mar. Anunciou ainda que a Camara Municipal, fiel ao seu mandato, se investiu a si propria nas funções de que tinha sido violentamente esbulhada. Depois, das

janelas da Camara Municipal, varios individuos falaram ainda á multidão, entre elles o deputado sr. Domingos Pereira, que acentua este ponto:

—O movimento revolucionario foi uma significativa lição a todos os futuros governantes, pois mostrou bem que este povo, tão altivo e progressivo, não admite nem tolera nenhuma especie de ditadura.

Depois da sessão, a Camara Municipal de Lisboa fe afixar o seguinte edital:

«Levy Marques da Costa, na qualidade de presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa e em nome desta, sauda o povo de Lisboa e comunica-lhe que hoje, ás 13 horas, reassumiu as funções em que havia sido investida por mandato popular. A Camara Municipal, neste momento solemne para a Patria e para a Republica, confia em que o povo de Lisboa saberá manter as suas gloriosas tradições, defendendo a ordem publica e trabalhando pela tranquillidade geral, completando assim o nobre e generoso movimento que na defesa do Direito acaba de realizar. Viva a Patria! Viva a Republica! Viva o povo de Lisboa!»

As forças de infantaria e marinheiros, saindo do largo do Municipio, com a banda á frente, atravessaram a Baixa, subiram a rua Garrett e desceram a calçada do Combro, arrastando consigo uma enorme e entusiastica multidão.

Pouco tempo depois o sr. Presidente da Republica, que pelas 10 horas da manhã tinha regressado ao palacio de

Belem, assinava varios documentos historicos que convêm registrar:

1.º

Usando da faculdade que me confere o n.º 1 do artigo 47.º da Constituição Política da Republica Portuguesa: hei por bem conceder ao general de divisão, Joaquim Pereira Pimenta de Castro a exoneração, que me pediu, do cargo de presidente do ministerio e ministro da guerra. O ministro do interior assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos paços do governo da Republica, em 15 de maio de 1915.—a) *Manuel de Arriaga*.

2.º

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 47 da Constituição Política da Republica Portuguesa; hei por bem nomear o cidadão Tomé José de Barros Queiroz, ministro das finanças. O ministro do interior assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos paços do governo da Republica em 15 de maio de 1915.—a) *Manuel de Arriaga*.

3.º

Usando da faculdade que me confere o n.º 1 do artigo 47.º da Constituição Política da Republica Portuguesa: hei por bem exonerar os cidadãos Pedro Gomes Teixeira, Guilherme Alvares Moreira, José Jeronimo Rodri-

gues Monteiro, José Joaquim Xavier de Brito, Teófilo José da Trindade, José Nunes da Ponte, José Maria Teixeira de Guimarães, Manuel Goulart de Medeiros, dos cargos, que respectivamente exerceram de ministros do interior, da justiça, das finanças, da marinha, dos negócios estrangeiros, do fomento, das colónias e da instrução pública. O ministro das finanças assim o tenha entendido, e faça executar.—Paços do governo da República, 15 de maio de 1915.—*Manuel de Arriaga, Tomé José de Barros Queiroz.*

4.º

Usando da faculdade que me confere o n.º 1 do artigo 47.º da Constituição Política da Republica Portuguesa: hei por bem nomear o cidadão João Pinheiro Chagas, presidente do ministério e ministro do interior, e os cidadãos Paulo José Falcão, Bazilio Teles, Francisco José Fernandes Costa, Augusto Manuel Alves da Veiga, Sebastião de Magalhães Lima, José de Castro, e José Jorge Pereira, respectivamente ministros da justiça, da guerra, da marinha, dos negócios estrangeiros, do fomento, da instrução pública e das colónias. O ministro das finanças assim o tenha entendido e faça executar.—Dado nos paços do governo da Republica, em 15 de maio de 1915.—*Manuel de Arriaga, Tomé José de Barros Queiroz.*

A Junta Revolucionaria reunira a bordo do *Vasco da Gama* pelas 13 horas, tomando resoluções sobre a cons-

tituição do governo nacional, cuja apresentação foi feita ao sr. dr. Manuel de Arriaga, pelos srs. capitão Correia dos Santos e o primeiro tenente sr. João Muzanti, delegados do exercito e da marinha. Os srs. dr. José de Castro e Tomé de Barros Queiroz tomaram logo posse dos seus cargos. O sr. dr. José de Castro, interinamente ministro do interior, instrução e fomento, chamou a conferencia a direcção da Companhia Carris de Ferro e os comandantes da guarda republicana e da policia, pedindo áquella o immediato restabelecimento da circulação dos seus carros e aos outros a rapida manutenção da ordem e o completo policiamento da cidade.

Pouco depois era afixado e distribuido pela capital uma outra communicação da Junta Constitucional.

O GOVERNO DA CIDADÊ

A Junta Constitucional, em nome do povo e das forças constitucionaes de terra e mar, comunica á população de Lisboa que assumiu o governo militar da cidade o general comandante da divisão Judice da Costa e que aderiram ao movimento constitucional todas as forças da guarnição.

Pela Junta Constitucional—Antonio Maria da Silva, José de Freitas Ribeiro, Sá Cardoso, Norton de Matos.

Pelas esquinas o primeiro Edital da Revolução surgia a pacificar e garantir o socego dos cidadãos.

Era ele d'este teôr:



Leote do Rego tendo o nome do novo governo a alguns marinheiros
e ao chefe revolucionario Antonio do Rego

REPUBLICA PORTUGUEZA

EDITAL—AO POVO DE LISBOA

A junta revolucionaria avisa o povo de Lisboa para se acautelar com os manejos de individuos suspeitos de adversarios do movimento, que procuram, fazendo-se passar por revolucionarios, espalhar a anarquia na cidade. Por tal motivo, a junta revolucionaria convoca todos os elementos civis que colaboraram na revolução a comparecer, sem perda de tempo, no Arsenal da Marinha.

Depois das 19 horas, todos os civis armados encontrados fóra do Arsenal serão presos por suspeitos, por patrulhas regulares, e conduzidos ao Arsenal.—Lisboa, 15 de maio de 1915.—Pela Junta Revolucionaria—(aa) José de Freitas Ribeiro, Antonio Maria da Silva, Norton de Matos e Sá Cardoso.

O presidente do municipio fez publicar o seguinte edital:

Levy Marques da Costa, na qualidade de presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa e em nome d'esta, saúda o povo de Lisboa e comunica-lhe que hoje, ás 13 horas, reassumiu as funções em que havia sido investido por mandato popular.

A Camara Municipal, neste momento solene para

a Patria e para a Republica, confia em que o povo de Lisboa saberá manter as suas gloriosas tradições, defendendo a ordem publica e trabalhando pela tranquillidade geral, completando assim o nobre e generoso movimento que na defeza do Direito acaba de realizar.—Viva a Patria! Viva a Republica! Viva o povo de Lisboa!—Paços do concelho, em 15 de maio de 1915.—O presidente da comissão executiva.

Por outro lado tambem do comando da divisão se affixava:

REPUBLICA PORTUGUEZA

EDITAL

O comandante da 1.^a divisão do exercito e governador militar de Lisboa, faz saber a todos os elementos da classe civil que é absolutamente prohibido transitar nas ruas da cidade, armados, depois das vinte e uma horas, sob pena de prisão.—*Judice da Costa*, general comandante da 1.^a divisão do exercito.

REPUBLICA PORTUGUEZA

EDITAL

Cidadãos: Achando-se já constituido o novo governo da nação, sob a presidencia do sr. João Chagas, e tendo eu assumido o comando da 1.^a divisão do exercito e o governo militar da cidade de Lisboa, saúdo calorosa-

mente todos aqueles que souberam cumprir o seu dever, defendendo a Patria e a Republica.

Mas, sendo absolutamente indispensavel e urgente que se regresses á mais completa normalidade, convido todos os elementos civis a entregarem no Arsenal do Exercito e quartel de marinheiros, no mais curto praso de tempo, todas as armas que possuam, visto que as unidades militares, dedicadamente fieis á Republica, saberão manter sempre a mais completa ordem e tranquillidade.

Nesta hora, excepcionalmente grave, apêlo para o patriotismo de toda a população de Lisboa, sendo absolutamente necessario que todos me auxiliem na espinhosa e ardua missão em que acabo de ser investido, evitando ajuntamentos perturbadores e dando sempre exemplos de cordura e generosidade.

Viva a Republica!—*Judice da Costa*, general comandante da 1.^a divisão do exercito.

A noite de sabado para domingo correu com socego e tranquillidade.

Ultimos ecos e assaltos.—Prisão de Pimenta de Castro. A ordem de Xavier de Brito.

Durante a madrugada de domingo 16, toda a cidade foi policiada por forças do exercito e pela marinha, assim como por soldados da guarda fiscal.

Esta esteve de guarda á estação do Rocio, Banco de Portugal e outras casas bancarias.

A estação telegraphica e todo o edificio dos correios esteve defendido por mais de 100 praças de infantaria 16.

Os ministerios estiveram defendidos por praças de marinha e na entrada principal do Arsenal da Marinha estavam praças da armada e da guarda fiscal.

No interior d'esse estabelecimento, como por exemplo do lado do Caes do Sodré, onde sobre a murada ha duas guaritas, viam-se muitos militares, marinheiros e civis, todos armados.

Os outros principais edificios do Estado têm estado defendidos quasi todos por soldados da guarda fiscal e de varios regimentos.

Policias, nem um só se via nas ruas.

De madrugada e mesmo nas primeiras horas da manhã, num ou outro ponto da cidade ouviam-se uns tiros de pistola ou espingarda.

A convite da Junta Constitucional reuniram, pelas 15 horas, os membros das juntas de parochia, na sala das sessões da Camara Municipal, estando presentes o presidente do senado e da Camara, membros da comissão executiva.

Por parte da Junta Constitucional estava o sr. Sá Cardoso e do Directorio o sr. Filipe da Mata, que, usando da palavra, recorda a epoca em que, como vereador, occupava naquela sala o seu logar. Mostra o muito que a vereação, de que fizera parte, concorreu para a republicanisacão do pais.

O orador, depois de se referir á data memoravel de 5 de outubro, lamenta o facto de alguns elementos que

eram contrarios á Republica, a ela hypocritamente tenham aderido, não permitindo que o novo regimen trouxesse para o paiz todos os beneficios que aqueles que tinham sacrificado a sua vida desejavam.

O sr. Filipe da Mata tece rasgados elogios á marinha, á guarda fiscal, ao exercito, á Junta Constitucional, ao povo que heroicamente se havia batido nas ruas pela defeza da Constituição e pela autonomia das corporações administrativas, que estavam sendo esbulhadas dos logares onde o povo as havia colocado. O grito de revolta contra o ataque feito á Constituição partiu da Camara Municipal de Lisboa e ele fôra seguido por quasi todas as demais corporações administrativas.

Conclue o orador por pedir ás juntas de paroquia para continuarem na sua benefica obra, contribuindo para que o socego seja completo na cidade, onde alguns discolos procedem no sentido de que não haja ordem.

Usa em seguida da palavra o sr. Henrique de Vilhena, que em nome da camara de que é presidente diz que procedera sempre em harmonia com a lei e por isso ele não podia acatar decretos ditatoriais. Assim o entendeu toda a maioria. Reassumindo as suas funções, elle continuará a proceder da mesma fórma.

O sr. dr. Levy Marques da Costa diz que, dirigindo-se ás juntas de paroquia dirigia-se á cidade que elas representavam, essa grande e heroica cidade de Lisboa, sempre pronta aos maiores sacrificios em defeza do paiz.

O orador, referindo-se em seguida ao comicio do Porto, a que assistiu, relembra as suas palavras nele pro-

feridas, de que a ditadura não se manteria pois para se defender a liberdade se levantariam barricadas nas ruas.

Foram 48 horas bastante dolorosas que se passaram, e fazia ele orador votos para que esse sangue generoso que correu nas ruas, frutificasse em beneficio das gerações futuras.

Ficou provado que não era jámais possível ditadura nem ditadores em Portugal.

O sr. Levy Marques da Costa mostra a necessidade de se restabelecer o socego completo e o sr. Filipe da Mata declarou que as juntas de paróquia, reasumindo as suas funcções, poderiam nas respectivas freguesias conseguir a manutenção da ordem.

O orador diz entender que o funeral das gloriosas victimas da revolução deveria ter o character de uma manifestação nacional e por isso sair dos paços do concelho, e que a Camara como representante legitima da cidade deveria, num dos cemiterios, levantar um mausoleu que perpetuasse o feito heroico desses portuguezes que perderam a vida a lutar pela lei e pela liberdade.

O sr. dr. Levy solta um viva à cidade de Lisboa que é muito correspondido.

O sr. Accacio dos Santos, representante da junta de paróquia da Lapa começa por saudar a marinha, a guarda fiscal, o exercito e os civis que tão brilhantemente arriscaram a sua vida em defesa de uma causa justa.

Refere-se em seguida, o orador ao papel das juntas em face da ditadura, preferindo a perda da liberdade a terem de cumprir actos ilegais.

Elogia o sr. Santos o presidente da Camara Municipal de Lisboa e conclue com vivas ao povo da capital.

O sr. Sá Cardoso fala em nome da Junta Constitucional, que representa, começando por justificar a não comparencia de outros membros da mesma junta que estavam, como era natural, cumprindo outras missões necessarias.

Agradece ás juntas de parochia o terem acedido ao convite para a reunião. Como os oradores precedentes, o sr. Sá Cardoso faz elogiosas referencias á marinha, á guarda fiscal, ao exercito e ao povo que se havia batido com denodada energia e patriotismo.

Salienta a fôrma como procedera infantaria² e outras forças militares. Mostra quanto as juntas de parochia, com a sua resistencia contra a ditadura, haviam contribuido para a revolução, preparada por assim dizer, em dois dias.

Pede o orador, por fim, que as juntas de parochia olhassem pelo socego das suas freguezias.

O sr. dr. Alvaro de Castro diz que a Junta Constitucional nada mais fizera do que seguir os desejos do povo. Fora a fé republicana que trouxera a vitoria.

Com a mesma coragem de Lisboa se bateram o povo e o exercito no Porto, em Coimbra e noutros pontos do pais, obtendo em toda a parte a mesma vitoria os que lutaram para que a lei e a liberdade se restabelecessem no pais.

Conclue, saudando a Republica.

O sr. dr. Alvaro de Castro diz ter toda a confiança

no governo e tem a certeza de que ele adotará as medidas e providencias que entenda necessarias.

O sr. Norton de Matos dá conhecimento de que algumas medidas já tinham sido adotadas, e como o sr. dr. Alvarô de Castro, diz depositar toda a confiança no governo.

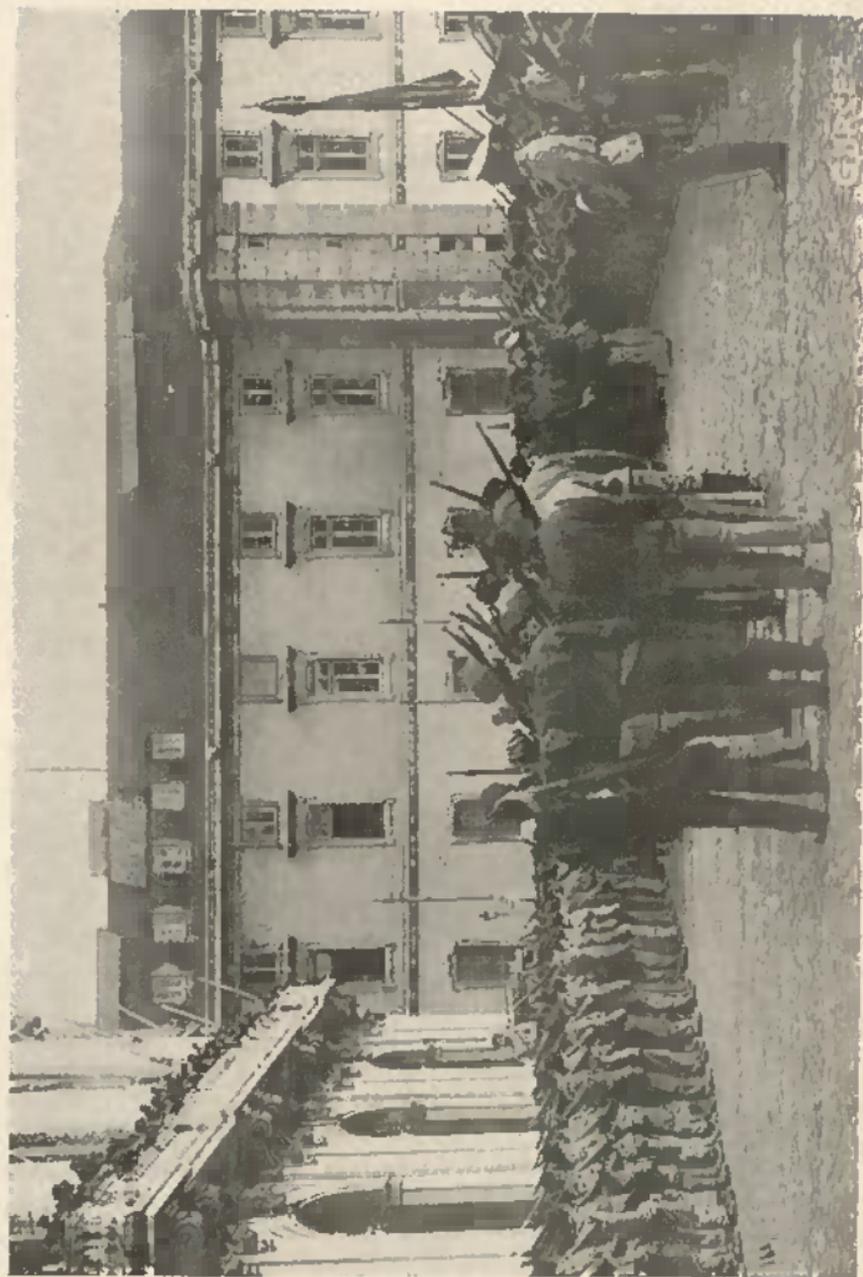
A vitoria é daqueles que lutaram pela lei e pela Republica. Entende que todos os populares que lutaram nas ruas, finda a sua missão, devem entregar o armamento em seu poder no Arsenal de Marinha e enquanto se não organizar uma policia, como é preciso, as juntas de paroquia olhem pela ordem publica nas suas freguezias.

O sr. Almeida, da junta de paroquia de Alcantara, num longo discurso mostra os inconvenientes que tem resultado da muita tolerancia com elementos que não a merecem.

Em seguida a Junta Constitucional reúne noutra sala do edificio, tende as juntas de paroquia uma reunião de character reservado e que teve por fim assentar na orientação que deviam seguir.

A's 17 horas e 20 minutos dão ingresso nos Paços do Concelho os srs. dr. Afonso Costa, Antonio Macieira e Alexandre Braga, o sr. Antonio Maria da Silva e outros vultos do partido republicano, que são recebidos com palmas e vivas freneticos. Dirigem-se todos eles para a sala onde estava reunida a Junta Constitucional.

Pouco depois chegou ao largo do Pelourinho a banda da Republica precedida de marinheiros e militares e seguida de extraordinario numero de populares. O largo fica literalmente cheio.



A proclamação na Câmara Municipal

Todos os individuos que se encontravam no edificio dos Paços do Concelho, terminadas as palmas e os vivas, usam da palavra o sr. dr. Alexandre Braga que profere um brilhante e patriótico discurso; começa por dizer que se acaba de fazer a verdadeira Republica, pois não eram possiveis atos de ditadura dentro do nosso pais. Em Coimbra, Santarem e Portalegre, a bravura, como em Lisboa e no Porto, fora extraordinaria, mostrando-se ali que havia a compreensão nitida dos direitos dos cidadãos e do respeito que se deveria ter pela Constituição e pelas prerogativas das corporações administrativas, legitimas representantes do povo, que as havia eleito. Era necessario, diz o orador, que aqueles que definitivamente implantaram a Republica, colaborando numa obra patriótica, saibam completa-la, evitando-se a alteração da ordem publica e não dando azo a que os adversarios da Republica especulem miseravelmente, como sempre têm feito, com atos ainda os mais insignificantes. Nós, diz o sr. dr. Alexandre Braga, defendemos a lei e por consequencia a ordem, e eles é que são os desordeiros. Conclue o orador com um viva á Republica Portuguesa, que é correspondido com fremente entusiasmo por todo o povo que enchia o largo do Pelourinho.

Segue-se no uso da palavra o sr. dr. Alvaro de Castro, que num breve discurso enaltece a fôrma como se bateram os defensores da lei, terminando com um viva á Patria e á Liberdade.

O sr. Antonio Maria da Silva declara que a ordem estava garantida e atendendo a que a Junta Constitucio-

nal ainda tinha muito que fazer, pede ao povo que entre na melhor ordem.

Entretanto nas ruas da cidade iam-se regulando os ultimos cazos, organizando e cuidando da bôa ordem e segurança. Além dos grupos armados de que já falamos, começaram a ser reorganizados alguns nucleos militares de confiança.

Deram-se então ordens à guarda fiscal para que duas forças do comando de oficial tomassem conta das estações do Rocio e de Santa Apollonia, ficando à sua guarda o material e mercadorias ali existentes. Pelas 14 horas uma grande força da guarda republicana de infantaria, comandada pelo capitão Cortez, com varios subalternos, veio para o governo civil render a que lá estava e que retirou pouco depois para Alcantara, conduzindo o sargento Malta, em meio dela uma bandeira que até então se hasteava na parreira do pateo, sobre o gabinete dos telefones.

O major Amaral começou então a organizar o policiamento da cidade. As areas das varias esquadras policiaes foram divididas em circuitos para neles girarem constantemente patrulhas formadas por marinheiros e guardas republicanos. Ha metade das patrulhas que eram feitas pela policia, mas, em compensação, rondas de officiaes e subalternos mantêm constante vigilancia sobre elas.

Já vimos, no entanto, o que se ia passando no Governo civil.

Uma força de marinheiros apresentou-se em frente do edificio do Colegio Militar, na Luz, no intuito de fa-

zer render os alunos ali instalados, na hipotese destes se recusarem a entregar-se. O panico foi grande entre os rapazes, dos quais nenhum appareceu nas ruas ao lado dos revolucionarios, ao contrario do que succedeu no 5 de outubro, tendo sido dado aviso telefónico para o governo civil, a comunicar o que estava ocorrendo. Entretanto, as portas do edificio eram franqueadas aos marinheiros, tendo-lhes sido comunicado tambem que os alunos já tinham aderido e se não saíram a oferecer os seus serviços aos revolucionarios foi por isso lhes ter sido impedido superiormente.

A seguir compareceu ali o major sr. Correia dos Santos, que é um dos professores da escola, e o capitão tenente sr. Muzanti, os quais, na qualidade de delegados do governo, esclareceram os factos, pelo que os marinheiros retiraram immediatamente.

Diante do Quartel da guarda republicana do Cabeço de Bóla appareceu um automovel com marinheiros, declarando elles que, constando que o povo fizera uma manifestação de desagrado á guarda daquele quartel, iam ali para manter a ordem. O comandante, capitão sr. Cortez, declarou-lhes que não havia novidade, retirando os marinheiros.

Ao cair da tarde appareceu no hospital o capitão de cavalaria sr. D. José Manuel da Cunha e Menezes, que foi ajudante do sr. Pimenta de Castro, e que ali foi apresentar-se voluntariamente. Depois chegou um grupo de civis do Barreiro, com os srs. Domingos Henrique Jorge e Luiz da Silva, de Lisboa, que vinham trazer aos revolucionarios daquele estabelecimento grande provisão

de mantimentos, constituídos por pão, azeite, bacalhau, batatas, chouriço, uma vaca e dois carneiros, generosamente cedidos pelo proprietario na Amora, sr. Carvalho.

O facto mais importante de domingo, 16, foi cuncto a prisão do ex-presidente do ministerio, general Pimenta de Castro.

Tanto elle como o sr. coronel Goulart de Medeiros, ex-ministro da instrução, que se encontravam no quartel do Carmo, foram pelas 4 horas da manhã removidos para bordo do cruzador «Vasco da Gama», acompanhado pelos srs. 1.º tenente da armada, Pereira da Silva e capitão Alvaro Poppe, que munidos de ordem superior lhes dissêram para se conservarem presos.

O ex-presidente do governo aprontou-se immediatamente, e, pouco depois, tomava lugar no veiculo ao lado do primeiro official, o qual seguiu em direcção ao Terreiro do Paço, onde havia pouquissimos curiosos, que o não reconheceram. Saltando ali para um rebocador do Arsenal, foi levado para bordo do cruzador «Vasco da Gama» e presente ao capitão de fragata, sr. Leote do Rego.

Depois de lhe ter sido indicado um camarote que lhe ficou servindo de prisão, o sr. Pimenta de Castro mudou mais tarde de fato.

De uma entrevista que um redactor de um jornal da tarde teve a bordo do «Vasco da Gama» com o sr. general Pimenta de Castro, recortamos os seguintes periodos:

—O escafer do Arsenal, que de terra nos conduz a

bordo do «Vasco da Gama», atraca á ponte pelas 17 horas. A bordo, a marinhagem animadissima, pede-nos noticias de terra. Leote do Rego, o valoroso comandante das forças navais, vem receber-nos efusivamente, num grande abraço.

—O general?

—Está a dormir.

—Mas eu queria falar-lhe...

—Isso é consigo e com ele; mas não consinto que o acorde.

Entretanto, Leote do Rego, amabilissimamente, indica-nos o paradeiro do general. Está instalado por sua livre escolha, num confortavel camarote, a estibordo da camara do comandante. Não tem guarda nem sentinela. Fôra conduzido a bordo com todas as honras de prisioneiro illustre.

Batemos de leve na porta do camarote. Não sabemos porquê, sentimo-nos oprimidos de uma certa emoção. Por acaso—fôra tão curto o reinado do general!—nunca lhe havíamos falado como chefe do governo. Achámos bizarro ir entrevistá-lo agora como prisioneiro.

A porta abre-se. No limiar aparece o general. Esperavamos vê-lo surgir dentro da sua farda—aquela farda que nos ultimos tempos os monarquicos tão insistentemente reclamavam. Surge-nos á paizana. E nós perguntámos a nós mesmos se o sr. Pimenta de Castro não se teria apressado a despir a farda, por haver reconhecido que ela não dera resultado.

O general traça fato azul escuro, colarinho baixo, laço avermelhado. Sem nos conhecer estende-nos a mão.

A sua mão treme. Mas o rosto reflete serenidade, embora os olhos brilhem com penetrante fulgor.

—Sou redator do *Seculo*. Tomei a liberdade de o incomodar por calcular que talvez V. Ex.^a deseje tornar publicas algumas declarações. Prometo reproduzil-as com a maxima fidelidade...

O sr. Pimenta de Castro não responde logo. Afavel, com um excesso de modestia que chega a incomodarnos, pretende obrigar-nos a sentar, conservando-se ele de pé.

Depois, em voz baixa, ligeiramente tremula, e num encolher de hombros, declara:

—Nada tenho a dizer...

Segue-se um silencio. Mas silencio curto, porque reconhecemos a necessidade de insistir. E' necessario fazer perguntas, aliás teremos de retirar-nos.

—V. Ex.^a estava informado do movimento, não é verdade?

—Sim. Tinham-me dito umas coisas na vespera.

—E tomou, é claro, providencias para o reprimir?

—Sim. O que as circumstancias aconselhavam...

As coisas naturais...

—Diga-me v. ex.^a uma coisa, que ainda não está sufficientemente esclarecida: O governo pediu a demissão ou foi o sr. Presidente da Republica que lha deu?

O general, a esta pergunta, responde com vivacidade:

—Não. A demissão pedi-a eu. Quando vi que o barulho (*sic*) passava a maior e que não se podiam harmonizar os partidos, mandei pedir a demissão.

—Mandou-a pedir? Mas o sr. dr. Manuel d'Arriaga não estava também no quartel do Carmo?

—Nunca lá poz os pés—atalha rapidamente o sr. Pimenta de Castro.

—Então, onde esteve?

—Onde esteve?... Onde esteve?... Olhe, não me lembro.

—Quem acompanhou, pois, v. ex.^a no quartel?

O general, nesta altura, faz um ligeiro gesto de fadiga. Depois, quasi numa supplica:

—Mas eu peço a v. ex.^a que me não sujeite a um interrogatorio.

* —De modo nenhum. Apenas esta pergunta, se v. ex.^a não tem inconveniente em responder: Não esteve no Carmo todo o ministerio?

—Olhe: não me lembro bem... Mas parece-me que sim... O Goulart... O Nunes da Ponte... O Guilherme Moreira... O Xavier de Brito... O Gomes Teixeira... Sim, parece-me que esteve o ministerio todo.

—É quem acompanhou v. ex.^a a bordo?

Não me lembro... Não me lembro...

Despedimo-nos do sr. Pimenta de Castro, que nos aperta nervosamente a mão. A porta fecha-se. Reatamos a nossa conversa com o comandante, sr. Leote do Rego. Nisto, entra na camara um sujeito á paisana. Apresenta-se. E' o capitão José Manuel da Cunha Menezes, ajudante de campô do general sr. Pimenta de Castro. E explica:

—Sr. comandante. Eu tinha saído do quartel do Carmo para uma missão, e, quando voltei, soube da pri-

são do meu general. Entendi do meu dever não me apresentar em parte nenhuma sem receber as suas ordens. Não acha v. ex.^a que era esse o meu dever?

—Decerto, decerto... —respondeu o sr. Leote do Rego.

—Pois era,—continua o oficial.—Vim a bordo. Mas fui hostilizado no Arsenal e no trajeto até aqui. V. ex.^a não acha que é muito desagradavel?

—Decerto, decerto... —repete o sr. Leote do Rego.

—Portanto, eu pedia a v. ex.^a que me deixasse falar com o meu general, na sua presença, bem entendido. E, depois, que v. ex.^a arranjasse maneira de eu regressar a terra sem ser incomodado. V. ex.^a compreende que é muito desagradavel...

—Decerto, decerto... —concorda, pela terceira vez, o sr. Leote do Rego.

E conduz o receoso oficial ao camarote do prisioneiro. Este vem á porta e o dialogo entre os dois decorre no limiar. O sr. Cunha Menezes repete o seu recado... «era do meu dever...» Quando ele se cala, o sr. Pimenta de Castro diz textualmente:

—Preciso de roupa.

—Sim, senhor.

E o general instrue o seu subordinado sobre a missão que lhe incunbe... Camisas, lenços... A senhora sabe onde está... Naquela mala, assim, assim...

Ao mesmo tempo entrega-lhe, para serem dadas a sua familia, duas notas de 50 escudos.

—A senhora que fique na casa do Campo de Santa Clara, se assim o entender. Mas talvez não seja conve-



Dr. Theophilo Braga

niente... O melhor é resolver isso com meu genro, o sr. dr. Manuel de Carvalho.

Depois, o sr. Pimenta de Castro pede ao sr. Leote do Rego licença para escrever. O comandante do «Vasco da Gama» fornece-lhe papel de bordo. O general escreve, de pé, sobre uma jardineira, uma longa carta. Quando acaba chama o sr. Leote do Rego e apresenta-lhe a carta aberta:

—V. ex.^a quer vêr o que escrevi?

—Não, senhor. Confio.

D'aí a instantes o sr. Cunha Menezes despede-se, insistindo novamente, com notavel aflição, junto do sr. Leote do Rego, para que lhe garanta a integridade fisica no regresso a terra. O sr. Leote do Rego dá ordens a um sargento de marinha para pôr o escaler ás suas ordens e mandar conduzil-o onde quizer desembarcar.

E suggere:

—No caes da Alfandega, não?

Mas o official não está ainda satisfeito. Quer que o sr. Leote do Rego o mande acompanhar até á terra. E repete o estribilho:

—V. ex.^a comprehende. E' muito desagradavel...

Mal o official desaparece, o sr. Pimenta de Castro, que da porta do camarote assistira á cena, chama-nos com a mão! Ficamos surpreendidos. Ainda agora a nossa presença lhe era, ao parecer, tão incomoda...

—Sabe—diz ele—quem pode ao certo informal-o sobre alguns pontos de que me não recordo, é o general Judice da Costa... Eu só tenho idéa de ter vindo comigo para bordo Goulart de Medeiros...

A nossa surpresa sobe de ponto. Não compreendemos bem como é que o sr. Pimenta de Castro, agora, espontaneamente, nos quer dizer coisas. No entanto, ele continúa, saltando de assunto para assunto, quasi desconexamente:

—Sim... Eu estava informado do movimento... Mas a policia, até á ultima, sempre me garantiu que não havia motivo para receios nem cuidados.

«Na sexta-feira, dia do movimento, dei as necessarias ordens para rigorosas precauções. Mas fui deitar-me socego. A policia dizia que não havia perigo...

«Acordaram-me pelo telefone com a noticia... Levantei-me. Como não podiamos ir para os ministerios, tratei de mudar o governo e o quartel general para o quartel do Carmo.

«D'ali seguimos os acontecimentos. . Reunimos em conselho e, como o barulho não socegava, resolvemos pedir a demissão.

«Quando já tinha escrito a carta para o sr. presidente da Republica, chegou o capitão Correia dos Santos com um official de marinha para propôr o armisticio. Acrescentei essa noticia em *Post-escriptum* e assim *P. C.*

«Quando soube que tinha sido preso o Xavier de Brito interessei-me por noticias dele e dos outros... Machado Santos esteve quasi sempre commosco no quartel do Carmo...

«Vim para aqui sem saber o que havia de governo; Perguntei e soube com satisfação que os ministros foram nomeados pelo sr. presidente da Republica.»

E o sr. Pimenta de Castro volta a frisar que o sr. dr. Manuel de Arriaga nunca esteve no quartel do Carmo. Insiste, como se receasse que o não acreditássemos.

E, como em seguida se cala, nós retiramo-nos discretamente, abstando-nos de lhe dirigir perguntas. Todavia, cabe aqui registrar que o ex-presidente do governo, referindo-se á carta que enviou ao sr. dr. Manuel de Arriaga, não nos quiz dizer toda a verdade. Ocultou, por exemplo que, além de pedir a demissão do ministerio, communicava ao chefe do Estado que o sr. Antonio José de Almeida, numa entrevista que com ele tivera no Carmo, se lhe declarara pronto a organizar ministerio e a estabelecer a ordem publica. Essa carta foi apreendida pelos republicanos da Amadora a um *chauffeur* que, num automovel do Estado, se dirigia a Queluz, para a entregar ao presidente da Republica. Juntamente com a referida carta foi tambem apreendida ao *chauffeur* aquella carta do sr. Brito Camacho, a que já nos temos referido e que é do seguinte teor:

Sr. Presidente — A's duas horas da madrugada, recolhendo a casa, disseram-me que rebentaria ás 4 horas um movimento revolucionario. A's 9 horas, estando ainda na cama, foram-me dizer o que se passava.

Os revolucionarios, segundo me informam, não desarmam sem que se demita o governo. E' já muito grande o numero de mortos e são sem conto os feridos.

Em nome da União Republicana declaro a v. ex.^a que não quero o poder, não quero mesmo participação no Poder e que acatarei o que v. ex.^a fizer no sentido

de terminar rapidamente, sem mais sangue, a luta fratricida que se está desenrolando em Lisboa.—Saude e Fraternidade.—Lisboa, ás 12 horas.—14-5-915.—*Brito Camacho*.

Saindo do camarote do sr. Pimenta de Castro, Leote do Rego conta-nos, cá fóra, episodios curiosos, ainda relativos á prisão dos ministros. Ante-hontem á noite recebera a bordo comunicação de que o governo considerava todos os ministros do anterior gabinete eriminosos políticos, devendo ser julgados pela lei de responsabilidade ministerial. Ao mesmo tempo, como se receasse pelas suas vidas, foi resolvido interna-los a bordo dos navios de guerra.

Pimenta de Castro, que viera do Arsenal acompanhado do sr. Goulart de Medeiros, foi recebido ás 4 horas, pelo sr. Leote do Rego, a quem se apresentou, sereno e despreocupado.

As primeiras palavras foram:

—Está frio; mas tive quem me emprestasse um casacão.

Depois, recolheu ao camarote, que pouco antes fôra prisão do ex-ministro Xavier de Brito.

—Podem dar-me um copo de vinho de Borba?

E, por fim, dirigindo-se ao comandante:

—Então, sr. Leote do Rego, o senhor não deve tardar a ser ministro da marinha?

Ao que Leote do Rego respondeu:

—Não foi para mandar, nem para dominar que eu

me servi da força armada. Foi para libertar, o que é diferente...

O comandante do «Vasco da Gama» informa-nos depois que Xavier de Brito foi transferido para o «Adastor» e Goulart de Medeiros para o «S. Gabriel». O unico prisioneiro a bordo do «Vasco da Gama» é o sr. Pimenta de Castro.

E nós damos-lhe, em troca, a noticia, ainda nova para ele, de que o ex-ministro do fomento, sr. dr. Nunes da Ponte, saira, pelas 16,30, do hotel Aliança, acompanhado de alguns amigos, dizendo-se que tencionava regressar, nesse mesmo dia, a sua casa ao Porto.

Emquanto no duro cativoiro, meditam embalados pelas aguas do Tejo, a Junta Constitucional manda para a imprensa, á tarde, deste domingo historico, a seguinte nota:

A Junta Constitucional resolveu continuar no exercicio das suas funções para completar a obra da revolução e auxiliar o restabelecimento da manutenção da ordem publica até que todas as pastas estejam preenchidas. Só depois de todos os ministros terem completa e definitivamente tomado posse do governo a Junta se dissolverá.

A bordo do «Vasco da Gama», para onde transitou do Arsenal, encontra-se preso o vice-almirante sr. José Joaquim Xavier de Brito, que exercia no ministerio Pimenta de Castro o cargo de ministro da marinha.

A' sua chegada ao bordo foi presente ao comandante, sr. Leote do Rego, que o interrogou sobre se tinha ou

não dado a seguinte ordem ao comandante do «Espadarte» :

O portador é de toda a confiança. O campo entrincheirado tem ordem de fazer fogo sobre os navios revoltosos. Sáia para oeste de Belem e onde lhe pareça conveniente aguarde a ocasião de afundar os navios que puder, até liquidação final.

O ex-ministro da marinha, que traja á paizana, respondeu afirmativamente, tendo o sr. Leote do Rego feito sentir-lhe a monstruosidade de semelhante ordem e mandando-o recolher ao seu camarote.

O comandante do «Espadarte», ao receber a ordem do ex-ministro, respondeu que não a acatava. O portador ainda lhe disse que respondesse que sim e que a não cumprisse, mas o comandante recomendou que fizesse ciente ao sr. Xavier de Brito que não cumpriria semelhante ordem, fosse em que situação fosse, porque, sendo ele um amigo do progresso da marinha portugueza, não podia destruir os seus navios.

*

Após terminar a sua missão libertadora, a junta revolucionaria fez espalhar pelo paiz um extenso manifesto, expondo a sua ação completa.

Sómenté para figurar na historia do movimento, não podemos deixar de o transcrever:

AO PAIZ

MANIFESTO DA JUNTA REVOLUCIONARIA

O ministerio Pimenta de Castro, nomeado para pacificar a sociedade portugueza e presidir ás eleições, realizou uma obra que se traduziu numa violenta perseguição ao Partido Republicano Portuguez, no desprestigio das instituições republicanas e numa agitação e intranquilidade singulares dentro de todas as classes sociais. A sua obra, logo de inicio, foi uma perseguição acintosa. Breve fez seguir essa perseguição de varias medidas que, atingindo o Partido Republicano Portuguez, feriram gravemente a propria Republica. Mais uns passos dados e o governo entrou abertamente numa ditadura feroz e imbecil que não encontra paralelo na historia da politica portugueza. Sem reconhecer limites á sua ação discrecionaria, ordenou o encerramento do Parlamento e opoz-se pela violencia, ao seu regular funcionamento. Praticado este maximo crime, não pára, arrastado por uma inominada insania. Leva o seu impudor a publicar uma lei eleitoral que excede em infamia e em torpezas a decantada *ignobil porcaria* da ignobil ditadura monarchica. E, como no paiz um partido se levanta em clamoroso protesto, logo decretoú medidas para abafar o Partido Republicano Portuguez, que nesse momento defendia a pureza augusta dos principios constitucionais e republicanos. Então estabeleceu processos novos de dissolução dos corpos administrativos, e contra a sua resistencia armou-se da pena perpetua de prisão, amea-

çando tudo e todos com o seu espirito inquisitorial e tenebroso.

Lançou ao abandono a politica externa, praticando a baixesa de esquecer Naulila para ir humilhanamente felicitar o Kaiser no dia do seu aniversario. Os sinceros republicanos interrogavam-se anciosamente sobre o futuro da Patria e da Republica. O governo, embora silencioso como uma esfinge, respondeu com os seus actos de inludível eloquencia, demonstrando a systematica preparação de entrega da República.

Nomeou autoridades administrativas monarchicas, e, para satisfazer as reclamações dos realistas, deu uma ampla anistia aos conspiradores perigosos, facultando-lhes o enxovalho permanente e publico das instituições republicanas. O governo desceu ainda mais, pois chegou ao cumulo de abrir leilão de deputados no ministerio do interior. Que era tudo isto? Republica? Não! Era a ignomia, alimentada pela imbecilidade.

Era urgente acabar. O Partido Republicano Portuguez, vendo o perigo desde a primeira hora, procurou realizar com eficacia a defeza da Republica. Varios membros do Partido tomaram a direção do movimento com o criterio que só a offensiva—a Revolução—poderia conduzir a resultados seguros. Mas desde o principio, apesar da luta cruel de que fôra alvo, o Partido Democratico assentou que a revolução se faria a favor da Republica. Os trabalhos foram muito demorados porque a Junta encontrou raramente apoio fóra do seu campo partidario. Todos sentiam a vergonha da ditadura, o perigo do seu prolongamento, mas os não afetos ao Partido



João Chagas

Republicano receavam entrar num movimento que se lhes afigurava caracterisadamente partidario. Este receio, embora infundado, fez com que a organização revolucionaria fosse um pouco além do Partido Republicano, sendo certo, comtudo, que nas horas da luta elementos de outros partidos e independentes, deram o seu valeroso esforço para a restituição do paiz á vida constitucional. A Junta esclarecia que os fins a alcançar eram essencialmente republicanos e consistiam simplesmente no regresso á normalidade da vida constitucional, na constituição de um ministerio, com elementos dos tres partidos, realizando-se as eleições no dia já fixado, de 6 de Junho.

Não logrou a Junta Revolucionaria desvanecer as duvidas de todos aqueles, que obcecados, imaginavam, co-laborando nesta obra de saneamento constitucional, co-laborar ãa realização de um desejo do Partido Republicano. Elementos valiosos dos outros partidos foram consultados sobre a necessidade de pôr termo á ditadura, mas ponderavam uns que não era oportuno o movimento revolucionario e outros que a Republica não corria perigo serio.

Comtudo, os republicanos já nem podiam aclamar a Republica, ao passo que os monarchicos saudavam a monarchia nova, protegidos pela força armada. Entretanto o povo ia-se esclarecendo. Engrossavam os adeptos da Revolução e a Junta podia marcar a hora da queda da ditadura. A Junta Revolucionaria, ao abrir as hostilidades fez distribuir uma proclamação onde se continham as suas reclamações. As forças navais revolucionarias,

que foram a totalidade dos navios, ao iniciarem o combate intimaram o governo a demitir-se dentro de poucas horas, fazendo um apelo aos seus camaradas do exercito fieis ao governo. As forças do quartel de Marinheiros fizeram chegar a varios pontos das forças de terra a seguinte circular:

Pela Republica, pela Constituição e pela formação de um ministerio nacional, convidamos os nossos camaradas a adcrir ao movimento que não tem caracter partidario.

Semelhante mensagem enviou o regimento de artilharia 3 em Santarem ao regimento de infantaria 34, antes de abrir as hostilidades. No dia 14 iniciou-se, em todo o pais, a luta. O povo, quer vestindo jaqueta, quer envergando farda de militar ou marinheiro, foi o heroe da revolução. A sua abnegação não teve limites, a sua coragem não teve desfalecimentos. Afirmou a Republica de armas na mão e dominou os seus adversarios, convencendo o mundo de que as instituições que escolheu as defenderá até á ultima gota de sangue. Quando já as forças fieis ao governo estavam dominadas pela revolução triunfante, foi proposto um armisticio que não chegou a realizar-se por completo. O armisticio tinha por fim esclarecer a situação, e dar conhecimento mais completo ao exercito de terra das reclamações e das verdadeiras intenções dos revolucionarios. Acolhidas estas com aplauso, pelo exercito ainda fiel ao governo, cessaram as hostilidades, começando a Junta a trabalhar para organização

do ministerio, que deveria ser formado pelos tres partidos da Republica, como sempre fôra julgado necessario pela Junta Revolucionaria e como o exigia a opinião publica republicana.

Com o atentado vilissimo de que foi victima o grande republicano e patriota João Chagas, supoz a junta frustrados os seus esforços para a constituição do ministerio, tal como o estabeleceram os revolucionarios ainda debaixo de fogo. Tentou então pedir a entrada no ministerio dos tres chefes do partido, o que não conseguiu, dada a recusa por parte dos chefes do partido evolucionista e unionista. Depois de longas e trabalhosas *demarches* e sabido que o estado de João Chagas não o inibia de voltar á politica activa dentro de pouco tempo, a Junta conseguiu organizar o ministerio.

Os nomes que nelle entram são segura garantia de defesa da Republica e da boa e honesta gerencia dos negocios publicos. A Junta findou assim a sua missão e julga te-la cumprido inteiramente. É hoje o seu ultimo dia e os seus ultimos membros voltarão a ser, como todos os bons republicanos, sómente sinceros defensores das instituições que o povo quiz e soube manter com vigor, energia e coragem. Antes, porém, entende do seu dever patentear ao governo, mandatario da revolução, os pontos concretos das immediatas reclamações dos republicanos e que em pouco se resume:

Restituir todos os funcionarios civis e militares ás situações em que se encontravam anteriormente á ditadura ;

Trancar todos os castigos applicados a militares ou civis pela ditadura;

Declarar a nulidade de todos os decretos ditatoriais, tornando validos unicamente os de caracter eleitoral de 24 de fevereiro e 2 de março de 1915 por não haver possibilidade de se fazerem as eleições no dia 6 de junho, adoptando outro criterio;

Encerrar os centros mouarquicos e marcar prazo aos cabecilhas e agitadores mouarquicos para sairem do pais;

Conutar as penas dos individuos presos por crimes sociais, enquanto o Parlamento não resolver sobre a sua amnistia;

Retirar da actividade do serviço os funcionarios ou militares de terra e mar que pratiquem ou tenham praticado quaisquer actos hostis ao regime republicano e á Constituição;

Conceder pensões ás familia de todos aquelles que faleceram defendendo a Republica e a Constituição;

Estudar, com a maxima brevidade, a forma de atender as reclamações, que não acarretem aumento de despesa, das praças de pref, sargentos e officiais do exercito e da armada;

Viugar a afronta feita á bandeira nacional, activando com energia e decisão a campanha nas nossas colouias africanas.

Estas indicações, que são as ultimas que a Junta apresentará ao governo, condensam as medidas necessarias para garantir a segurança da Republica e digni-

ficar a Pátria Portuguesa. E ditas estas palavras a Junta considera-se dissolvida. Não abandonará, porém, o seu posto sem aplaudir vivamente todos os republicanos que lhe prestaram o seu auxilio, quer nas horas indecisas da iniciação revolucionaria, quer nas horas dolorosas e tragicas de combate.

Finalmente, faz um apelo caloroso aos republicanos de todos os partidos para que abandonem as lutas estereis de personalidades e se unam para se alcançar o ideal que a todos é comum o bem da Pátria e da segurança da Republica.

Sirvam de lição, embora cruel, os factos passados.

Entremos na paz e na concordia e se os chefes pretenderem desviar-vos desse caminho, abandonai-os, porque a força está do vosso lado, humildes soldados da Republica.

Não mais deveis consentir ditaduras. A ditadura é a negação da Republica.

Uni-vos, pois, contra todos os que as utilizem ou defendam. Esta vossa união garantirá a pureza Constitucional.

O tema de todos os republicanos deve ser pela Pátria, pela Republica e pela Constituição.

Viva a Republica!

Lisboa, 19 de maio de 1915.

A Junta Revolucionaria.

O atentado contra João Chagas

No dia 16 o sr. João Chagas embarcára pelas 18 horas e 50 na estação de Campanhã, no Porto, acompanhado por sua esposa, pelo sr. Paulo Falcão e pelo sr. Carlos de Oliveira, antigo governador civil de Braga e oficial do governo civil do Porto. Na estação, por se ignorar a hora da partida do presidente do concelho, era pouca a gente que se despediu dos viajantes.

O tres bõmens jantaram no *restaurant* do comboio e a senhora ficou só no compartimento. Em Aveiro, estando todos reunidos, foi feita uma entusiástica manifestação ao sr. João Chagas que, tendo partido o comboio, se sentou a conversar animadamente com o sr. Paulo Falcão, a quem esteve exprimindo o desejo de não aceitar o cargo de que estava investido, mostrando-lhe um documento em que exarava a sua opinião sobre o atual momento e sobre a constituição de um governo de força, no qual se não podia sentir muito bem.

Em Coimbra, poucas pessoas aguardavam o comboio, mas essas saudaram efusivamente o sr. João Chagas, não tardando o comboio a chegar a Paialvo, onde entrou na carruagem da cauda o senador João de Freitas, que já ali estava desde ante-hontem, tendo ido aguardar á estação a chegada do rapido e desistindo de nele seguir por ver que não vinha a pessoa que visava.

Percorreu todas as carruagens com olhar inquisitorial, havendo quem supunha que pretendia encontrar o dr. Afonso Costa.

Atravessou todo o comboio até á carruagem junto do *fourgon*, onde o sr. João Chagas tomava assento entre sua esposa e o sr. Paulo Falcão, aquela junto da portinhola e este junto da porta da *cabine*, todos no assento do lado da maquina.

O sr. João Chagas encostava a cabeça á alinofada do compartimento, voltado sobre o lado esquerdo e o sr. Paulo Falcão encontrava-se na posição oposta. Cá fóra, no corredor, estava um qualquer individuo que João de Freitas deixou que se afastasse, passando-lhe pela frente, até que, vendo-o sair dali, irrompeu no compartimento, de revolver em punho.

E, serenamente, com o maior sangue frio, apontou a arma ao sr. João Chagas e disparou por quatro vezes. Ao dar o primeiro tiro, o sr. Paulo Falcão pretendeu desarmal-o, mas o agressor não lhe deu tempo e continuou disparando, sendo então agarrado pelo sr. Falcão e pela senhora, esta com tal desespero, que chegou a arrancar-lhe cabelos das barbas.

Então, o agressor, voltando o revólver para o sr. Falcão, exclamou:

— Eu entrego a arma, que já está descarregada, Falcão!

Ato continuo, apareceram outros viajantes e o revisor do comboio, que lhe deu a voz de prisão, sendo João de Freitas maltratado e arrastado para o fundo da carruagem, onde até senhoras o agrediram, vivamente indignadas. O sr. João Chagas ficára lívido, mas não pestanejara e conservara-se na mesma atitude e posição, tendo-lhe uma das balas penetrado na orbita direita, a

outra na testa, a outra de raspão no pescoço e a quarta num braço, parecendo que lh'o fracturara.

Cinco minutos passados, o comboio parava no Entrocamento, onde muita gente esperava o chefe do governo.

O sr. João Chagas, cuja serenidade a todo sespantou e comoveu, pediu que o desembarcassem em Campolide e não em Lisboa, para evitar que na capital se soubesse logo do que sucedera e pudesse haver nova alteração de ordem.

Os gritos de «mata» continuavam e o sr. dr. João de Freitas, sobre quem ainda alguns populares haviam descarregado algumas bengaladas, tendo uma chegado a feril-o na cabeça, cõtinuava dentro da sala de espera rodeado pelos comandantes da força e pelo administrador, e quando esta autoridade lhe disse as consequências lamentáveis do que acabava de praticar, replicou:

—Cumprí um dever.

—Então, está o senhor satisfeito?—replicou o administrador.

—Não! Insatisfeito!

Nisto sente-se uma detonação e o corpo do autor do atentado cai sobre o lado esquerdo e, sem tombar para o chão, fica sentado como estava na cadeira.

Uma bala havia-lhe penetrado na região parietal esquerda, atravessára-lhe o cerebro e saíra pela mesma região, mas do lado direito, esfacelando-lhe a orelha. A morte fõra instantanea.

Assim terminou com a justiça popular o ultimo episodio, e bem tragico, da revolta de 14 de Maio.

F I M

7665







S
A